

BRUNA BERRES HARTMANN

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS COMO  
LÍNGUA ADICIONAL: ANÁLISE DO RELATO DE ALUNO ESTRANGEIRO SOBRE A  
ATUAÇÃO EM ESPAÇOS (NÃO) DIGITAIS EM CONTEXTOS ACADÊMICOS

RIO GRANDE

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE  
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LINHA DE PESQUISA: LÍNGUA(GEM), DISCURSO E ENSINO

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA AQUISIÇÃO DE PORTUGUÊS COMO  
LÍNGUA ADICIONAL: ANÁLISE DO RELATO DE ALUNO ESTRANGEIRO SOBRE A  
ATUAÇÃO EM ESPAÇOS (NÃO) DIGITAIS EM CONTEXTOS ACADÊMICOS

BRUNA BERRES HARTMANN

ORIENTADORA: PROFA. DRA. CAROLINA KNACK

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para a obtenção do título de Mestre em Estudos  
da Linguagem pelo Programa de Pós-  
Graduação em Letras da Universidade Federal  
do Rio Grande.

RIO GRANDE

2020

**Bruna Berres Hartmann**

**“A construção da identidade na aquisição de Português como língua adicional: análise do relato de aluno estrangeiro sobre a atuação em espaços (não)digitais em contextos acadêmicos.”**

Dissertação aprovada como requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de Estudos da Linguagem, do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande. A Comissão de Avaliação foi constituída por:



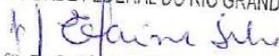
Profa. Dra. Carolina Knack  
Orientadora (FURG)



Profa. Dra. Camila Lawson Scheifer  
(FURG)

Profa. Dra. Carmem Luci da Costa Silva

(FURG)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elaine Nogueira da Silva  
Diretora do Instituto de Letras e Artes

## AGRADECIMENTOS

*À Deus, por iluminar meu caminho.*

*À professora Carolina, sempre gentil e atenciosa, que aceitou o desafio de me orientar no processo de construção deste estudo. Agradeço principalmente por sua paciência e confiança em mim.*

*Aos meus pais, Ardemio e Cleria, por me apoiarem em todas as decisões e por serem o meu porto seguro e minha âncora nos momentos de turbulência. Ao meu irmão, cunhada e afilhados pelo apoio e por compreenderem a minha ausência.*

*Ao meu namorado, Lucas, por seu apoio e carinho. Obrigada por me entender e me ajudar a suportar as crises de estresse e angústia.*

*Aos amigos, por serem.*

*A esta Universidade e ao Programa de Pós-Graduação em Letras por permitirem a continuidade de meus estudos.*

*Às professoras que, gentilmente, aceitaram o convite para compor a banca de avaliação deste trabalho: professora Dra. Camila Lawson Scheifer (FURG), professora Dra. Carmem Luci da Costa Silva (UFRGS).*

## RESUMO

Esta dissertação, a partir do diálogo entre a Linguística Aplicada e a Linguística Enunciativa de Émile Benveniste, tem como objetivo investigar, por meio do relato de um falante estrangeiro, a maneira pela qual as identidades de aprendizes de português como língua adicional, inseridos em uma universidade pública brasileira, são construídas em diferentes situações de interlocução, inclusive aquelas instanciadas em meios digitais. Discutimos a constituição da identidade e de homem como correlatas à sociedade na qual o indivíduo se propõe a atuar, em uma perspectiva de interface entre dois campos de estudos da linguagem, a Linguística da Enunciação, com bases benvenistianas, e a Linguística Aplicada. Para isso, propomos articular esses embasamentos à busca pela capacidade simbólica de posicionar-se ativa e criticamente em uma sociedade, no contexto universitário, especialmente, e em situações mediadas, também, por recursos tecnológicos. Compreendemos que além de estar apto a comunicar-se de maneira eficiente na língua em questão, ou seja, deter o domínio da forma da língua, do ponto de vista instrumental, julgamos ser necessário ao falante deter outros conhecimentos que não apenas comunicativos. Portanto, faz-se necessária a habilidade de adaptar-se aos diferentes contextos linguísticos, além de compreender e saber como participar dos jogos de poder que são estabelecidos na e pela língua, o domínio da competência simbólica. Assim, o locutor deve estar apto a compreender o contexto maior no qual está inserido, a sociedade, para, a partir disso, buscar seu espaço de atuação e ação em relação à sociedade. Para isso, analisamos recortes enunciativos coletados em entrevistas orais semiestruturadas realizadas com um aluno estrangeiro aprendiz de português como língua adicional, a partir das quais buscamos perceber a maneira como o indivíduo compreende a sua apropriação da língua e sua conversão em discursos como o meio pelo qual sua identidade é construída no convívio social, bem como a maneira como percebe a sua aquisição linguística como o meio pelo qual sua inserção na sociedade é facilitada ou não, ou seja, se lhe é propiciado o empoderamento linguístico através da apropriação do sistema da língua portuguesa. Para tanto, estipulamos como categorias de análise, de base enunciativa, o ato, a intersubjetividade, a referência e o tempo-espaço da enunciação, além de, em bases aplicadas, analisar o desenvolvimento da competência simbólica e, como resultado destas categorias, refletir sobre a construção da identidade. Como resultado, percebemos que a apropriação da língua e a sua conversão em discursos de fato propicia ao indivíduo a sua inserção na comunidade de fala, além de inseri-lo em diferentes contextos de atuação, sejam estes presenciais ou digitais. Concluímos, assim, que as identidades são constantemente (re)construídas na e pela linguagem, pois são forjadas nas relações interlocutivas e alteram-se conforme as necessidades impostas na situação comunicativa, no intuito de participar dos jogos de poder estabelecidos na linguagem.

**Palavras-chave:** Linguística da Enunciação; Linguística Aplicada; identidade; competência simbólica; cultura acadêmica.

## ABSTRACT

This work, based on the dialogue between Applied Linguistics and the Linguistics of Enunciation of Émile Benveniste, aims to investigate, through the report of a foreign speaker, the way the identities of learners of Portuguese as an additional language which are inserted in a Brazilian public university are built in different situations of dialogue, including those instantiated in digital media. We discuss the constitution of man and their identities as correlated to the society in which the individual proposes to act, in an interface perspective between two fields of language studies, the Linguistics of Enunciation, anchored in Émile Benveniste, and Applied Linguistics. To that, we propose to articulate these theoretical bases to the search for the symbolic capacity to position yourself actively and critically in a society, focusing in the university context especially in situations that are also mediated by technological resources. We understand that more than being able to communicate efficiently in the target language, that is, from an instrumental point of view, to master the form of the language, we believe it is necessary for the speaker to hold other knowledges that are not just communicative related. Therefore, the speakers need to have the ability to adapt the discourses to different linguistic contexts, besides, they have to comprehend the power games that are established in and by language, in order to participate in those games, which is the domain of symbolic competence. Thus, in order to participate, the speakers must be able to understand the larger context in which they are inserted, that is, the society, so that they will be able to seek their space to act and interact in the society. For this, we analyzed enunciative excerpts collected in semi-structured oral interviews carried out with a foreign student learning Portuguese as an additional language, from which we seek to understand the way in which the individual understands his appropriation of the language and its conversion into discourses as the means by which his identity is built on social interaction, as well as the way in which he perceives his linguistic acquisition as the means by which his insertion in society is facilitated or not, that is, if he is provided with linguistic empowerment through the appropriation of the Portuguese language system. Therefore, we stipulate as categories of analysis with an enunciative basis, the act, the intersubjectivity, the reference and the space-time of the enunciation, also, according applied linguistics theoretical bases, we analyze the development of symbolic competence and, as a result of these categories, we reflect on the construction of identity. As a result, we realized that the appropriation of the language and its conversion into speeches provide the insertion of the individual in the speech community, indeed. Also, this appropriation inserts the speaker into different contexts of performance, whether in person or digital situations. We conclude, therefore, that identities are constantly (re) constructed in and by language, as they are forged in interlocutive relationships and change according to the needs imposed in the communicative situation, so that to participate in the power games established in language.

**KEYWORDS:** Linguistics of Enunciation; Applied Linguistics; identity; symbolic competence; academic culture.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|   |       |
|---|-------|
| Figura 1: Evolução do termo “Competência Comunicativa”.....                                 | 25    |
| Quadro 1 - Eixos da segunda recepção de Benveniste no Brasil.....                           | 47    |
| Quando 2 - <i>Corpus</i> textual de pesquisa.....   | 48    |
| Quadro 3 - Conceitos-chave em <i>O aparelho formal da enunciação</i> .....                  | 58    |
| Quadro 4 - Ocorrências do termo <i>identidade</i> no <i>corpus</i> textual de pesquisa..... | 66    |
| Quadro 5 - Definições de identidade.....  | 75-76 |
| Quadro 6 - Questões mediadoras da entrevista.....   | 82    |
| Quadro 7 - Síntese das categorias de análise.....   | 87    |
| Quadro 8 - Definições de subjetividade, intersubjetividade e identidade.....                | 88    |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....  | 9  |
| CAPÍTULO 1 .....  | 16 |
| COMO AS IDENTIDADES SÃO CONSTRUÍDAS EM UM CONTEXTO DE LÍNGUA ADICIONAL? .....   | 16 |
| 1.1 A Linguística Aplicada e o tema da identidade .....   | 16 |
| 1.2 Discursos significativos: a emersão da competência simbólica .....  | 23 |
| 1.3 O contexto digital e a relação com o tema identidade .....  | 28 |
| 1.4 O espaço digital e o meio acadêmico.....  | 35 |
| CAPÍTULO 2 .....  | 43 |
| COMO A LÍNGUA CONSTITUI O HOMEM EM SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE? .....   | 43 |
| 2.1 Estudos Enunciativos: a constituição de um campo com vocação interdisciplinar .....   | 43 |
| 2.2 Benveniste e o <i>homem na língua</i> .....   | 50 |
| 2.2.1 A constituição da enunciação.....   | 56 |
| 2.3 Os fundamentos da relação língua-indivíduo-sociedade .....  | 59 |
| 2.4 A construção da identidade a partir de deslocamentos da teoria enunciativa.....   | 65 |
| 2.5 A Linguística Aplicada e a Linguística da Enunciação: encaminhamentos para um trabalho de interface considerando a relação com o contexto digital ..... | 70 |
| CAPÍTULO 3 .....  | 78 |
| RELATOS ENUNCIATIVOS: PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS E SUA CONVERSÃO EM FATOS LINGUÍSTICOS .....   | 78 |
| 3.1 Fundamentos metodológicos gerais de configuração de um <i>corpus</i> de análise: da coleta à transcrição dos dados .....                                | 79 |
| 3.1.1 <i>O Programa de Português para Estrangeiros e os critérios para a constituição do corpus de análise</i> .....  | 80 |
| 3.1.2 <i>A conversão dos atos enunciativos em dados para a análise: critérios de transcrição</i> .....  | 83 |
| 3.2 Procedimentos analíticos: as categorias de análise.....   | 84 |
| CAPÍTULO 4 .....  | 91 |

|   |     |
|---|-----|
| A APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA E SUA CONVERSÃO EM DISCURSO: ANÁLISE DO RELATO DE UM ALUNO APRENDIZ DE PLA .....  | 91  |
| 4.1 Ponderações analíticas sobre a <i>referência</i> instanciada no relato: o que a produção discursiva revela sobre o falante em contexto de aprendizagem de português como língua adicional? .....  | 92  |
| 4.2 Ponderações analíticas sobre as macro-mudanças na relação do aluno com a língua, a sociedade e sua construção identitária: o que a produção discursiva revela sobre o falante em contexto de aprendizagem de português como língua adicional? ..... | 100 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....  | 110 |
| REFERÊNCIAS .....   | 115 |
| ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....  | 119 |

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há muito questões acerca da aprendizagem de línguas permeiam os mais variados campos de estudos da linguagem, gerando diversas reflexões acerca dos processos pelos quais a aprendizagem de uma língua adicional acontece. Dentre tais reflexões, há a abordagem de questões identitárias relacionadas à aprendizagem de línguas adicionais<sup>1</sup>, abordagem que fica, em sua maioria, restrita a uma parcela de pesquisadores do campo intitulado como Linguística Aplicada, campo a ser contextualizado e discutido no primeiro capítulo deste trabalho. Contudo, mesmo que apareça com certa frequência no campo da Linguística Aplicada, a questão identitária ainda merece ser mais discutida quando se trata de ambientes virtuais de comunicação.

Sempre defendi que aprender uma outra língua é mais do que apenas deter o domínio da gramática da língua. Pelo contrário, acredito na possibilidade de modificação pessoal com vistas à língua em aprendizagem. É pela língua que temos a chance de traduzir experiências, (re)significar<sup>2</sup> momentos vividos e moldar a forma como nos portamos, como nos posicionamos e como somos vistos em uma comunidade de fala. É nesse aspecto que esta pesquisa será pautada. Propomo-nos<sup>3</sup> a refletir acerca da construção identitária de aprendizes de língua adicional, buscando compreender e analisar os relatos destes sujeitos quando pensam acerca de suas atuações discursivas em dois contextos distintos de produção linguística, em situações comunicativas face a face e em situações permeadas por meios digitais de comunicação, em situações enunciativas relacionadas ao meio acadêmico.

Esta pesquisa surge de uma inquietação suscitada durante o período em que ministrei um curso de Português para Estrangeiros, em um projeto de extensão, na Universidade Federal de Pelotas, quando estava prestes a concluir o curso de Licenciatura em Letras. Naquela oportunidade, reforcei minha convicção de que o domínio da forma linguística, ou seja, a compreensão de estruturas gramaticais e questões de vocabulário não eram suficientes para que aqueles alunos estrangeiros pudessem inserir-se na comunidade acadêmica de forma ativa, pois,

---

<sup>1</sup> A eleição do termo “língua adicional” em detrimento aos termos “língua estrangeira” e “segunda língua” é discutida no primeiro capítulo deste trabalho.

<sup>2</sup> A ideia de dar destaque ao prefixo (re) neste trabalho é inspirada em outros trabalhos da área enunciativa; o prefixo é compreendido como o ato de novamente produzir significações por meio da linguagem.

<sup>3</sup> A alternância de pessoa verbal na escrita acontece pelo fato de que, ao apresentar aspectos em primeira pessoa do singular, explano minhas vivências e percepções como autora do trabalho. Já a primeira pessoa do plural é utilizada para a apresentação da proposta e das reflexões inerentes ao trabalho realizado sob orientação.

conforme relatavam, não conseguiam assimilar as informações que recebiam, de maneira a que estas fizessem sentido às suas próprias vivências como acadêmicos. Isto é, a compreensão da forma da língua acontecia, contudo, permanecia sendo insuficiente para a atuação do aluno naquela comunidade, visto que mesmo com o domínio da estrutura formal da língua, estes alunos não eram capazes de relacionar os discursos às suas vivências e, por conseguinte, não se sentiam aptos a expor suas convicções quando produziam seus discursos. Aqui, cabe frisarmos que, ao referirmo-nos aos “alunos estrangeiros” neste trabalho, fazemos menção àqueles alunos provenientes de outros países, que não o Brasil, e que participam de programas de intercâmbio universitário entre sua instituição de origem e a universidade brasileira.

Ao adentrar no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rio Grande, tive a oportunidade de conhecer o trabalho do linguista Émile Benveniste, o qual afirma que

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1976, p. 285).

Conhecer o trabalho do autor e a sua busca por evidenciar as relações constitutivas entre língua e sociedade e língua e homem reafirmou meu desejo de compreender a produção discursiva em um contexto de língua adicional, e o motivo pelo qual, em algumas situações, estes enunciados não eram capazes de evidenciar, de fato, o que o locutor se propusera a enunciar. Isso porque se a condição de sociedade, conforme aponta Benveniste, é encontrarmos um homem falando com outro homem, é necessário que este homem, na condição de locutor, se torne sujeito ao participar das vivências da comunidade na qual está inserido e, se os discursos que produz não propiciam essa inserção, buscamos compreender como é, então, possível que se torne atuante e participativo naquela comunidade de fala que pressupõe certas maneiras de enunciar.

Durante sua jornada de teorizações acerca da língua e sua relação com o mundo, Émile Benveniste (1902-1976) não realizou estudos referentes a questões de aquisição de línguas, nem sobre questões referentes às modificações identitárias ocasionadas em virtude da adaptação ao sistema linguístico e à sociedade. Contudo, deslocamentos de suas reflexões enunciativas vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores, deslocamentos estes derivados de uma perspectiva enunciativa articulada ao “conjunto da teoria da linguagem de Benveniste, tendo em vista uma teorização comum ao campo das ciências humanas em geral” (FLORES, 2017, p. 77). Apesar

de ocorrerem deslocamentos teóricos, não localizamos, *a priori*, estudos em que convirjam análises enunciativas e de identidade, nos quais sejam levados em consideração o desenvolvimento de reflexões acerca do uso da língua com vistas ao empoderamento dos aprendizes de uma língua adicional.

Retornando ao campo da Linguística Aplicada, Bonny Norton (2013), expoente em trabalhos sobre identidade, afirmava que pesquisas voltadas ao desenvolvimento de questões identitárias deveriam levar em consideração a forma como as relações de poder poderiam ou, de fato, afetariam o acesso que tais aprendizes teriam àquela comunidade linguística, o que nos leva à compreensão de que o domínio linguístico-discursivo é parte essencial para o estabelecimento e ativa atuação nos jogos de poder situados em uma sociedade. No entanto, também devemos considerar que aprendizes de línguas estão, simultaneamente, desenvolvendo competências linguísticas e, possivelmente, modificando concepções acerca de si mesmos com base na sociedade na qual estão inseridos.

Por este motivo, buscamos estabelecer *pontos de contato* entre o campo da Linguística Aplicada e o campo da Linguística da Enunciação, a partir de teorizações benvenistianas, relacionando-os ao desenvolvimento da capacidade simbólica dos falantes para realizar a discussão acerca do seu desenvolvimento identitário.

Sobre diálogos interdisciplinares, Teixeira (2012) nos lembra que empreender interlocuções entre diferentes áreas não é uma tarefa simples, visto que deter os conceitos e resultados de reflexões de tais disciplinas não nos é suficiente. A autora afirma ser necessário o estabelecimento de um tema cuja complexidade e abrangência faça jus ao diálogo entre áreas, e que, além disso, é necessário a delimitação de um ponto a partir do qual um canal de comunicação e interlocução seja estabelecido, demarcando um *centro geométrico* a partir do qual o objeto será estudado.

Tendo isso em vista, estabelecemos a discussão acerca da construção identitária a partir da linguagem como nosso tema para debate, definindo como objeto de análise a produção discursiva de aprendizes de português como língua adicional. Ao analisarmos o caráter de abrangência do tema, encontramos suporte nas reflexões sobre linguagem apresentadas nas teorizações enunciativas de Benveniste, ao afirmar que “é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante” (BENVENISTE, 2006, p. 101). Ou seja, é através da produção discursiva que um falante é capaz de tornar-se atuante em uma sociedade. Assim, nosso centro geométrico dar-se-á com base nas reflexões oriundas do campo enunciativo de análise linguística, para, então, partirmos

para ponderações relacionadas ao campo da Linguística Aplicada (LA), área a qual tomamos por base para apresentar aspectos centrais nas teorizações sobre a identidade no processo de aprendizagem de uma língua adicional, assim como o desenvolvimento da capacidade simbólica deste aprendiz, discutindo os usos linguísticos e competências necessárias para a comunicação satisfatória. Assim, a partir do centro geométrico da Linguística da Enunciação, passamos a olhar para a área da Linguística Aplicada, especialmente em tópicos que tangem o desenvolvimento da competência simbólica. Sobre isso, no campo da LA, deparamo-nos com teorizações que apontam a necessidade de o falante deter o domínio de outras capacidades que não apenas a competência da forma linguística. Quanto a isso, Kramsch (2006, p. 252) afirma que “a competência comunicativa não deriva da informação sozinha, mas do poder simbólico que vem a partir da interpretação dos signos e de suas múltiplas relações com os outros signos”.

Com base nisso, temos estabelecido nosso ponto de interlocução entre as duas áreas de reflexões linguísticas, a Linguística da Enunciação a partir de Benveniste e a Linguística Aplicada. Ambos os campos de teorizações possuem ambiente profícuo para reflexões acerca da capacidade de o falante produzir língua de forma significativa, compreendendo questões que ultrapassem aspectos do reconhecimento da forma e que alcancem questões semântico-discursivas. Temas estes que nos habilitam discutirmos a respeito do modo como o indivíduo interpreta e compreende os signos envolvidos nas produções linguísticas, despontando aspectos a serem discutidas no desenvolvimento desta dissertação.

Ao colocarmos em relação estudos da Linguística Enunciativa e da Linguística Aplicada, propomo-nos a pensar sobre a constituição da identidade de aprendizes de línguas adicionais. Sob esta perspectiva, surgiram alguns questionamentos: se a produção discursiva não acontece de maneira a desempenhar a função de inserção do indivíduo naquela comunidade de fala, de que forma a identidade daquele aprendiz seria forjada de acordo com a língua em questão? Mais do que isso, de que maneira, então, este aprendiz seria capaz de atuar em diferentes sistemas sígnicos existentes na sociedade, especialmente aqueles presentes em meios tecnológicos e digitais<sup>4</sup>? Haveria, portanto, não uma identidade, mas identidades forjadas nas diferentes situações discursivas e sociais?

---

<sup>4</sup> Entendemos o termo *tecnologia* conforme o apresentado por Kenski (2003, p. 12): “ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de ‘tecnologia’”. Em nosso caso, referimo-nos à tecnologia derivada a partir do momento da criação dos computadores e do surgimento da era virtual. Por *digital*, seguimos o pressuposto de Santaella (2003, p. 71), que classifica o *digital* como um espaço no qual qualquer mensagem é capaz de ser comprimida em dados, recebida, estocada, tratada e difundida via ciberespaço. As discussões sobre tecnologia, meio digital e mediação pela internet são apresentadas nas seções 1.3 e 1.4 deste trabalho.

Propomos um trabalho de interface entre os campos da Linguística Enunciativa, recorrendo às teorizações benvenistianas acerca da linguagem e o relacionamento entre homem-homem e homem-sociedade, assim como as teorizações da área da Linguística Aplicada, quando esta trata de questões identitárias e a habilidade de atuação nos jogos de poder estabelecidos pelos usos linguísticos. Com base nisso, propomos como problema de pesquisa a exploração dos discursos que alunos aprendizes de português como língua adicional produzem acerca de sua própria atuação na comunidade linguística. Assim, como objetivo geral, procuramos *investigar, por meio dos relatos dos falantes, a maneira pela qual as identidades do aprendiz são construídas em diferentes situações de interlocução, inclusive aquelas instanciadas em meios digitais*. Para este fim, elegemos como objeto de análise o relato produzido por estes alunos, buscando compreender de que forma este *homem falando a outro homem* enuncia os seus discursos e o que estes discursos dizem sobre si mesmo. A partir dos relatos coletados elegemos um aluno para as análises empreendidas nesta pesquisa.

Portanto, esta dissertação tem quatro objetivos específicos: i) refletir sobre a construção da identidade amparando-se em reflexões teóricas enunciativas benvenistianas e sua interlocução com reflexões da área aplicada; ii) analisar, por meio do relato coletado em entrevistas semiestruturadas realizadas com aluno estrangeiro inserido no contexto universitário brasileiro, a forma como o aprendiz significa a construção de sua identidade, tendo por base as reflexões suscitadas em estudos enunciativos benvenistianos e da Linguística Aplicada; iii) com base nos relatos, depreender a maneira pela qual a aquisição do português como língua adicional possibilita o empoderamento e a inserção do aprendiz na comunidade linguística em que encontra-se inserido; e iv) a partir das noções sistematizadas a partir dos relatos, perceber se e de que forma a identidade é forjada nas relações sociais, inclusive quando mediadas por recursos tecnológicos.

Para que possamos cumprir com os objetivos acima descritos, propomos um estudo com análise de dados em caráter qualitativo, tendo por instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada ou, conforme apontado por Gil (2008), por pautas, pois compreendemos a produção discursiva, o colocar a língua em uso, como o meio pelo qual o falante é capaz de gerar testemunhos sobre si mesmo, assim como reflexões acerca de seus usos linguísticos.

As entrevistas ocorreram com alunos estrangeiros inseridos nos programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas que, voluntariamente, desejaram participar da pesquisa a partir de divulgação do trabalho. Para isto, os alunos estrangeiros deveriam atender

às seguintes delimitações: a) ter passado pelo processo de instrução formal em língua portuguesa, através dos cursos do programa de Português para Estrangeiros daquela universidade; b) considerar seu domínio de língua satisfatório no que diz respeito à capacidade de posicionamento e expressão de pensamentos na língua em questão e c) fazer uso de recursos tecnológicos para a comunicação com seus pares do meio acadêmico. Cabe ressaltar que as coletas de dados apenas tiveram início após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Rio Grande (CEP – FURG<sup>5</sup>). Lembramos que após as coletas de entrevistas selecionamos os relatos de um participante para a análise realizada neste estudo.

Com vistas a expressar os princípios fundantes desta pesquisa, apresentando ponderações enunciativas benvenistianas acerca da constituição da sociedade e do homem como falante, além de questões identitárias, provenientes da área da linguística aplicada, dividimos o trabalho em quatro capítulos. O primeiro, intitulado “Como as identidades são construídas em um contexto de Língua Adicional?” tem por objetivo a fundamentação de nossas reflexões acerca das questões identitárias e da competência simbólica, com base em teóricos do campo da Linguística Aplicada, buscando tecer conexões entre o tema da identidade e a atuação em meios digitais.

No segundo capítulo, “Como a língua constitui o homem em sua relação com a sociedade?”, trazemos reflexões acerca das teorizações de Émile Benveniste, especialmente no que tange às relações entre homem e sociedade, a característica fundante da linguagem, apresentando deslocamentos da teoria enunciativa para a análise de produções discursivas em contextos digitais, além de apresentarmos o ponto de conexão entre as duas perspectivas de estudos da linguagem aqui utilizadas, a aplicada e a enunciativa.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia pela qual realizamos a coleta dos dados. Nesta seção apresentamos a população escolhida para a coleta dos dados, o motivo pelo qual escolhemos por metodologia para a coleta dos dados a entrevista semiestruturada, as questões norteadoras destas entrevistas, assim como delineamos as categorias pelas quais a entrevista será analisada e discutida no capítulo posterior.

Por fim, analisamos a entrevista no quarto capítulo. O campo de estudos enunciativos a partir de Émile Benveniste não propõe um modelo de análise de língua, contudo, existem questões teóricas e epistemológicas para a abordagem da língua que se constituem como um ponto de vista tanto para a coleta quanto para a análise dos dados. Dessa forma, pelo fato de os estudos enunciativos não desenvolverem análises da língua relacionando-as a questões de

---

<sup>5</sup> Processo número 23116.002510/2019-38, aprovado em 31 de maio de 2019 (vide Anexo A)

identidade, propomos algumas categorias de análise visando à reflexão do uso de língua, examinando: i) o ato enunciativo, buscando compreender as formas como o falante coloca a língua em uso em vistas do seu alocutário, o que nos leva à questão benvenistiana da intersubjetividade; ii) a intersubjetividade, como forma de compreender a relação do locutor com seus alocutários na vida em sociedade, buscando conhecer qual é o local de fala e perceber para quem este indivíduo fala, ao abordar a questão da subjetividade; iii) refletir acerca da forma e sentido na língua, percebendo de que maneira o sujeito faz uso dos elementos linguísticos que dispõe para construir sentido, com vistas a fazer-se ouvido e acreditado naquela sociedade; iv) com base nas reflexões anteriores, perceber como a transposição do *tempo-espaço* de uma situação face a face a uma em um ambiente virtual influencia, ou não, a produção discursiva dos sujeitos; e por fim, v) buscar conhecer o modo como o sujeito constrói-se discursivamente e identitariamente na sociedade na qual está inserido.

Portanto, buscamos compreender de que forma a identidade do aprendiz de língua adicional é construída em seus discursos em diferentes situações de interlocução, inclusive aquelas instanciadas em meios digitais. Partindo da análise do relato do aprendiz, discutimos o uso do português como língua adicional, bem como frustrações ou sucessos dos alunos no que diz respeito ao desenvolvimento linguístico satisfatório para a atuação na vida em sociedade, como forma de promover maiores reflexões acerca do processo de ensino-aprendizagem da língua e da atuação do profissional de educação quando atuando em ambientes de ensino no qual diversas culturas estejam presentes.

## **CAPÍTULO 1**

### **COMO AS IDENTIDADES SÃO CONSTRUÍDAS EM UM CONTEXTO DE LÍNGUA ADICIONAL?**

A proposta deste capítulo é transitar pelos embasamentos da Linguística Aplicada no que se refere à temática de identidade, de modo a poder refletir, a partir de tais bases, acerca de processos que um aprendiz de língua adicional percorre ao construir sua identidade em um contexto de língua não materna, tendo como eixos norteadores as ponderações suscitadas no campo da Linguística Aplicada e que propiciem, no capítulo seguinte, a instauração de uma interlocução com as teorizações apresentadas nos estudos da Linguística Enunciativa a partir de Émile Benveniste. Para isso, neste capítulo, objetivamos: apresentar o campo da Linguística Aplicada, além de refletir sobre o tema da identidade, comumente apresentado nesta área (1.1); discutir a habilidade de falantes não nativos em posicionarem-se em diferentes contextos comunicativos, ou seja, a construção da competência simbólica, aptidão através da qual a língua passa a ser produzida de forma condizente com a realidade do falante (1.2); refletir sobre os contrapontos entre situações de interlocução face a face e aquelas mediadas por contextos digitais e tecnológicos no que se refere às questões identitárias e de competências anteriormente mencionadas, considerando a maneira pela qual as identidades são possíveis de serem estabelecidas em ambos os contextos (1.3); e, por fim, discutir a utilização de recursos tecnológicos como ferramentas de comunicação e aprendizagem, convergindo para reflexões acerca da construção de identidades em contextos acadêmicos nos quais esses recursos são utilizados (1.4).

#### **1.1 A Linguística Aplicada e o tema da identidade**

Como esta pesquisa coloca em relação dois campos de estudos da linguagem, julgamos necessário iniciarmos esta seção realizando uma contextualização e apresentando a evolução da área denominada Linguística Aplicada. O campo de estudos da linguagem da Linguística Aplicada tem seu início nos anos de 1940, durante a segunda guerra mundial, quando surge do imperativo por metodologias de ensino e aprendizagem de línguas adicionais. Cavalcanti

(1986) afirma que a área “foi vista por muito tempo como uma tentativa de aplicação da Linguística (Teórica) à prática de ensino de línguas” (CAVALCANTI, 1986, p. 5). Ou seja, no início dos trabalhos da área, recorria-se à Linguística, especialmente àquelas teorizações com base em conjecturas estruturalistas e gerativistas, para a fundamentação de metodologias e procedimentos de ensino e aprendizagem de línguas.

Já no final da década de 1970, Widdowson (1979) estabelece uma distinção entre a área Linguística Aplicada e as aplicações linguísticas que vinham sendo realizadas até o momento, ao afirmar que “a Linguística Aplicada só pode ser uma área autônoma de investigação na medida em que se livrar da hegemonia da linguística e negar as conotações de seu próprio nome” (WIDDOWSON, 1979, p.235 *apud* MOITA LOPES, 2011 p. 15). Contudo, inicialmente o campo tem seu foco em questões relacionadas ao ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, sobretudo a língua inglesa. É apenas com a publicação do trabalho de Widdowson (1979) que a área passa por modificações, distinguindo as aplicações linguísticas da área intitulada Linguística Aplicada. Moita Lopes (2011) afirma que a partir da publicação de Widdowson entende-se que

Nenhuma área do conhecimento pode dar conta da teorização necessária para compreender os processos envolvidos nas ações de ensinar/aprender línguas em sala de aula devido a sua complexidade. Aqui o pensamento de Widdowson proporciona um avanço: a um só tempo nos livramos da relação unidirecional e aplicacionista entre teoria linguística e ensino de línguas e abrimos as portas para outras áreas do conhecimento de forma a se operar de modo interdisciplinar (MOITA LOPES, 2011, p. 16).

Com isso, compreende-se a necessidade de discernimento acerca dos processos pelos quais línguas são ensinadas e aprendidas e, para que tal entendimento ocorra, faz-se necessária a inclusão de outras áreas do conhecimento, não apenas a Linguística, dando início, assim, a uma perspectiva *indisciplinar*<sup>6</sup> de análise da língua, discernimento que gerou a *primeira virada* da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2011).

A *segunda virada* na área acontece, especificamente no Brasil, a partir dos anos 90, quando pesquisadores deixam de investigar a língua unicamente em contextos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras e de estudos da tradução. Nesse período, “o campo começa a pesquisar contextos de ensino e aprendizagem de língua materna, no campo dos letramentos, e de outras disciplinas do currículo, e em outros contextos institucionais” (MOITA

---

<sup>6</sup> Segundo Moita Lopes (2011), é uma área tida como indisciplinar porque “reconhece a necessidade de não se constituir como disciplina, mas como uma área mestiça e nômade, e principalmente porque deseja ousar pensar de forma diferente [...] para compreender o mundo atual” (MOITA LOPES, 2011, p. 19).

LOPES, 2011, p. 17). Passa-se, então, a refletir sobre a linguagem<sup>7</sup> e suas influências nas práticas sociais dos indivíduos. Por conceber o uso da língua como formadora da vida social, o foco das análises deixa de acontecer apenas em ambientes educacionais, de ensino e aprendizagem de línguas, especialmente a língua inglesa, e passa a ter como espaço de exame os mais variados setores de convívio social. Portanto, a língua passa a ser analisada em busca de soluções para “os problemas de uso da linguagem situados na práxis humana” (MOITA LOPES, 1996, p. 3 *apud* MOITA LOPES, 2011, p. 18).

Também conhecida como *virada linguística e cultural*, *virada crítica*, ou *virada icônica*, a *segunda virada* passa por uma *revisão de suas bases epistemológicas*, conforme aponta Fabrício (2006, p. 48). Segundo a autora, a compreensão de que a linguagem é uma prática social acarreta na compreensão de que estudos da linguagem também levam a estudos da sociedade e da cultura das quais tal linguagem faz parte. Ainda, de que as produções discursivas não são neutras e que “são atravessadas por relações de poder que provocam diferentes efeitos no mundo social” (FABRÍCIO, 2006, p. 48), assim como a compreensão de que sentidos são construídos com base em *uma multiplicidade de sistemas semióticos*.

Com base nesta segunda virada, o sujeito em Linguística Aplicada deixa de ser homogêneo, branco, heterossexual e de classe média, conforme a ciência moderna preconizava, e, conforme aponta Moita Lopes (2006), passa a ser compreendido como um sujeito social de natureza fragmentada, heterogênea, contraditória e fluida, construído no mundo social e nas relações discursivas concebidas em espaços sociais.

Ao adotar uma perspectiva indisciplinar com foco em um indivíduo heterogêneo, histórico e exposto às práticas discursivas nas quais está inserido, busca-se a compreensão dos problemas sociais nos quais este falante está imerso e as formas como o uso da língua o influenciam, o que propicia o surgimento de um vasto campo de análises e teorizações com base linguística. Dentre estes encontramos o tema da identidade, a partir do qual busca-se compreender a constituição desse indivíduo heterogêneo desenvolvido a partir da língua que faz uso.

A questão da identidade tem se tornado ponto central de discussões a respeito de aquisição de segunda língua, assim como acerca do ensino de línguas, conforme assinala Norton (2013). Analisar processos de aquisição de línguas adicionais atrelando a isto o fato da construção identitária pressupõe a ponderação acerca do indivíduo e sua relação para com a

---

<sup>7</sup> Em Linguística Aplicada, a linguagem é concebida como a faculdade cognitiva que permite aos homens aprender uma língua, enquanto a língua é vista como um sistema através do qual relações sociais são estabelecidas.

comunidade de fala na qual será inserido. Tendo isso em vista, tomamos por base algumas questões metodológicas apresentadas por Norton (2013) ao considerarmos a relevância da questão da identidade na aquisição de outra língua.

A autora afirma que a reflexão acerca da maneira como as identidades são construídas em um contexto de língua adicional deve levar em consideração a posição social a partir da qual o falante é capaz de produzir seus discursos ao apresentar a íntima relação entre as situações de jogo de poder que se estabelecem por meio da língua. Ao adotar esta perspectiva teórico-metodológica, torna-se possível perceber, de um lado, de que forma aquele é capaz de explicar seus ideais, e, de outro lado, perceber se o seu discurso o marginaliza e o impossibilita na exposição da construção de seus pensamentos, importantes implicações na possibilidade de aprendizagem da língua em questão e, portanto, na sua construção social dentro daquela comunidade linguística, por conseguinte, na formação de sua identidade.

Diante disso, recorreremos a Weedon (1997 *apud* NORTON, 2013) que descreve a língua como o meio pelo qual formas de organização social são estabelecidas, além de afirmar ser a língua “o local onde nosso senso sobre nós mesmos, nossa subjetividade, é construído”<sup>8</sup> (tradução nossa). Isto é, aprender uma língua adicional implica a reestruturação identitária de um falante, visto que a sua subjetividade passa a ser alterada com vistas à sua atuação naquela outra língua, reorganizando suas concepções acerca de si mesmo, assim como sobre suas relações para com a comunidade na qual está inserido.

No Brasil, em consonância com as tendências mundiais, pesquisas acerca da identidade também apresentam vasta gama de teorizações, especialmente no que tocam ensino e aprendizagem de línguas, tanto maternas como adicionais, a exemplo da tese *Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do caos e dos sistemas complexos* apresentada por Resende (2009), na qual a autora apresenta a identidade como um construto da contemporaneidade, vinculando-a às teorias do Caos e da Complexidade, com vistas a apresentar as alterações identitárias oriundas da aquisição de língua estrangeira, no caso, a língua inglesa.

Ao focalizarmos especificamente a questão do ensino e aprendizagem de língua portuguesa em uma perspectiva de língua adicional, encontramos o trabalho de dissertação de Araújo (2017), no qual a autora aborda, em *O ensino de português como língua adicional na web: uma análise multimodal*, aspectos dos signos presentes na utilização de recursos advindos da *web* para o ensino da língua portuguesa em um contexto de língua adicional, buscando

---

<sup>8</sup> No original: “It is also the place where our sense of ourselves, our subjectivity, is constructed” (WEEDON 1997, p. 21 *apud* NORTON 2013 p. 4).

perceber se e de que forma um *website* favoreceria o ensino da língua. Ainda, na dissertação *Português como língua estrangeira e tecnologias digitais: uma experiência com o grupo de discussão on-line no contexto do PEC-G*, Garofalo (2014) discute a utilização de recursos tecnológicos, por parte de alunos de português como língua adicional participantes de programas de intercâmbio acadêmico, no contexto educacional universitário, buscando compreender de que maneira um grupo de discussões *online* é capaz de contribuir para a aprendizagem da língua alvo.

Ao realizarmos o mapeamento de trabalhos de dissertação e tese na plataforma CAPES, percebemos uma lacuna de teorizações no que tange à construção das identidades de aprendizes de língua adicional no qual o foco da aprendizagem dá-se na língua portuguesa. Também não encontramos trabalhos no qual houvesse reflexões acerca da utilização de recursos tecnológicos em contexto acadêmico sob a lente do Português como Língua Adicional (PLA) e o seu relacionamento com a questão identitária.

Sobre as pesquisas na área de PLA, Furtoso (2015) realiza um mapeamento de teses e dissertações desenvolvidas à luz do português como língua adicional. Dentre os temas recorrentes encontram-se a produção de materiais didáticos para o ensino-aprendizagem, trabalhos de análise/descrição linguística, os contextos de sala de aula e de ensino e aprendizagem, aspectos relacionados ao exame Celpe-Bras<sup>9</sup>, assim como questões acerca da formação dos profissionais atuantes no ensino de PLA. Tendo por base o mapeamento, torna-se perceptível a lacuna a partir da qual este trabalho propõe reflexões.

Cabe aqui ressaltar a escolha terminológica utilizada neste trabalho. Optamos pela utilização da sigla PLA, Português como Língua Adicional, pois concordamos com o posicionamento de Cunha (2007), quando afirma que

Ao escolhermos os termos que descrevem essas situações, escolhemos palavras que descrevem o mundo social que nos cerca. Ao fazermos nossas escolhas, posicionamos perante esse mundo em um comprometimento que não é só acadêmico, mas sobretudo político (CUNHA 2007 p. 28 *apud* FURTOSO 2015, p. 157).

Dessa forma, acreditamos que, ao nomear uma língua a aprender como *língua estrangeira*, envolvemo-nos na questão referente ao posicionamento do aprendiz em relação à língua alvo, ocorrendo aí uma relação de subordinação, visto que este não aprenderia a língua para apropriar-se e utilizá-la como *sua* língua. O que queremos dizer é que, ao nomear a língua

---

<sup>9</sup> O Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras) é o exame brasileiro oficial para certificar proficiência em português como língua estrangeira.

como “estrangeira” está implicada a questão de não identificação com determinada língua, pois esta é vista como a língua do outro, do estrangeiro, em outras palavras, a língua que não é minha. Tal perspectiva impactaria negativamente, pensamos, a construção da identidade do aprendiz naquela determinada língua, visto que sugere a impossibilidade de enxergar-se como ser atuante do processo linguístico e comunicativo e construiria uma identidade com característica de subordinação. Isso porque, conforme aponta José Manuel Mendes, as identidades

emergem da narrativização do sujeito e de suas vivências sociais, e na natureza necessariamente ficcional deste processo não afeta a eficácia discursiva, material ou política das mesmas. As identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas (MENDES *apud* SOUSA SANTOS, 2011, p. 506).

Ou seja, construímo-nos com e pela língua, moldamos nossas formas de dizer às determinadas situações discursivas nas quais estamos inseridos e a partir de tais situações nossas identidades passam a ser forjadas. Se enxergarmos a língua como “estrangeira”, buscaremos a adaptação aos costumes e ideais do outro e não a moldaríamos de acordo com nossas próprias crenças e perspectivas, o que impossibilitaria a construção de uma identificação na língua que condiga com a real conjuntura do falante.

Já em relação ao termo “segunda língua”, acreditamos que tal denominação seja problemática visto que muitos aprendizes já possuem o domínio de outras línguas que não suas línguas maternas, o que, em questões terminológicas, não condiz com a relação entre o aluno e a língua a aprender. E é por este motivo que concordamos com o que afirmam Leffa e Irala (2014) ao conceitualizar o termo “língua adicional”:

O uso do termo “adicional” traz vantagens porque não há necessidade de se discriminar o contexto geográfico (língua do país vizinho, língua franca ou internacional) ou mesmo as características individuais do aluno (segunda ou terceira língua). Nem mesmo os objetivos para os quais o aluno estuda a língua precisam ser considerados nessa instância (LEFFA; IRALLA, 2014, p. 32-33).

Realizada a explanação acerca da terminologia utilizada neste trabalho, desejamos ainda apresentar o ponto de vista sob o qual discutimos a questão identitária. Ao revisitar diversas teorizações sobre questões identitárias, deparamo-nos com o trabalho de Silva (2000) que, no artigo *A produção social da identidade e da diferença*, compreende a identidade como um construto linguístico, diverso e não estável, perspectiva pertinente à elaboração da teorização que propomos neste estudo e que será posta em relação com teorizações enunciativas no capítulo seguinte. Isso posto, apresentamos uma assertiva do autor:

Identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato. Não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. **A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas.** A identidade está ligada a sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, T. T., 2000, p. 97, grifos nossos).

Ao perceber a identidade como um construto linguístico-discursivo, relacionada à narrativização, como aponta Silva (2000), compreendemos que o falante tem a possibilidade de construir e assumir diversas identidades que condigam com a situação e meio no qual está inserido. Entendemos que essa fluidez refere-se à maneira como o falante enxerga a si mesmo naquele meio sociocultural, assim como a forma pela qual relaciona-se discursivamente com aqueles que o cercam. Ainda, por compreender a construção da identidade como a possibilidade de redefinição pessoal, conforme o meio, lembramos o que afirma Rajagopalan (2003), que ao discutir o ensino e a aprendizagem de uma língua adicional afirma ser

Cada vez mais urgente entender o processo de ‘ensino-aprendizagem’ de uma língua “estrangeira” como parte integrante de um amplo processo de redefinição de identidades. As línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. **As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria.** Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, **quem aprende uma língua nova está se redefinindo como pessoa** (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69, grifos nossos).

Aprender uma língua diferente traz consigo, como mencionado acima, a possibilidade de vivência em diferentes contextos socioculturais e, conseqüentemente, a produção de diferentes identidades culturais, assim como a emersão de empoderamento linguístico e intelectual. Os usos linguísticos são, como convenção, práticas sociais, no entanto, tais práticas sociais são organizadas de acordo com as posições que cada falante ocupa nos jogos de poder da linguagem, assim como o contexto no qual esta língua é produzida. Sobre isso, recorreremos também à Pierre Bourdieu (1991) que afirma que

A competência [discursiva], adquirida em um contexto social e pela prática, é inseparável do domínio prático de um uso da linguagem e do domínio prático de situações nas quais esse uso da linguagem é *socialmente aceitável*. **O senso do valor dos próprios produtos linguísticos é uma dimensão fundamental do senso de conhecer o lugar que se ocupa no espaço social** (BOURDIEU, 1991, p. 82, tradução nossa, grifo itálico do autor, grifo negrito nosso).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> No original: “Competence, which is acquired in a social context and through practice, is inseparable from the practical mastery of a usage of language and the practical mastery of situations in which this usage of language is

Ou seja, as produções discursivas relacionam-se com o local de fala ocupado em uma comunidade de fala, os jogos de poder estabelecidos na linguagem. Para compreender o seu local de fala e, conseqüentemente, assumir uma identidade naquele espaço, o domínio da competência discursiva torna-se essencial. Além disso, o autor afirma que todo discurso apenas tem a atribuição de um valor social quando faz referência e é compreendido com base naquele que o produz, assim como naquele(s) que o recebem nas relações sociais.

Norton (1995) sugere que a(s) identidade(s) de um falante modifica(m)-se conforme as relações sociais e econômicas nas quais se insere também se alteram, o que vem ao encontro do termo “investimento” cunhado pela autora. Norton percebe o aprendiz como detentor de um *background* histórico-social e que “investe” na língua em questão, com vistas a ampliar seu repertório linguístico e cultural. Dessa forma,

A noção pressupõe que, quando os aprendizes de língua falam, eles não apenas trocam informações com os falantes do idioma alvo, mas também organizam e reorganizam constantemente um senso de quem são e como se relacionam com o mundo social. Assim, o investimento na língua-alvo é, também, um investimento na identidade do aluno, uma identidade que muda constantemente no tempo e no espaço (NORTON, 1995, p. 18, tradução nossa).<sup>11</sup>

Com base nesse posicionamento, encontramos suporte nas discussões apresentadas pela linguista Claire Kramsch que, ao discutir questões de produção de línguas, forja o termo *competência simbólica*. O termo diz respeito à capacidade de um falante compreender os contextos e jogos de poder, que estão presentes a cada situação comunicativa e, por isso, necessitam a reflexão acerca de sua posição enquanto falante e sua posição em um contexto mais amplo, global, de produção linguística. Sobre isso, discorreremos na próxima seção.

## 1.2 Discursos significativos: a emersão da competência simbólica

---

*socially acceptable*. The sense of the value of one's own linguistic products is a fundamental dimension of the sense of knowing the place which one occupies in the social space” (BOURDIEU, 1991, p. 82).

<sup>11</sup> No original: “The notion presupposes that when language learners speak, they are not only exchanging information with target language speakers, but they are constantly organizing and reorganizing a sense of who they are and how they relate to the social world. Thus the investment in the target language is also an investment in a learner's own identity, an identity which is constantly changing across time and space” (NORTON, 1995, p. 18).

Apresentamos na seção anterior uma perspectiva de exame identitário sob a qual teceremos teorizações neste trabalho e que compreende a construção das identidades como processuais e relativas a questões de poder ocasionadas a partir da linguagem e sua utilização nas relações sociais. A partir deste ponto, derivam diversas perspectivas de exame da língua, nas quais busca-se compreender a influência que esta detém sobre os indivíduos que a colocam em uso.

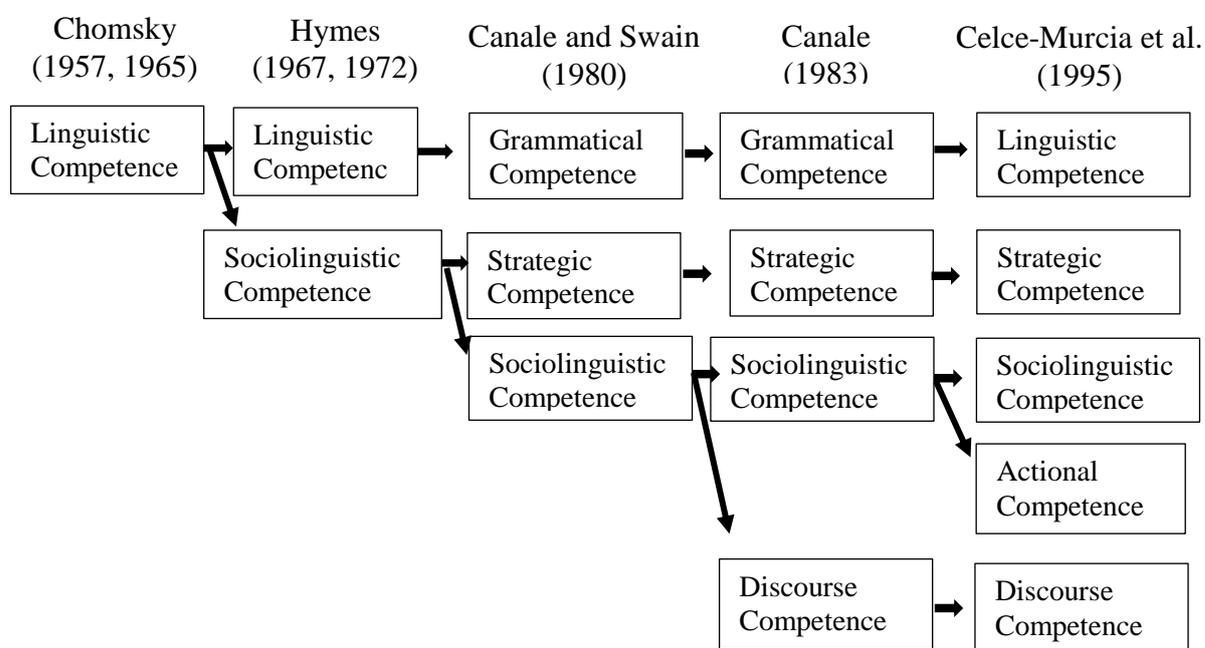
Ao pensarmos acerca de metodologias de ensino e aprendizagem de línguas, deparamo-nos com uma abordagem que até hoje sustenta, do ponto de vista teórico, grande parte das práticas de ensino de línguas, a abordagem comunicativa de ensino de línguas, ou *competência comunicativa*. Cunhada na década de 1970, a competência comunicativa tem como um de seus precursores o linguista Dell Hymes. Hymes (1972) afirma que a competência comunicativa era um conceito capaz de tratar não apenas do conhecimento gramatical acerca da língua, conforme enfatizado por Chomsky, mas que a ela estava associada também a capacidade de utilizar a competência gramatical em situações de comunicação, ou seja, uma competência sociolinguística, capaz de adaptar as regras gramaticais aos contextos de uso linguístico, chegando a afirmar que algumas regras gramaticais seriam inúteis sem as regras de uso de língua.

Posteriormente, na década de 1980, Canale e Swain apresentam, a partir do artigo *Theoretical bases of communicative approaches to second language teaching and testing* (CANALE; SWAIN, 1980), novos aspectos a serem levados em consideração numa abordagem que frisasse pelo desenvolvimento da competência comunicativa. Com esse objetivo, adicionam ao rol de competências necessárias à competência comunicativa o conceito de *competência estratégica*. Competência estratégica é então compreendida como a habilidade para suprimir problemas, ou ruídos de comunicação, ou seja, a habilidade para utilizar recursos verbais e não verbais com vistas a compensar alguma falha na comunicação. Dessa forma, Canale e Swain entendem a competência comunicativa como um sistema de conhecimentos necessários para que a exposição e recepção da comunicação ocorra de maneira eficaz e compreensível. Três anos depois, em 1983, Canale publica o artigo *From communicative competence to communicative language pedagogy* (1983), texto no qual adiciona à esteira de discussões o conceito de *competência discursiva*, definido como a habilidade para produzir e compreender a linguagem além dos limites da frase.

Em 1995, Celce-Murcia *et al.* propõem novos aspectos como constituintes da competência comunicativa ao publicar o artigo *Communicative Competence: A Pedagogically*

*Motivated Model with Content Specifications* (CELCE-MURCIA *et al.*, 1995). Os autores adicionam, então, o conceito de *competência acional*, compreendida como a capacidade para produzir e compreender discursos. Além disso, modificam alguns conceitos apresentados anteriormente por Canale e Swain, renomeando a competência sociolinguística para sociocultural e a competência gramatical para competência linguística. A Figura 1, proposta por Celce-Murcia *et al.* (2007) retrata, sucintamente, as mudanças ocorridas com o passar dos anos no conceito de competência comunicativa.

Figura 1: Evolução do termo “Competência Comunicativa”



Fonte: Elaborado pela autora com base em Celce-Murcia *et al.* (2007, p. 43)

Uma crítica comumente feita ao Ensino Comunicativo de Línguas (ECL) deve-se ao fato de a abordagem ser frequente e superficialmente definida pela ênfase na comunicação oral e relegar a um plano secundário as questões sociais relativas ao aluno em detrimento de “questões globais”. No ECL, o aluno não é levado à análise do material ou aspecto que lhe é apresentado como tópico a ser desenvolvido, necessitando, assim, apenas o reconhecimento do assunto para iniciar a sua produção linguística, a comunicação. Ou seja, não há o propiciamento de uma reflexão anterior à produção de discursos. Como consequência, a aprendizagem de línguas parece ser tratada muitas vezes como um processo meramente instrucional e não

necessariamente educacional. Sob essa perspectiva, o aluno não é levado a empoderar-se por meio da língua alvo, assim, não estabelecendo novos sentidos e significações que digam respeito a sua vida e seu pensamento.

Nesse contexto surge, então, em 2006, o termo *competência simbólica*. O termo deriva de uma perspectiva pós-estruturalista na qual a linguagem como produção de discurso constrói os contextos nos quais ela atua e possui uma complexa relação com aquilo que é real, assim como ao que é percebido pelos interlocutores das produções discursivas, além de ser a capacidade pela qual as condições para que a comunicação aconteça são criadas e, principalmente, pela qual esta produção discursiva aconteça de forma apropriada em relação ao contexto no qual ocorre (KRAMSCH, 2006).

Essa recente conceitualização, quando relacionada ao ECL, parte do pressuposto de que a habilidade para a produção discursiva não deriva apenas da capacidade de produção de língua, mas que esta está intimamente conectada à capacidade de compreensão, ou não, dos signos linguísticos e as suas conexões com os outros signos presentes nos discursos. Portanto, além de buscar a capacidade de expressão na língua alvo, a competência simbólica remete à capacidade de o falante posicionar-se crítica e ativamente diante das situações que lhe são apresentadas. Nesse sentido, o simbólico busca fomentar a formação de pensamento crítico e compreender os objetivos e intenções por trás do discurso de seu interlocutor. Por isso, Kramsch (2006) afirma que

O ensino de línguas estrangeiras, sob pressão por mostrar evidências de sua eficácia, têm divergido de sua busca original por justiça social através da competência comunicativa, conforme previsto por Hymes, Breen e Candlin, e outros na década de 1970, e está sendo utilizada como instrumento para alcançar algumas metas de instrumentalização. Porém, a comunicação numa era global requer competências além da mera eficiência (KRAMSCH, 2006, p. 250, tradução nossa)<sup>12</sup>.

Dessa forma, quando o falante se encontrar em uma situação na qual necessite confrontar a sua realidade com a de outrem, ele provavelmente confrontará significados e, parafraseando Kramsch, necessitará redefinir o real, ou seja, reflete-se acerca da linguagem para que aquela situação faça sentido às suas vivências. Ao pensar a competência simbólica como a habilidade de compreensão do contexto de produção linguística, Kramsch e Whiteside (2008) afirmam ser a competência simbólica esta habilidade de não apenas apropriar-se da

---

<sup>12</sup> No original: “Foreign language education, under pressure to show evidence of efficiency and accountability, has thus diverged from the original pursuit of social justice through communicative competence, as envisaged by Hymes, Breen and Candlin, and others in the 1970s, and is being put to the service of instrumental goals. But communication in a global age requires competencies other than mere efficiency” (KRAMSCH, 2006, p. 250).

língua de uma comunidade de fala, mas também desenvolver a capacidade inerente ao uso linguístico de moldar os contextos nos quais a língua-alvo é aprendida e colocada em uso.

Em relação ao termo *eficiência*, discutido por Kramersch (2006) como algo a ser ultrapassado em situações de produção linguística, apresentamos outra perspectiva que faz uso da menção, no entanto, com o mesmo intuito presente nas discussões sobre o desenvolvimento de competência simbólica. Recorremos ao sociólogo Pierre Bourdieu, autor a partir do qual teorias acerca do desenvolvimento do simbólico passaram a ser discutidas. Bourdieu (1991) utiliza o termo eficiente, em suas discussões, contudo, apresenta o termo fazendo referência à capacidade de um falante hábil construir discursos a partir de suas próprias vivências e crenças de modo a “fazer as pessoas verem e acreditarem, confirmar[em] ou transformar[em] a visão de mundo, ação sobre o mundo e, desse modo, o próprio mundo” (BOURDIEU, 1991, p. 170). Assim, este falante deveria ser capaz de fazer-se acreditado em suas produções discursivas tanto em situações face a face, como em meios digitais.

Ainda nesta perspectiva de produção discursiva, no artigo *From Communicative Competence to Symbolic Competence* (KRAMSCH, 2006), a autora discute a evolução do ensino de línguas adicionais através dos anos, afirmando que o termo competência comunicativa teria perdido seu propósito primário de busca por justiça social através da língua, tornando-se um mero meio de adequação linguística. Por outro lado, Kramersch (2006) percebe que, atualmente, o que está em jogo não é mais apenas a habilidade para a produção linguística, mas sim a busca pela capacidade de produzir e trocar bens simbólicos através da expressão de pensamentos, com a intenção de encontrar um espaço para si no mercado global.

Em vista disso, Kramersch (2006) discute a forma como as escolhas de vocabulário são capazes de revelar o que está se passando na mente daquele indivíduo, ou seja, a sua subjetividade é apresentada em seus discursos. Assim, afirma que

A competência simbólica não elimina a habilidade de expressar, interpretar e negociar significados em diálogos com os outros, mas os enriquece e os incorpora com a habilidade de produzir e trocar bens simbólicos no contexto global complexo em que vivemos hoje (KRAMSCH, 2006, p. 251, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Com isso depreendemos que aprendizes de línguas estão, simultaneamente, desenvolvendo competências linguísticas e, possivelmente, modificando concepções acerca de si mesmos, de sua identidade e da sociedade na qual estão inseridos. Isso porque

---

<sup>13</sup> No original: “Symbolic competence does not do away with the ability to express, interpret, and negotiate meanings in dialogue with others, but enriches it and embeds it into the ability to produce and exchange symbolic goods in the complex global context in which we live today.” (KRAMSCH, 2006, p. 251).

Alunos de línguas não são apenas comunicadores e solucionadores de problemas, mas pessoas inteiras com corações, corpos e mentes, com memórias, fantasias, lealdades, identidades. Formas simbólicas não são apenas itens de vocabulário ou estratégias de comunicação, mas experiências incorporadas, ressonâncias emocionais e imaginações morais (KRAMSCH, 2006, p. 251, tradução nossa)<sup>14</sup>.

Mais do que conhecer a forma linguística e saber usá-la de acordo com as situações comunicativas, o aprendiz deve ter a possibilidade de desenvolver a habilidade de expressar suas opiniões, sentimentos e intenções na e para com a língua-alvo, desenvolvendo, assim, a competência simbólica na língua-alvo, concepções essas que vem ao encontro das discussões que propomos neste estudo.

Assim, o aprendiz, além de compreender a maneira como se relaciona com o mundo, em uma perspectiva ampla, ao atuar nos mais diversos contextos linguísticos, também passa a buscar encontrar-se nesses diversos sistemas de representação e estabelecer-se como falante válido de ser ouvido, a cada nova instância comunicativa. De igual modo, ao produzir discursos este falante procura posicionar-se em relação aos seus interlocutores, enquanto, por outro lado, também é posicionado por aqueles que se encontram em locais de fala diferentes do seu. Tal jogo de poder linguístico acarreta na busca pelo local propício para a produção de fala, assim como a sua constituição como sujeito naquele contexto discursivo.

Sobre esses jogos de poder, temos observado, na contemporaneidade, diferentes meios nos quais estes têm se estabelecido. Com o advento da tecnologia, novos espaços de atuação emergiram, ampliando o escopo de atuação e produção discursiva dos falantes, expandindo as situações comunicativas nas quais as identidades passam a ser construídas e jogos de poder passam a ser estabelecidos. Sobre esses novos espaços discursivos debateremos na seção seguinte.

### **1.3 O contexto digital e a relação com o tema identidade**

Iniciamos esta seção apresentando um dos primeiros estudos relacionados à rede Internet, um dos meios comunicativos no qual este trabalho se debruça. No fim da década de 1990, Manuel Castells (1999) publica o livro *A sociedade em rede*, obra na qual discorre sobre

---

<sup>14</sup> No original: “Language learners are not just communicators and problem solvers, but whole persons with hearts, bodies, and minds, with memories, fantasies, loyalties, identities. Symbolic forms are not just items of vocabulary or communication strategies, but embodied experiences, emotional resonances, and moral imaginings.” (KRAMSCH, 2006, p. 251).

diversos eventos marcantes na vida em sociedade, desde a revolução industrial até o aparecimento de novas tecnologias, chegando ao surgimento e ascensão da Internet, com o intuito de refletir sobre os efeitos deste meio na vida em comunidade. Conforme o próprio autor menciona, ainda que as reflexões tenham ocorrido com um caráter investigativo inicial, dada a recente emergência da internet, nas três últimas décadas do século XX, como resultado de estratégias militares, cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural (CASTELLS, 1999, p. 82), o autor busca questionar a estruturação da comunidade real *versus* a virtual com a intenção de compreender de que forma este novo meio de estruturação de comunidades impactaria o meio social real. Ainda que inserido em um contexto de constantes descobertas acerca da Internet e seus usos, Castells menciona alguns estudos acadêmicos acerca do meio e seus reflexos. O autor faz referência a William Mitchel (1995), ao afirmar que novas formas de sociabilidade estão emergindo no espaço *online*, assim como novas formas de vida urbana passaram a adaptar-se ao novo meio ambiente tecnológico. Castells ainda menciona Sherry Turkle (1995, p. 267 *apud* CASTELLS, 1999, p. 443) que, em um dos primeiros estudos psicanalíticos de usuários da internet, demonstra a existência da interpretação de papéis e criação de novas identidades, por parte dos usuários, na rede *online*. Naquele estudo, a autora aponta que os usuários da rede passavam a formular novas identidades e isso “gerava uma sensação de comunidade, mesmo que efêmera, e talvez trouxesse algum alívio a pessoas carentes de comunicação e autoexpressão” (CASTELLS, 1999, p. 443). Mais do que isso, Turkle (1995) sugere estudos prospectivos que visem à reflexão acerca da identidade humana na internet, e é nesta lacuna de estudos prospectivos que estabelecemos nossa análise.

Neste trabalho, defendemos a ideia de que o indivíduo deve ter domínio de outras habilidades que não apenas a competência comunicativa para que sua produção discursiva ocorra de maneira eficaz. Ou seja, defendemos que o falante detenha a habilidade de não apenas estruturar frases gramaticalmente adequadas na língua-alvo, mas que possa refletir acerca dos usos linguístico-discursivos e suas implicações no meio social no qual se insere. Sobretudo, enfatizamos a questão de que o domínio exclusivo da estrutura da língua, de maneira isolada, não é capaz de propiciar o surgimento da capacidade simbólica para a atuação através dos signos envolvidos na produção linguística.

Acreditamos que para a língua ser produzida e recebida por um interlocutor como dotada de significação, faz-se necessário o reconhecimento de aspectos da língua que digam respeito a questões semântico-discursivas, a partir das quais o indivíduo é capaz de interpretar e

compreender os signos envolvidos nas produções linguísticas, especialmente ao enunciar no espaço digital mediado por tecnologia.

Kenski (2003) refere-se à tecnologia como todo o aparato construído a partir de pesquisa e busca de conhecimentos com fins de utilização pelo ser humano. A autora pontua que é necessário refletirmos acerca da tecnologia pois, a cada avanço científico, há a ampliação dos conhecimentos, o que resulta no aprimoramento de novas tecnologias. Contudo, essa evolução tecnológica que a autora aborda não diz respeito apenas aos novos usos de equipamentos e produtos, pelo contrário, a evolução tecnológica também tem por resultado a alteração de comportamentos da sociedade. Kenski afirma que

A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo, em diferentes épocas. O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos (KENSKI, 2003, p. 22).

O surgimento das mídias digitais deu-se a partir da evolução dos recursos tecnológicos, no advento da internet. De acordo com Kenski (2003), ampliaram-se as possibilidades de acesso à informação, assim como de comunicação e interação, por meio do desenvolvimento de telefones e da rede de computadores, desencadeando alterações nos modos de viver no meio tecnológico atual. Essas evoluções resultaram no aparecimento das tecnologias de informação e comunicação, que são caracterizadas, de acordo com Kenski (2003), como midiáticas. Ou seja, as tecnologias de informação e comunicação surgem não apenas como um suporte para atingir os objetivos dos indivíduos que as utilizam, pois, mais do que servirem de instrumento, elas “interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos. Criam uma nova cultura e um novo modelo de sociedade” (KENSKI, 2003, p. 24), tendo por espaço de atuação a cultura digital.

Essa cultura digital vem sendo discutida por diversos autores, dentre eles Lucia Santaella (2003), que busca perceber os processos pelos quais as sociedades passam ao adentrar a chamada “cultura das mídias”. Santaella (2003) compreende a cultura das mídias como um processo cultural intermediário entre as chamadas *culturas de massas* e entre a *cultura digital*. A autora aponta que, com a mescla de linguagens e meios de distribuição, assim como o aparecimento de novas tecnologias, a partir dos anos 80, foi propiciada a individualização do consumo, modificando o então “consumo de massas”, ou seja, as mídias analógicas, a exemplo do rádio, da televisão e de jornais impressos (ambos antes do surgimento da era digital, período

no qual passa-se a existir uma certa interação entre a audiência e os produtores de informação), para as mídias digitais. Em outras palavras, enquanto na cultura de massas, havia a produção e o consumo de produtos de maneira uniforme, em massa, pela população, na cultura digital ocorre a personalização tanto do consumo quanto da produção de informações e de ações comunicativas. A partir das mídias digitais, o próprio consumidor busca as informações e formas de entretenimento adequadas ao seu interesse. Com isso, de acordo com Santaella (2003, p. 59), a cultura midiática “propicia a circulação mais fluida[de informações de mensagens] e as articulações mais complexas dos níveis, gêneros e formas de cultura, produzindo o cruzamento de suas identidades”.

Em um texto posterior, Santaella (2004), ao discutir a atuação dos usuários das mídias digitais, concebe o ciberespaço, o meio de atuação *online*, como

todo e qualquer espaço informacional multidimensional que, dependente da interação do usuário, permite a este o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação. Assim sendo, o ciberespaço é o espaço que se abre quando o usuário conecta-se com a rede. Por isso mesmo, esse espaço também inclui os usuários dos aparelhos sem fio, na medida em que esses aparelhos permitem a conexão e troca de informações. Conclusão, o ciberespaço é um espaço feito de circuitos informacionais navegáveis. Um mundo virtual da comunicação informática, um universo etéreo que se expande indefinidamente mais além da tela, por menor que esta seja, podendo caber até mesmo na palma de nossa mão (SANTAELLA, 2004, p. 45-46).

Tendo isso em vista, percebe-se que a evolução tecnológica não é apenas um progresso nas formas de acesso e criação de dados, mas também um meio pelo qual os indivíduos são capazes de agir e, possivelmente, subverter estruturas socialmente definidas, pois, retomando o que afirma Kenski (2003), cria-se uma *nova cultura e um novo modelo de sociedade*.

Acerca da subversão e surgimento de uma nova sociedade e cultura, Rojo (2012) afirma que, neste novo espaço de atuação, nas ditas culturas midiáticas, a produção de sentidos ocorre de maneira diferenciada, pois o que antes ocorria de maneira linear, passa a ser produzido com a utilização de diversos outros recursos como o som, o vídeo, as figuras, não mais tendo a mensagem escrita como característica central na produção das mensagens. Ou seja, nas culturas midiáticas há o surgimento da multimodalidade.

De acordo com Rojo (2012), a multimodalidade ou multissemiose das mensagens trocadas no meio virtual são compostas de diversas linguagens, e não apenas de língua escrita, que atuam de maneira simultânea e compelem o leitor a compreendê-las de maneira conjunta, para que o sentido seja construído. Essas multimodalidades, conforme aponta a autora, seguem algumas características, dentre elas, a característica de ruptura com estruturas previamente

estabelecidas, a exemplo das relações de poder entre as ditas culturas letradas e não letradas; apresentam-se como colaborativas, visto que na interação *online* cada participante da interlocução é possibilitado de interagir simultaneamente com a produção discursiva; e, por fim, apresentam a característica fundamental do meio, são híbridos, mestiços, o que significa dizer que, no meio *online*, são abarcadas diversas formas discursivas concomitantemente.

Pela característica interativa, Rojo (2012) percebe as mídias digitais como dependentes da atuação dos seres humanos enquanto usuários, e não meros espectadores do que lhes é apresentado, como costumava acontecer nas mídias analógicas, como rádio e televisão (comparação de ambos antes do surgimento da era digital). Há a interação do usuário em vários níveis e com diversos interlocutores, com a troca de mensagens síncronas e assíncronas, postagens de textos e comentários *online*, nos quais as ideias e perspectivas são compartilhadas e discutidas, tornando o espaço *online* em um ambiente colaborativo.

Rojo (2012) afirma que

Uma das principais características dos novos (hiper)textos e (multi)letramentos é que eles são interativos, em vários níveis (na interface, das ferramentas, nos espaços em rede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais etc.). Diferentemente das mídias anteriores (impressas e analógicas como a fotografia, o cinema, o rádio e a TV pré-digitais), a mídia digital, por sua própria natureza “tradutora” de outras linguagens para a linguagem dos dígitos binários e por sua concepção fundante em rede (*web*) permite que o usuário (ou o leitor/produzidor de textos humano) interaja em vários níveis e com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discursos etc.) (ROJO, 2012, p. 23).

Como consequência da colaboração e interatividade existente entre os usuários no meio digital, há a ruptura de relações de poder até então estabelecidas, pois este contato entre usuários no espaço digital acarreta a diluição do “controle unidirecional da comunicação e da informação (da produção cultural, portanto) e da propriedade dos ‘bens culturais imateriais’” (ROJO, 2012, p. 24-25). Dessa forma, pela caracterização do espaço como interativo e colaborativo, há a definição do digital como híbrido, mestiço e fronteiro, termos pelos quais busca-se convir a compreensão de que as culturas, as linguagens, os textos, as ideias que se apresentam no meio digital, são fruto de diversos atravessamentos, graças ao acesso à informação que os usuários têm, por conta da tecnologia de informação e comunicação.

Além da inserção de diferentes recursos linguísticos para a convenção do sentido desejado, o produtor de discursos no meio virtual necessita, além da habilidade de expressão na língua adicional, a habilidade no manuseio e controle dos signos daquele novo contexto, pois há a possibilidade de surgirem ruídos que, em situações de comunicação face a face, pudessem ser negociados a partir da competência estratégica com, por exemplo, expressões corporais e

alterações no tom de voz. A comunicação mediada por recursos tecnológicos parece seguir algumas regras de interação que não são ensinadas a nenhum falante e estas passam a ser dominadas a partir do contínuo contato com este meio.

Assim como a língua varia de acordo com o local e a cultura de uma dada comunidade, também há a alteração quando se atua em um meio digital e, de igual modo, a produção discursiva também deve levar em consideração o outro, naquele espaço digital. Mais do que isso, os espaços digitais de atuação, a exemplo do *e-mail*, de grupos de mensagens, como *Facebook* e *Whatsapp* pressupõem, de acordo com Rojo (2012, p. 24), além da interação, a colaboração entre usuários, ou seja, a percepção de que há um outro naquele espaço e que, a partir do que um indivíduo produzir, haverá uma produção de retorno.

Sobre esta percepção do outro, Recuero (2009), ao discutir a visibilidade, aceitação e atuação no espaço virtual, argumenta, recorrendo à Judith Donath (1999), que a percepção do outro é essencial para a interação humana, pois pela ausência de informações, estratégias que, normalmente, encontram-se à disposição em situações face a face, em um espaço digital de atuação, as pessoas passam a ser julgadas apenas por suas palavras, salvo em situações em que ocorra a utilização de chamadas de áudio-vídeo. Ainda, aponta que, para que a comunicação no ciberespaço possa ser estruturada, torna-se necessária a inserção do falante naquele espaço, sendo preciso, assim, “colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço” (RECUERO, 2009, p. 25). Ou seja, com vistas à aceitação naquele espaço, o falante necessita adaptar-se ao contexto e, mais do que isso, produzir discursos condizentes com a situação. Nem todos os usuários da rede fazem usos de recursos multimodais, trocando, em sua maioria, mensagens escritas que, por sua vez, podem dificultar a capacidade de suprir lacunas de comunicação naquele meio e são justamente a partir destas mensagens escritas que o interlocutor construirá a sua percepção acerca dos discursos produzidos. Dessa forma, é a partir do olhar do outro que o falante passa a se constituir dentro do ciberespaço.

Como dito anteriormente, a construção identitária no espaço digital requer do participante a construção de um perfil, com imagens, informações pessoais e a produção discursiva coerente com aquele meio. Ao refletir acerca da atuação em uma situação de língua adicional, além do entrave inerente ao domínio da língua, existe também a necessidade de adaptação ao meio tecnológico no qual o falante está inserido e que envolve, além da compreensão de recursos verbais, a compreensão dos recursos não-verbais, a exemplo de figuras, *emojis*, *memes*, dentre outros recursos utilizados no meio digital e correspondentes à

determinada cultura. Para a compreensão das mensagens e informações veiculadas em meio tecnológico, assim como para a produção de mensagens compreensíveis e condizentes com o contexto, torna-se essencial o domínio da competência simbólica.

Neste ponto, retornamos à Santaella (2003), pois a autora afirma que, com o surgimento das mídias digitais, assim como das culturas digitais, a maneira como se pensa sobre o falante e, também, a forma como este pensa e atua na sociedade, passou por modificações a partir das culturas digitais. Segundo a autora

Essa cultura [digital] promove o indivíduo como uma identidade instável, como um processo contínuo de formação de múltiplas identidades, instaurando formações sociais que não podem mais ser chamadas de modernas, mas pós-modernas. Para pensar essas novas formações sociais, a cultura eletrônica privilegia teorias pós-estruturalistas e desconstrucionistas que enfatizam o papel da linguagem nos processos de constituição dos sujeitos (SANTAELLA, 2003, p. 126-127).

Relacionamos a identidade instável mencionada por Santaella (2003) ao que afirma o sociólogo polonês Zygmund Baumann, em entrevista concedida à Benedetto Vecchi, quando questionado acerca da influência da utilização de recursos tecnológicos, referindo-se aos espaços digitais e virtuais que são mediados pelas novas tecnologias, na construção de identidades. Nas palavras do entrevistado, as por vezes *falsas identidades* nos lembram que o ato de manter uma única identidade ao longo de toda a existência é algo arriscado. Afinal, segundo Baumann (2005), identidades são forjadas de acordo com as vivências pessoais para serem exibidas e não para serem criadas, armazenadas e mantidas de maneira única, sem quaisquer alterações. É nesse aspecto que o espaço digital auxilia no processo de criação de múltiplas identidades. Isso porque, conforme o autor, o espaço virtual reflete, justamente, as vivências cotidianas e as diversas formas de expressão e posicionamento adotados pelos indivíduos. O autor afirma que é exatamente porque “somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitido que nos fixemos a uma delas, mesmo querendo, que instrumentos eletrônicos para fazer exatamente isso, nos são acessíveis e tendem a ser entusiasticamente adotados por milhões” (BAUMAN, 2005, p. 96).

Em consonância com a fluidez identitária mencionada por Baumann, Stuart Hall (2012) também defende que, assim como no meio presencial, a identidade em uma realidade virtual também é constantemente modificada e adaptada. Hall aponta que

as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical,

estando constantemente em processo de mudança e transformação. (HALL, 2012, p. 108).

Da mesma maneira que acontece em produções discursivas face a face, em contextos digitais há também a fragmentação e alteração da identidade, visto que ela se encontra em constante processo de construção, de acordo com as produções discursivas do falante. Conseqüentemente, se o falante não é capaz de produzir narrativas recebidas como válidas por seu interlocutor, em ambas as realidades, presencial e virtual, a sua construção naqueles espaços passa a ser falha, pois perde-se a chance de expor posicionamentos e de se fazer acreditado e, por fim, se este não é capaz de representar alguém válido de ser ouvido, seu local no jogo de poder passa a ser definido por esta incapacidade de atuação.

#### **1.4 O espaço digital e o meio acadêmico**

Viver em sociedade, atualmente, significa viver em um espaço de constante troca de informações em decorrência dos recursos tecnológicos dos quais fazemos uso. Com o advento da internet as relações sociais sofreram grandes modificações, impactando a maneira como as pessoas têm acesso à informação, a maneira como adquirem novos conhecimentos e, principalmente, como se comunicam e interagem com outras pessoas.

Conforme mencionamos na seção anterior, Castells (1999) apresenta diversos espaços nos quais as redes da sociedade contemporânea passam a ser estabelecidas, tendo sua mediação pelo uso de computadores e recursos tecnológicos. O autor sustenta que “as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 1999, p. 40). Ou seja, as formas de interação, de comunicação, de produção de conhecimento e de organização social sofreram diversas modificações com a inserção do modo *online* de atuação. Dentro deste rol de alterações sociais encontramos a educação, que, assim como em diversos outros setores da sociedade, também passou por modificações nos processos de interação entre alunos e entre alunos e professores, ao empregar recursos tecnológicos como espaços para trocas de informações e produção de conhecimento.

Ao realizar pesquisa nas plataformas SCIELO e CAPES, na busca<sup>15</sup> por trabalhos que focalizassem na reflexão acerca da habilidade de atuação em espaços virtuais concomitantes à perspectiva de ensino e aprendizagem no contexto universitário, tínhamos por resultado, em sua maioria, estudos de letramento acadêmico<sup>16</sup>. Almejando a compreensão das práticas de linguagem em diversos espaços de interação social, com o advento da tecnologia, os estudos de letramento passaram a englobar os usos de linguagem mediados por recursos tecnológicos, teorizando as maneiras de produção de língua e de que maneira estas estariam adequadas à situação comunicativa, assim como as instituições envolvidas nos atos comunicativos. Neste rol de reflexões, ao realizarmos pesquisa na busca por contextos tecnológicos relacionados ao ensino e aprendizagem, tendo por foco a utilização de recursos tecnológicos na educação, deparamo-nos com as pesquisas de Bottentuit Junior, Albuquerque e Coutinho (2016) e Reinilde Dias (2012), trabalhos nos quais discute-se a utilização de recursos digitais como meio de fomentar o desenvolvimento de atividades comunicativas em sala de aula, pesquisas das quais traremos alguns recortes.

Os debates acerca dos espaços virtuais de produção de língua em contextos educacionais vêm abarcando estudos que tangem desde o ensino fundamental de educação até níveis superiores de ensino. Apresentam-se práticas e metodologias pelas quais professores teriam a possibilidade de aprimorar seus espaços de atuação e mediação de conteúdos através de recursos tecnológicos, como é exposto no estudo desenvolvido por Bottentuit Junior, Albuquerque e Coutinho (2016). Em uma perspectiva mais geral, de mapeamento de pesquisas, os autores buscam estudos nos quais exista a reflexão acerca da utilização do aplicativo *Whatsapp* enquanto uma ferramenta para aprimorar as práticas pedagógicas em diversos

---

<sup>15</sup> A busca nas plataformas foi feita a partir da convergência dos três temas em discussão: identidade, PLA e ambiente virtual.

<sup>16</sup> Uma apresentação do campo, ainda que breve, faz-se necessária. Os estudos de letramento tiveram seu início em diferentes países, inclusive no Brasil, na década de 1980, tendo, inicialmente, focalizado na diferenciação entre conceitos de alfabetização escolar e aspectos de letramento, tendo de um lado aspectos da aquisição da escrita e leitura e, de outro, aspectos de prática da linguagem. Em outras palavras, de um lado, buscava-se compreender os aspectos inerentes ao processo de codificação e decodificação da escrita, a alfabetização, e de outro, o ato de tornar a linguagem própria de si, capaz de produzi-la em diferentes contextos, os estudos de letramento.

Passados alguns anos, Ângela Kleiman publica, em 1995, o artigo *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*, integrante do livro *Os significados do letramento* obra na qual discute, juntamente com outros linguistas brasileiros, a conceitualização do termo letramento e os modos de atuação, tendo por base a de letramento no espaço educacional. A autora apresenta reflexões desenvolvidas por Street (1984), e, culmina definindo a questão do letramento como composto por práticas socialmente e culturalmente situadas que refletem as instituições das quais estes fazem parte. O campo de estudos sobre letramentos tem passado por constantes reformulações teóricas, no entanto, não pretendemos apresentar, neste trabalho, o percurso reflexivo que a área vem desenvolvendo, buscamos, aqui, apenas situar o termo.

contextos de ensino, desde a educação fundamental, até a utilização do aplicativo como meio para fomentar o desenvolvimento de práticas didáticas de docentes de diversas áreas.

Dentre os trabalhos destacados por Bottentuit Junior, Albuquerque e Coutinho (2016), encontra-se a pesquisa de Kaieski, Grings e Fetter (2015), que abordam as possibilidades pedagógicas com base na utilização do aplicativo *Whatsapp* como parte facilitadora no ensino e aprendizagem, ancorado por tecnologias de informação e comunicação. Os autores realizam um recenseamento acerca da utilização do recurso, destacando os impactos, vantagens e desvantagens oriundas de uma educação que chamam de híbrida, demonstrando que, de maneira geral, a utilização do aplicativo em uma perspectiva pedagógica contribui para o engajamento dos alunos, para a colaboração e integração de diferentes habilidades cognitivas e sociais. Kaieski, Grings e Fetter (2015) apresentam uma pesquisa-ação na qual utilizam o recurso para o desenvolvimento de conteúdos programáticos em dois contextos, o primeiro em um curso livre de idiomas, e o segundo em um curso profissionalizante. De maneira geral, os resultados encontrados repercutem o potencial da utilização da ferramenta com vistas ao desenvolvimento de atividades propostas, tendo como resultado maior engajamento dos discentes, assim como a interatividade e a colaboração além do espaço educacional físico.

Dias (2012), em uma pesquisa mais específica, segue a perspectiva de multiletramentos, para a discussão do processo pedagógico de ensino e aprendizagem da língua inglesa. A autora discute a influência das tecnologias em meios digitais na vida contemporânea, assim como as decorrentes intervenções provenientes destes usos tecnológicos. Dias (2012) reflete, principalmente, sobre as mudanças sociais, econômicas, comunicacionais e educacionais advindas dos usos de tecnologia. A autora remete ao fato de que as modificações oriundas da era digital interferem na maneira de atuação dos indivíduos, e que essa atuação deve levar em consideração diversos conhecimentos, pois

Não basta ao indivíduo saber comunicar apenas pela leitura e escrita – tem ainda de ser capaz de lidar com outros modos de comunicação, além de desenvolver consciência crítica em relação ao que ouve, lê, escreve e vê. Precisa também mostrar habilidades no meio digital, principalmente na internet, para construir e produzir conhecimento [...]. De práticas de letramento para ler e escrever, necessárias na era da tecnologia do meio impresso, em que o texto escrito era a fonte dominante de conhecimento e de poder, avançamos em direção aos multiletramentos, influenciados pelas mudanças econômicas, tecnológicas e sociais da era digital, incluindo a ubiquidade de textos multimodais que combinam mais de um modo semiótico em sua tessitura – o linguístico, o imagético, o espacial, o gestual, o sonoro. **A pessoa multiletrada da era digital precisa combinar múltiplas habilidades, conhecimento multicultural, comportamentos adequados aos diferentes contextos para exercer seus direitos e deveres de cidadão no presente e no futuro** (DIAS, 2012, p. 862, grifos nossos).

Assim, a atuação neste espaço digital implica ao falante a necessidade de adaptação aos diversos contextos nos quais atua, conforme a autora afirma no recorte acima. Compreender as maneiras de atuação implica também na compreensão e no momento de exercer direitos enquanto cidadão. Dias (2012) prossegue a reflexão apresentando aspectos referentes aos multiletramentos necessários para a atuação efetiva no meio virtual. A autora aponta a necessidade de compreensão e interpretação de textos multimodais, no espaço *online*, a necessidade de inclusão de reflexões sobre pluralidade cultural e étnica, para, assim, poder atuar no meio *online*. Dias (2012) afirma que é preciso, ainda, desenvolver a criticidade para a atuação neste espaço, buscando compreender as lacunas textuais, os silêncios e a tendenciosidade presente nos enunciados. A autora recorre à Wallace (2005) para salientar que

Todo e qualquer texto é produzido sob o ponto de vista de quem o cria e dos interesses sociais, econômicos e culturais que representa. Textos não são neutros e são sempre fontes de poder. Se, por um lado, as mensagens não são neutras do ponto de vista de quem as produz, por outro lado, a compreensão delas é influenciada por quem as ouve ou lê e acaba sendo impregnada dos valores, pontos de vista sociais e culturais e crenças durante o processo de construção do seu significado (WALLACE, 2005 apud DIAS, 2012, p. 865).

Ou seja, a tanto a produção quanto a recepção de um enunciado trazem consigo posturas ativas de ambos os lados, do produtor inicial, assim como do ouvinte/leitor. Com isso, ao atuar em espaços digitais de comunicação, faz-se necessário que o indivíduo compreenda os discursos produzidos no meio virtual e produza réplicas capazes de abarcar os aspectos socioculturais envolvidos nas trocas de mensagens. Assim, mais do que produzir e compreender a língua no ambiente virtual, faz-se necessária a negociação de mal-entendidos e a busca por estabelecer-se em uma posição notória nos jogos de poder.

Realizando um paralelo entre as interações face a face e aquelas mediadas por computador encontramos algumas características que as distinguem. Uma delas ancora-se na assertiva de Parreiras (2010) que aponta que as mensagens trocadas no espaço digital “tendem a ser predominantemente escritas e assíncronas, isto é, pode haver intervalos de minutos, horas e até dias entre uma mensagem e a sua resposta” (PARREIRAS, 2010, p.211). Assim, enquanto em uma situação face a face a enunciação de retorno é, normalmente, simultânea à primeira enunciação, em um espaço virtual há a possibilidade de ampliação do espaço de tempo de interação.

Tal afirmação vem ao encontro do que aponta Kress (2003), que ao comparar as formas de produção de sentidos, tanto em narrativas, orais ou escritas, quanto em imagens, hipermídias e produções no meio *online*, afirma que “tudo o que é representado na fala (ou em menor grau

na escrita) inevitavelmente tem que se curvar à lógica do tempo e da sequência no tempo. O mundo representado na fala ou na escrita é, portanto, (re)moldado de maneira real ou quase temporal” (KRESS, 2003, p. 2, tradução nossa)<sup>17</sup>. Ou seja, a lógica de produção de sentidos em narrativas orais ou escritas segue uma dada sequência de eventos, isso porque

Na fala, tenho que dizer uma coisa após a outra, um som após o outro, uma palavra após a outra, uma cláusula após a outra, para que inevitavelmente uma coisa seja a primeira, e outra coisa seja a segunda, e uma coisa terá que ser a última. O significado pode estar - e é - ligado a "ser o primeiro" e a "ser o último", e talvez a ser o terceiro e assim por diante (KRESS, 2003, p. 2, tradução nossa)<sup>18</sup>

Por outro lado, ao produzir enunciados mediados pela utilização de imagens e hipermídias, a sequência não tem seu foco baseado na questão temporal, mas sim na lógica espacial de apresentação dos discursos, imagens e sons produzidos. Isso porque a maneira como os elementos são configurados e apresentados na tela, estabelecem o foco e o sentido que se deseja convir, constituindo assim aspectos centrais e marginais do que se busca expor.

Kress (2003, p. 33) prossegue a discussão relacionando as questões de discurso, oral e escrito, com a utilização de imagens e outros recursos no meio tecnológico. Enquanto a fala existe como a materialidade do som no tempo, a escrita existe como a materialidade das marcas gráficas. Contudo, em um espaço *online*, há, também, a possibilidade da utilização de outros recursos que não sejam orais ou escritos, a exemplo das imagens, *emojis*, dentre outros. Na discussão acerca da produção de sentidos, o autor retoma o fato de que o tempo e o espaço definem a maneira como os discursos são produzidos e, de igual forma, como são compreendidos, apresentando características de cada maneira de produção. Por fim, Kress (2003) afirma que

O material do som tem potenciais que o material do gráfico não possui e vice-versa. Cada um oferece potenciais complementares a outros recursos: a exibição no espaço oferece os significados complementares de imagem e escrita; a sequência no tempo oferece as possibilidades complementares de gesto e fala. E da mesma forma com todos os outros materiais, sejam de som, de marcas gráficas, de gestos, de ação ou de construção 3D (KRESS, 2003, p. 33-34, tradução nossa)<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> No original: “Whatever is represented in speech (or to some lesser extent in writing) inevitably has to bow to the logic of time and of sequence in time. The world represented in speech or in writing is therefore (re)cast in an actual or quasi-temporal manner” (KRESS, 2003, p. 2).

<sup>18</sup> No original: “In speaking I have to say one thing after another, one sound after another, one word after another, one clause after another, so that inevitably one thing is first, and another thing is second, and one thing will have to be last. Meaning can then be – and is – attached to ‘being first’ and to ‘being last’, and maybe to being third and so on” (KRESS, 2003, p. 2).

<sup>19</sup> No original: “The material of sound has potentials which the material of the graphic does not, and vice versa. Each offers complementary potentials to other resources: display in space offers the complementary meanings of image and writing; sequence in time offers the complementary possibilities of gesture and speech. And similarly with all other materials, whether of sound, of graphic marks, of gesture, of action or of 3D construction” (KRESS, 2003, p. 33-34).

Realizando um paralelo entre as produções discursivas no meio online e em interações face a face, encontramos o estudo que de Primo (2003), que percebe o diálogo nas interações face a face como composto de “Uma ‘multiplicidade de deixas simbólicas’”. Ou seja, as palavras vêm acompanhadas de informações não-verbais como piscadelas e gestos, franzimento de sobrancelhas, variações na entonação, etc. (que podem reduzir ou até mesmo ampliar ambiguidades)” (PRIMO, 2003, p. 23).

Dessa forma, assim como apontado por Kress (2003), cada meio e maneira de produção discursiva ancora-se no significado que se almeja convir no enunciado. Nas interações mediadas por recursos digitais, elementos corporais e gestos não estão disponíveis ao interlocutor, salvo em casos de vídeo-chamadas ou gravações de áudio, situações nas quais há a possibilidade de apreensão de entonação e algumas das informações não verbais mencionadas, enquanto que, em situações face a face, a utilização de recursos multimodais também encontra desvantagem. Portanto, em cada meio de produção discursiva, leva-se em consideração o sentido a ser transmitido, conseqüentemente, adaptando a língua e os recursos disponíveis naquele meio de interação.

De maneira geral, os trabalhos relacionados aos aplicativos e recursos tecnológicos vinculados à perspectiva educacional levaram-nos a estudos de letramento e multiletramentos, os quais focalizam as possibilidades de utilização destas ferramentas e a necessidade de, de fato, passar pelo processo de letramento nesses novos espaços, para uma atuação no espaço digital. Tendo isso em vista, poderia ser questionado o motivo pelo qual não desejamos fazer uso da noção no desenvolvimento das reflexões deste trabalho. Tal como justificamos nas Considerações Iniciais, o tema sobre o qual nos debruçamos neste estudo é a questão identitária e a sua constante (re)construção em um contexto específico, o meio acadêmico, e, assim, optamos por partir do termo *identidade* para colocar em relação dois campos, o da enunciação benvenistiana, de modo geral, e o da LA de maneira específica nas discussões sobre identidade e desenvolvimentos nos jogos de poder da linguagem.

Dessa forma, ao lançarmos luz a pesquisas nas quais houvesse análise de recursos tecnológicos e que convergissem para a reflexão acerca da utilização destes recursos em contextos acadêmicos universitários, e buscando o nosso foco específico, que é o contexto de português como língua adicional, encontramos, na plataforma CAPES, a dissertação de Simone Garofalo (2014). Em sua pesquisa, a autora reflete sobre o contexto acadêmico e a atuação dos discentes em espaços virtuais de comunicação, vinculando o espaço virtual à aprendizagem de

português como língua adicional. De maneira geral, a autora discute a aquisição da língua portuguesa de alunos participantes de um programa de português como língua adicional na Universidade Federal de Minas Gerais, a partir de amostras de trocas de mensagens *online* entre alunos e professores, buscando perceber se o uso da ferramenta auxiliaria o processo de aquisição da língua-alvo. Como resultado do estudo, a autora afirma que a utilização do recurso tecnológico e a produção de mensagens *online* propiciou o intercâmbio cultural entre os participantes do grupo, alunos e professores, além de propriedades referentes ao reconhecimento de opiniões, posições de fala e reconhecimento do espaço de fala do outro, o que, nas palavras da autora, desenvolveu atitudes de alteridade, bem como o desenvolvimento de habilidades linguístico-discursivas na língua adicional.

De maneira geral, os estudos encontrados relatam a possibilidade de utilização dos recursos tecnológicos em uma perspectiva educacional, no entanto, não discutem a possibilidade de reformulação identitária neste espaço digital. Sobre a maneira de produção de enunciados em um espaço virtual, Kenski (2003, p. 36) afirma que “a tecnologia digital rompe com a narrativa contínua e sequenciada dos textos escritos e se apresenta como um fenômeno descontínuo. Sua temporalidade e sua espacialidade, expressas em imagens e textos nas telas, estão diretamente relacionadas ao momento de sua apresentação”. Se estão relacionadas ao momento de sua apresentação, dizem respeito, então, ao momento no qual o falante está inserido, em outras palavras, dizem respeito à sua percepção acerca dos assuntos naquele dado momento, o que, por consequência, relaciona-se com a sua autopercepção enquanto indivíduo naquele dado momento.

A alteração conforme o momento vivenciado diz respeito à construção de uma identidade que condiga com dada situação. Sobre isso, já mencionamos que as identidades vivem em constante processo de readaptação e redefinição com base em diferentes aspectos, a exemplo do contato que se dá entre povos diferentes e culturas diferentes, especialmente quando inseridos em uma sociedade diferente da sua, assim como os posicionamentos assumidos em um dado momento de sua vida enquanto indivíduo.

No campo da LA há o consenso de que com a aprendizagem de uma língua adicional há o consequente surgimento de uma nova identidade, vide o que afirma o linguista aplicado Wilson Leffa (2012):

Quem fala uma outra língua tem pelo menos duas identidades: a identidade de falante da língua materna e a identidade de falante da língua estrangeira. Acho errado dizer que é na língua materna que construímos nossa identidade. Não é bem assim: na língua materna, construímos uma identidade possível; na língua estrangeira, temos que construir outra (LEFFA, 2012, p. 74)

Então, por que não afirmarmos que quem aprende outra língua se redefine dentro daquela cultura linguística e social, mas também se redefine quando atua em um meio virtual de comunicação? Lembremo-nos que, além da inserção em um novo sistema linguístico, a língua adicional, falantes atuantes em meios virtuais de comunicação necessitam aprender a produzir a língua naquele espaço específico de comunicação, adaptando-se ao contexto comunicativo, assim como ao meio de produção de língua.

Já apontamos que a adaptação ao contexto é parte essencial para a produção discursiva efetiva e que, em um contexto de língua adicional, o domínio do sistema linguístico, bem como dos bens simbólicos inerentes ao meio no qual a linguagem é produzida é parte crucial para a estruturação identitária do sujeito, tanto em meios presenciais, como em meios virtuais. Levando isto em consideração, para que um falante consiga estabelecer-se nos jogos de poder estabelecidos através da linguagem é necessário que este domine o sistema linguístico e, quando atuando em ambientes virtuais de comunicação, detenha o conhecimento das práticas discursivas características daquele ambiente virtual.

Com o intuito de estabelecer a sua própria identidade em uma língua adicional, levando em consideração tanto o meio acadêmico no qual atua, assim como o meio virtual e face a face nos quais produz enunciados, o falante necessita a compreensão do seu local de atuação, as motivações que o levam a atuar nesses ambientes, os sentidos que busca convir, assim como necessita compreender os recursos a seu dispor em cada um dos espaços nos quais atua.

Tendo discutido as formas de atuação em espaços mediados por tecnologias digitais e colocando-os em relação a eventos comunicativos face a face, tanto em situações de língua materna, quanto de língua adicional. Dessa forma, no próximo capítulo, primeiro apresentamos o campo enunciativo e seus pressupostos para desloca-los em relação à temática da identidade e, em seguida, em uma perspectiva de convergência entre os estudos de Linguística Aplicada e da Linguística da Enunciação benvenistiana, a construção identitária de falantes de português como língua adicional e as possibilidades de atuação no contexto acadêmico, em ambientes presenciais e em ambientes virtuais de produção discursiva.

## CAPÍTULO 2

### COMO A LÍNGUA CONSTITUI O HOMEM EM SUA RELAÇÃO COM A SOCIEDADE?

Neste segundo capítulo, apresentamos a perspectiva enunciativa de estudos da linguagem, especificamente a benvenistiana, para refletir acerca da construção do homem dentro de uma sociedade, sendo a língua o meio pelo qual esta relação é possível de estruturar-se. Para as reflexões aqui suscitadas, tomamos como ponto de partida o que Benveniste apresenta em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, artigo integrante de *Problemas de Linguística Geral I* (1976), quando afirma que homem e sociedade são determinados com e por meio dos usos linguísticos e que “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo” (BENVENISTE, 1976, p.27).

Tomamos por base a assertiva acima para discutirmos os fundamentos teóricos da reflexão enunciativa de Benveniste, apresentando a configuração do campo em uma perspectiva de construção de trabalhos interdisciplinares (2.1), os construtos benvenistianos que dizem respeito à formação do homem e sua relação com a língua (2.2), assim como a sua relação com a sociedade (2.3), para então iniciarmos um deslocamento da teoria enunciativa para a questão central desta pesquisa, a identidade sendo construída por meio da língua neste relacionamento entre homem e sociedade, trazendo também reflexões acerca de usos linguísticos quando em espaços digitais e tecnológicos em meio acadêmico (2.4). Por fim, traçaremos um percurso pelo qual compreendemos ser possível realizar este trabalho de interface entre os campos de estudos enunciativos e da Linguística Aplicada (2.5).

#### **2.1 Estudos Enunciativos: a constituição de um campo com vocação interdisciplinar**

A Linguística da Enunciação é um campo constituído de diferentes teorias da enunciação, conforme o que apontam Flores e Teixeira no livro *Introdução à Linguística da Enunciação* (2005). Dentre essas teorias, existem estudos que analisam o fenômeno da língua em uma perspectiva *stricto sensu*, no intuito da formalização do objeto, a língua percebida como um sistema, e o relacionamento de seus constituintes. Há, também, as teorias que analisam o

fenômeno da língua em uma perspectiva *lato sensu*, na qual há maior debate epistemológico, constituindo, assim, um campo heterogêneo de análises da língua. Ou seja, “a abordagem dos fenômenos relativos ao uso da língua e a quem fala exige novos procedimentos que não necessariamente são contemplados em modelos constituídos aprioristicamente” (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 12). Dentre as características analisadas nas pesquisas *lato sensu* encontram-se as análises sobre subjetividade, referência, contexto, dentre outros.

Na Linguística da Enunciação, busca-se compreender as relações da língua, não apenas como um sistema, mas como assumida por um indivíduo. Ou seja, o falante encontra-se implicado em suas produções discursivas. Nessa perspectiva, encontra-se a reflexão de Benveniste que, segundo Normand (1996 *apud* FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 11), supõe um sujeito, mas não há a teorização acerca do sujeito, pois o seu interesse é propriamente o sentido produzido nos discursos, que revelam o relacionamento do falante para com os seus enunciados.

Émile Benveniste, linguista francês reconhecido em diferentes áreas de estudos, se tornou, de acordo com Michel Arrivé (1997 *apud* ROSÁRIO, 2018), o linguista francês que mais marcou o século XX, tendo em vista a influência de seu pensamento dentro e fora do campo de análises linguísticas. Sobre isso, Flores (2013) afirma que a análise da obra benvenistiana necessita estudos epistemológicos exaustivos, tendo em vista a vasta gama de teorizações desenvolvidas pelo linguista. Assim,

Ele [Benveniste] não pode ter seu pensamento reduzido à temática enunciativa. Sua obra contempla uma infinidade de temas que vão desde o estudo de aspectos da linguística geral, fenômenos diacrônicos, sintáticos, lexicais, culturais, até temas que testemunham uma verdadeira interação com áreas conexas aos estudos da linguagem (FLORES, 2013, p. 22)

Dentro do campo linguístico, Benveniste teceu reflexões referentes ao estruturalismo, perspectiva em voga no século XX, ao realizar análises comparativas entre línguas diversas, assim como teorizou aspectos referentes a uma linguística geral, buscando por uma teoria geral da linguagem na qual visava perceber de que maneira a língua se estrutura e como significa. Há ainda reflexões acerca da semiologia nos estudos benvenistianos, assim como teorizações acerca da construção de sentidos a partir dos usos linguísticos. E, por fim, existem as reflexões que derivaram uma *teoria da enunciação*<sup>20</sup>, reflexões nas quais o autor coloca no centro os efeitos da presença do “homem na língua”. Ou seja, Benveniste não foi um linguista

---

<sup>20</sup> A expressão *teoria da enunciação* não é usada por Benveniste, mas advém de uma dedução posterior realizada por leitores dos textos *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II* (FLORES, 2013).

preocupado com apenas uma área de análise, o autor buscava perceber, em diferentes momentos de sua trajetória, de modo geral, a maneira como a língua significa e para isso, colocava em relação a língua, o homem, a cultura e a sociedade. Com reflexões de uma amplitude grandiosa nos estudos linguísticos, Benveniste poderia ser compreendido como um teórico disperso. No entanto, Teixeira e Messa (2015, p. 103-104) asseveram que “esse pensamento aparentemente tão plural, essas inúmeras incursões no campo de estudo da linguagem encontram seu ponto de convergência na preocupação com a significação”.

Vista a amplitude de sua obra, faz-se necessário precisar qual parte de sua teoria encontra-se em análise, pois, segundo Flores (2013)

Benveniste tem uma obra que ultrapassa o campo da enunciação. Estudá-la implica fazer recortes e, antes de tudo, constituir um *corpus* textual de referência, a partir do qual uma pesquisa pode ser desenvolvida [...]. Do conjunto da obra – entendido como um *corpus inicial* formado por fontes de diferentes naturezas – recorta-se, com base em objetivos específicos um *corpus textual de pesquisa* (FLORES, 2013, p. 21, grifos do autor).

O termo *corpus textual de pesquisa* diz respeito aos textos retirados das obras *Problemas de Linguística Geral I* (1976) e *Problemas de Linguística Geral II* (2006) e que servem de referencial teórico para o estudo realizado neste trabalho. Dessa forma, levando em consideração as diversas reflexões e teorizações pertencentes ao *corpus inicial* de pesquisa, tomamos por escopo para a construção do *corpus textual* desta pesquisa as reflexões benvenistianas que possibilitam pensar sobre as produções discursivas realizadas pelo indivíduo na sociedade.

No entanto, antes de apresentar o *corpus textual de pesquisa* benvenistiano do qual fazemos uso, é necessário que voltemos nossa atenção à recepção do pensamento de Benveniste no Brasil, a fim de estabelecermos nos no rol de reflexões que vindo sendo produzidas no contexto brasileiro.

Para tal empreitada, recorreremos a Valdir do Nascimento Flores, expoente em estudos enunciativos no Brasil. Em seu livro *Saussure e Benveniste no Brasil* (2017), o autor expõe a evolução da recepção das obras de Benveniste, afirmando que a compreensão e leitura das obras, no Brasil, aconteceu de forma fragmentária e parcial. Flores assume este posicionamento porque, conforme menciona em seu trabalho, houve no Brasil a mera utilização de termos e metodologias empregadas por Benveniste, sem a incorporação da epistemologia inerente a tais aparatos teórico-metodológicos.

Ao discorrer acerca da recepção das obras de Benveniste, Flores (2017) faz referência ao trabalho de Claudine Normand (2009), quando a autora, em uma perspectiva de análise das leituras e teorizações que se deram na França, apresenta três tipos de leitura que se fez dos estudos de Benveniste. Segundo Normand (2009), inicialmente realizou-se uma leitura comparatista da obra de Benveniste, empreendida especialmente por filólogos e linguistas das línguas clássicas, nos quais privilegiavam-se os estudos indo-europeus de 1835, 1948 e 1969, aliados aos diversos artigos produzidos por Émile Benveniste e publicados em diversas revistas de filologia e linguística clássica. Em um segundo momento, houve a leitura em caráter estruturalista, nos anos 1970, relacionada à difusão tardia, porém maciça, do estruturalismo na França, o que levou linguistas a uma análise de textos mais gerais, com noções fundadoras de teorizações benvenistianas, a exemplo das definições de signo, estrutura de língua e níveis de análise. Por fim, a partir de 1970, ocorre a leitura da “teoria da enunciação”, uma perspectiva na qual são tomados por base, especialmente, os temas presentes nos artigos de *Problemas de Linguística Geral I e II* que compõem a segunda parte, intitulada *A comunicação*, assim como da quinta parte, *O homem na língua*, para fomentar diferentes discussões na área, perspectiva que se torna, conforme afirma Normand (2009, p. 13), “permanentemente, dominante, [e] para muitos quase exclusiva”.

Flores (2017) recorre à Normand (2009) para expressar seu posicionamento acerca da recepção das obras de Benveniste no Brasil, afirmando que aqui, assim como na França, são perceptíveis os três momentos distintos de leitura e estudos a partir de Benveniste. No entanto, diferentemente do que ocorrera na França, no Brasil as obras foram lidas com grandes espaços de tempo, em comparação às publicações francesas, o que levou linguistas brasileiros a lerem apenas algumas ideias de Benveniste presentes em outros autores. Tais fatos levam Flores à afirmação de que “a recepção do pensamento benvenistiano no Brasil é parcial, dispersa e fragmentada, e isso reflete na pouca atenção dada à reflexão do autor nos anos 1960, 1970, 1980 e parte dos anos 1990” (FLORES, 2017 p. 53).

Nos anos 1970, 1980 e 1990, encontrar trabalhos que de fato abordassem a teoria enunciativa a partir das reflexões de Benveniste, não apenas ideias e pensamentos benvenistianos citados em trabalhos de outros autores, era tarefa difícil. Essa perspectiva apenas teve alterações nos últimos anos, quando teorizações de Benveniste começam a ganhar maior espaço na linguística brasileira. Assim como aponta Flores (2017), o final da década de 1990 e o início do século XXI propiciaram uma redescoberta do pensamento benvenistiano no Brasil,

o que desencadeou, conforme o autor, a segunda recepção do pensamento de Benveniste no país.

Sobre essa segunda recepção, Flores aponta três eixos de estudo que decorrem das reflexões benvenistianas no Brasil. Apresentamos o quadro exposto pelo autor que, sucintamente, demonstra a estruturação dos três eixos de estudo.

Quadro 1 - Eixos da segunda recepção de Benveniste no Brasil

| <b>Eixos de estudo sobre Benveniste</b> |  |   |
|---|--|---|
| Primeiro eixo                           | Situa a enunciação no centro da reflexão.  | Produz uma <b>linguística da enunciação</b> <i>stricto sensu</i> .                          |
| Segundo eixo                            | Situa a enunciação no centro da reflexão, mas a articula ao conjunto da teoria da linguagem de Benveniste, tendo em vista uma teorização comum ao campo das ciências humanas em geral. | Produz uma abertura para uma <b>teoria da linguagem</b> em diálogo com as ciências conexas. |
| Terceiro eixo                           | Situa a imanência da teoria da linguagem de Benveniste no centro da reflexão e visa esclarecer termos, noções e conceitos da teoria.   | Produz estudos intrateóricos, uma espécie de <b>hermenêutica</b> da teoria.                 |

Fonte: Flores (2017, p. 77, grifos do autor).

Interessa-nos, para esta pesquisa, o segundo eixo. Este é visto como campo que, embora tendo por centro de discussões a noção de enunciação, conforme aponta Flores (2017, p. 80), “essa noção é redimensionada por uma leitura de conjunto da teoria de Benveniste”, na qual tornam-se possíveis leituras de diálogo entre linguagem, cultura e homem, quando a língua é convertida em discurso. Trata-se de uma área com vocação interdisciplinar que parte de teorizações benvenistianas, mas que não se esgota nelas. Ainda, de acordo com Flores (2017),

Não se trata mais de uma linguística da enunciação *stricto sensu*, mas da busca por uma teoria da linguagem em que se percebe um autor ocupado com descrições minuciosas de natureza linguística, mas também um pensador cujos textos contêm reflexões epistemológicas de grande amplitude para quem quer que se interesse pela relação entre a linguagem e o homem (FLORES, 2017, p. 85).

Considerando a possibilidade de abertura e diálogo com outras áreas, diversos campos de análise linguística passam a se interessar em ler a teoria enunciativa de Benveniste, com vistas a compreender de que forma a língua relaciona-se com o homem e, conseqüentemente, com a sociedade. É sob a segunda conjectura de leitura da teoria enunciativa que inscrevemos este trabalho. Assim, propomos a reflexão sobre identidade em perspectiva de diálogo entre a Linguística Aplicada e a Enunciação, pois “sendo o campo constitutivamente heterogêneo,

sempre é possível a ele acrescentar um certo olhar sobre a enunciação ou uma interface ainda não abordada” (FLORES; TEIXEIRA, 2005 p. 110).

Antes de iniciarmos nossas ponderações acerca das relações entre homem, língua, sociedade e cultura, é de grande valia realizarmos algumas explicações e definições terminológicas a serem utilizadas neste trabalho.

As obras de Benveniste, conforme aponta Flores (2013), são compostas de *flutuações terminológicas*. Há, de um lado, nos textos de Benveniste, diversos termos que mesmo idênticos em sua expressão, possuem significados diversificados de acordo com sua ocorrência. Enquanto, por outro lado, existem termos diferentes que visam à expressão de uma mesma significação. Por isso, devemos eleger um *corpus textual de pesquisa*, a fim de explorar os termos e seus conceitos no interior da discussão específica na qual foram propostos, com vistas a alcançar os objetivos específicos do estudo.

Dessa forma, realizamos um recorte metodológico e estabelecemos os textos dos dois volumes de *Problemas de Linguística Geral* que compõem nosso *corpus textual de pesquisa*. Cabe ressaltar que a escolha do *corpus textual* não se pauta em um caráter cronológico dos textos, mas sim pelo critério temático a partir do qual buscamos perceber a construção de um indivíduo que se estabelece na e pela linguagem. Ou seja, são textos nos quais percebemos considerações sobre a constituição do falante na sua relação com a língua e a sociedade.

O *corpus textual* de nossa pesquisa é constituído por dois capítulos pertencentes ao *Problemas de Linguística Geral I* e dois artigos pertencentes ao *Problemas de Linguística Geral II*, conforme o Quadro 2:

Quando 2 - *Corpus* textual de pesquisa

| <b>CORPUS TEXTUAL DE PESQUISA</b>   |
|---|
| <b><i>Problemas de linguística geral I</i></b><br><b><i>Da subjetividade na linguagem (1958)</i></b><br><b><i>Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística (1963)</i></b> |
| <b><i>Problemas de linguística geral II</i></b><br><b><i>Estrutura da língua e estrutura da sociedade (1968)</i></b><br><b><i>O aparelho formal da enunciação (1970)</i></b>      |

Fonte: elaborado pela autora

Começamos a justificativa<sup>21</sup> sobre o recorte metodológico com o artigo *Da subjetividade na linguagem*, datado de 1958, pertencente ao *Problemas de Linguística Geral I*. Princípios por este artigo pelo fato de o autor compreender o locutor como sujeito da linguagem, pelo fato de este ser dotado de linguagem e produzi-la com vistas a um alocutário e, principalmente, por Benveniste mostrar que a “linguagem ensina a definição de homem” (BENVENISTE, 1976, p. 285), sendo constitutiva dele e não instrumental. Aqui, percebemos uma discussão inicial acerca do caráter *intersubjetivo* da linguagem.

A questão da intersubjetividade é abordada de maneira diferenciada em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, publicado inicialmente em 1963, também pertencente ao *Problemas de linguística geral I*. Neste artigo Benveniste discute, além das formas linguísticas necessárias para a produção discursiva, a *função da linguagem* e seu caráter *intersubjetivo*, além de considerar os aspectos culturais implicados na língua. Benveniste assevera que é dentro da língua, em uma perspectiva de troca entre locutor e seu parceiro, que o indivíduo e a sociedade se estruturam.

Ainda sob esta perspectiva de constituição mútua entre indivíduo e sociedade, em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, artigo presente em *Problemas de Linguística Geral II*, publicado em 1968, Benveniste (2006, p. 93) assegura que “a linguagem pressupõe o outro” e que a sociedade apenas se sustenta com o uso da linguagem, concluindo assim que sociedade e linguagem implicam uma a outra. Dessa forma, o autor apresenta a língua – modo de realização da linguagem – como cerne da sociedade, tendo a inclusão do falante em seu discurso como caráter fundamental para a estruturação de uma rede relações discursivas que, como consequência, estruturam relações sociais.

Por fim, selecionamos também o artigo *O aparelho formal da enunciação*, publicado em 1970 e pertencente ao segundo volume do *Problemas de Linguística Geral*. Neste artigo, o autor estabelece o campo enunciativo como em uma perspectiva de análise das produções linguísticas como um ato de apropriação da língua em vistas a uma produção discursiva. Nele Benveniste define explicitamente a enunciação e demonstra a forma como esta é estruturada, assim como os efeitos que a apropriação da língua produz.

Como pudemos ver, o recorte metodológico do *corpus* textual apresenta ponderações acerca da constituição de reflexões sobre as relações entre homem-língua-sociedade cuja cronologia resulta em um espaço de doze anos de teorizações. O recorte estabelecido apresenta

---

<sup>21</sup> Nas próximas seções, os pressupostos teóricos mencionados a título de justificativa serão mais detalhadamente abordados.

o viés de leitura que propomos neste estudo, trata-se de uma leitura de um Benveniste enunciativo com reflexões antropológicas, tendo em vista nosso objeto de estudo, os testemunhos linguísticos, com vistas a constituição do indivíduo em uma sociedade.

Tendo apresentado os critérios que pautam a escolha dos textos, acabamos por evidenciar que parte deste trabalho tem seu embasamento na perspectiva enunciativa, de modo que podemos afirmar que as reflexões apresentadas na sequência se enquadram em um viés antropológico de leitura e discussão da teoria enunciativa. O estudo é antropológico, pois tem seu foco no homem e as interpretações que este faz sobre a língua e sobre si mesmo com a língua. Trata-se de um estudo que, conforme assinala Flores (2017), difere de estudos da linguística, de maneira geral, e, inclusive, da enunciação, que rejeitam a figura do ser falante, sob o pretexto de que o que caberia ser analisado seriam apenas os fatos linguísticos e não o falante que produz a língua em si. Contudo, essa “antropologia da enunciação” que propomos é “antes de tudo, um estudo da natureza *loquens* do homem, o que tem um interesse humano geral e não apenas disciplinar” (FLORES, 2017, p. 06).

Nas seções seguintes, expomos, com mais detalhamento, os aspectos teóricos que sustentam nossa proposta, com base na perspectiva de análise enunciativa benvenistiana, que, posteriormente, será posta em relação às teorizações pertencentes ao campo da Linguística Aplicada, apresentadas no primeiro capítulo deste estudo.

## **2.2 Benveniste e o *homem na língua***

Benveniste compreende a linguagem como uma faculdade humana, propriedade inerente ao homem, uma característica universal e imutável, diferentemente das línguas, que são formadas por sistemas particulares e variáveis. Por sistemas, queremos dizer que línguas são estruturadas e arranjadas em níveis e que não significam se tomadas as suas partes separadamente. Em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, Benveniste nos ensina que uma língua tem significação porque é “organizada sistematicamente e funciona segundo as regras de um código” (BENVENISTE, 1976, p. 24), que vão sendo arranjados na estrutura da comunicação.

É pela linguagem que o indivíduo é capaz de converter a língua em discurso com vistas à produção de sentidos. Assim, pela linguagem, o indivíduo é capaz de “*representar* o real por

um ‘signo’ e de compreender o ‘signo’” como representante do real, de estabelecer, pois, uma relação de significação entre algo e algo diferente” (BENVENISTE, 1976, p. 27).

Ainda em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, Benveniste nos lembra que “o homem não foi criado duas vezes, uma sem linguagem, e uma vez com linguagem” (BENVENISTE, 1976, p. 29). Ou seja, a linguagem está na constituição do homem, assim, nas teorizações benvenistianas, o caráter antropológico perpassa as análises linguísticas, o que nos leva a perceber que o homem está na linguagem, algo que lhe é intrínseco, e se reflete na língua, nos usos que faz desta linguagem que lhe é constitutiva. Explicamo-nos tomando por base os axiomas, geral e específico, propostos por Flores (2017b).

Flores (2017b), em um artigo no qual discute o caráter antropológico presente nas discussões de Benveniste, afirma que há sim íntima relação entre os postulados *o homem na linguagem* e *o homem na língua*, no entanto, tais aspectos não podem ser compreendidos como intercambiáveis, ou seja, como sinônimos na teoria. Por este motivo, Flores (2017b) propõe uma reflexão com base em dois axiomas, um geral e um específico. Como axioma geral o autor percebe o postulado *o homem na linguagem*, no qual encontra-se contido o axioma específico *o homem na língua*.

No axioma geral, *o homem na linguagem*, o caráter antropológico da teoria benvenistiana, segundo Flores (2017b),

Precisa ser entendido no sentido de um saber geral sobre o homem, sobre o humano, saber que é subjacente a todo e qualquer conhecimento acerca do homem, seja de sua natureza, seja de sua cultura. Esse homem que está na linguagem tem uma anterioridade lógica em relação ao próprio ato de falar. Poderíamos, inclusive, dizer que o homem na linguagem é a condição inscrita na condição de todo falante (FLORES, 2017b, p. 13).

Ou seja, o axioma geral, *o homem na linguagem*, é visto como a propriedade constitutiva do homem. Já o axioma específico, *o homem na língua*, funciona através da propriedade fundamental da língua, que é a de significar. Dessa forma, quando o locutor, ao apropriar-se da língua, apresenta-se como sujeito em seus discursos, evidencia suas experiências enquanto homem, constituído de linguagem, e que se refletem na língua em seus enunciados. Portanto, conforme afirma Flores “a *significância* faz o axioma geral *o homem na linguagem* operar no axioma específico *o homem na língua*” (FLORES, 2017b, p. 14, grifos do autor).

Por perceber a linguagem como constitutiva do homem, Benveniste distancia-se de algumas correntes linguísticas que percebem a língua como um instrumento a partir do qual a comunicação torna-se possível. Em oposição a tais correntes, Benveniste afirma, em *Da*

*subjetividade na linguagem*, que comparações entre linguagem e instrumento deveriam causar-nos desconfiança. Isso porque,

Falar de instrumento, é pôr em oposição o homem e a natureza. A picareta, a flecha, a roda não estão na natureza. São fabricações. A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclina-mo-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção (BENVENISTE, 1976, p. 285).

Para Benveniste, linguagem e homem estão intimamente ligados. Na esteira de suas discussões o linguista apresenta um princípio norteador da perspectiva antropológica presente em suas reflexões ao asseverar que a linguagem é a propriedade definidora do homem. Sobre isso, o autor afirma que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*<sup>22</sup>; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (BENVENISTE, 1976, p. 286, grifos do autor).

A consideração da linguagem como instrumento ou algo que possa vir fabricado pelo homem é algo inconcebível nas teorizações benvenistianas. Isso ocorre porque, nessa perspectiva, a linguagem encontra-se na constituição do homem, em sua própria natureza de ser. Sobre isso, Benveniste assegura que

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENVENISTE, 1976, p. 285)

Consequentemente, considerar linguagem e homem como caracteres distintos é algo incabível, isso porque o homem, na condição de locutor, apenas se constitui como sujeito pois dispõe dos mecanismos para a produção linguística, e “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a si mesmo como *eu* no seu discurso” (BENVENISTE, 1976, p. 286, grifos do autor). Em outras palavras, homem em Benveniste é o termo que remete à perspectiva antropológica das teorizações, cabe repetirmos a menção de Benveniste: *a linguagem ensina a própria definição do homem*. Já o locutor é aquele responsável pela apropriação do sistema linguístico, capaz de produzir discursos e estabelecer-se como sujeito na e pela linguagem, é aquele que apenas se torna sujeito da linguagem através

---

<sup>22</sup> Para Benveniste, o termo sujeito é compreendido como o efeito da constituição de homem na e pela linguagem, decorrente da capacidade de o locutor se propor como tal.

dos usos que faz da língua. No entanto, como ocorre essa passagem de locutor à sujeito da linguagem?

Benveniste assegura que o indivíduo apenas toma consciência de si quando este se encontra em contraste com um outro ao qual o enunciado é dirigido. Explicamo-nos. Há a reciprocidade no processo de constituição do *eu*, pois o diálogo, a comunicação, apenas acontece quando se instaura uma alocação, um *tu*, ao qual o discurso é dirigido. Assim,

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a "mim", torna-se o meu eco - ao qual digo *tu* e que me diz *tu* [...]. Nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição "interior-exterior", e ao mesmo tempo são reversíveis. (BENVENISTE, 1976, p. 286, grifos do autor).

Dessa forma, ao propor-se como *eu* no discurso, o locutor estabelece uma relação com aquele que recebe o seu discurso, fazendo surgir o *fundamento linguístico da subjetividade*. Este fundamento encontra-se enraizado na língua pelo fato de apenas fazer surgir o sujeito da linguagem no momento em que locutor propõe-se como produtor de enunciados, ou seja, a instância do discurso é a propriedade pela qual o locutor torna-se sujeito. Dessa forma, o sujeito não é algo anterior ao discurso, pelo contrário, ele apenas torna-se possível porque o locutor apropria-se e faz uso da língua. Ainda, "o *sujeito*, não é nem o *locutor*, nem o *homem*, mas uma instância que decorre da apropriação feita pelo locutor. Logo, o *sujeito* é um efeito de apropriação" (FLORES, 2013, p. 101, grifos do autor), evidenciado pela categoria de pessoa do discurso.

Por categoria de pessoa referimo-nos à instauração do sujeito na linguagem na produção de discursos. Isso ocorre porque ao produzir discursos o locutor emprega o pronome *eu*, referindo-se a si mesmo, e estabelecendo diante de si um *tu*, ao qual o discurso é destinado. Assim, a categoria de pessoa (*eu-tu*), evidenciada nos discursos, é discutida por Benveniste como índice<sup>23</sup> de subjetividade, portanto, são marcas discursivas da presença do homem na língua.

Essa instauração do sujeito na linguagem, através da categoria de pessoa, acontece quando o falante se apropria da língua; ele pode empregar, ou não, em seu discurso, explicitamente o pronome *eu* para referir a si próprio em sua fala e o faz sempre em oposição a *tu*, categoria à qual o discurso é destinado. Dessa forma, *eu* e *tu* são vistos como parceiros na

---

<sup>23</sup> Na seção 2.2.1 expomos os elementos constitutivos da enunciação, aprofundando, assim, a discussão sobre os índices presentes nos discursos.

enunciação, pois a cada instância enunciativa é assegurada a reversibilidade discursiva, assegurando, assim, a intersubjetividade na enunciação.

Tendo isso em vista, podemos afirmar que a língua em uso funciona como o meio pelo qual um homem é capaz de relacionar-se e constituir-se dentro de uma comunidade. São as produções discursivas, ou seja, a capacidade de se propor como *eu* em um discurso, que inserem o falante em relação ao(s) outro(s), o *eu - tu* constituintes da categoria de pessoa proposta por Benveniste, sendo este o princípio da *intersubjetividade* (a relação eu-tu) que está ligado à *subjetividade*, esta entendida como a capacidade de o locutor se colocar como sujeito. Dessa forma, apenas torna-se sujeito aquele que produz discursos e insere-se nele como eu, em relação direta com a sociedade. Sobre esta passagem de locutor a sujeito, Benveniste afirma que ela ocorre pois “é ‘ego’ que diz *ego*” (BENVENISTE, 1976, p. 286), o que é parafraseado por Flores (2013) como “é *sujeito* quem *diz eu*” (FLORES, 2013, p. 100). Em outras palavras, a construção da subjetividade proposta por Benveniste apenas é possível no momento em que a língua é apropriada por um locutor, que a converte em discurso e acaba, conseqüentemente, inserindo-se naquele discurso como *eu*.

Na esteira das reflexões acerca da constituição do indivíduo que se dá, pela língua, por meio da passagem de locutor a sujeito, a subjetividade, Benveniste assegura ser incabível perceber o indivíduo como oposto a uma sociedade, nas relações com os outros, na qual o indivíduo seria um *termo original*. A sociedade está posta e o indivíduo ao adquirir consciência de si, passa a integrá-la, ao mesmo tempo que ambos se constituem um pelo outro, pois, “é numa realidade dialética que englobe os dois termos [indivíduo e sociedade] e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento linguístico da subjetividade” (BENVENISTE, 1976, p. 287).

Essa discussão sobre a relação entre o *eu* e o *tu* retorna em *O aparelho formal da enunciação*. Neste texto posterior, o autor reafirma a necessidade de duas figuras para a estruturação da enunciação, estabelecendo o *quadro figurativo* da enunciação. A enunciação, conforme aponta o autor, é o ato de apropriação da língua e de colocá-la em prática, através da produção de discursos, que estabelece, necessariamente, as categorias de pessoa (*eu - tu*) de uma enunciação.

Ao compreender a produção discursiva como o único meio de o locutor propor-se como sujeito na linguagem, percebe-se a necessidade de um parceiro, de um ouvinte ao qual o discurso é dirigido e que pode inverter-se em *eu*, dada a inversibilidade abordada por Benveniste. Mais do que isso, “desde que ele [o falante] se declara locutor e assume a língua,

ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a esse outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocação, ela postula um alocutário” (BENVENISTE, 2006, p. 84) que pode lhe produzir uma enunciação de retorno.

Assim, “o que em geral caracteriza a enunciação é a *acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006, p. 87, grifos do autor). Posto de outra forma, a partir do momento em que o locutor assume sua posição como tal (*eu*), diante de si é estabelecido um ouvinte (*tu*) que receberá esta enunciação, e que “suscita uma outra enunciação de retorno” (BENVENISTE, 1976, p. 84).

O que há, então, é o aparecimento de um locutor, que a partir do ato de apropriação de características formais de língua, coloca-a em uso e suscita uma enunciação de resposta, e aí retorna a questão da *intersubjetividade*. Nas palavras de Benveniste (1976, p. 84)

**O ato individual de apropriação da língua introduz aquele que fala em sua fala.**

Este é um dado constitutivo da enunciação. A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Essa situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação [...]. E primeiramente a emergência dos índices de pessoa (a relação *eu-tu*) que não se produz senão na e pela enunciação: o termo *eu* denotando o indivíduo que profere a enunciação, e o termo *tu*, o indivíduo que aí está presente como alocutário (BENVENISTE, 1976, p. 84, grifo itálico do autor, grifo negrito nosso).

Portanto, para que o homem esteja na língua é necessário que o locutor se aproprie do aparelho formal da língua e produza enunciados, instaurando-se como *eu* em sua enunciação, sendo este o princípio da subjetividade. Simultaneamente, aparece o parceiro para o qual dirigem-se os discursos, o *tu* da enunciação – cabe lembrar, mais uma vez, que este *tu* pode ser real, imaginado, individual, coletivo –, fazendo ambos pressuporem-se mutuamente. Esta necessidade de *eu - tu* coexistirem na enunciação é tida como o princípio da intersubjetividade, sendo esta a característica que demonstra a presença do homem na linguagem. E, conforme assinala Flores (2017, p. 13), “o homem na linguagem é a condição inscrita na condição de todo falante. Ela é uma condição imanente e constitutiva do homem”.

Para a melhor compreensão da estruturação da enunciação, apresentamos, na subseção a seguir, os elementos constituintes da enunciação que, em última instância, acarretam no surgimento do homem na língua.

### 2.2.1 A constituição da enunciação

No artigo *O aparelho formal da enunciação*, Benveniste aborda a enunciação, em uma das suas definições, como o processo de “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82), sempre em relação com parceiro de alocação. Para melhor compreendermos as discussões deste trabalho, nesta subseção nos debruçamos a esclarecer três características essenciais para a constituição da enunciação, tal como Benveniste pontua em *O aparelho formal da enunciação*, que são: i) o ato; ii) a situação em que ela se realiza; iii) os instrumentos de sua realização.

Principiamos a reflexão com a definição de ato proposta por Benveniste:

O ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (BENVENISTE, 2006, p. 83-84).

O ato é, então, a propriedade pela qual a língua é colocada em uso e que estabelece, fundamentalmente, um locutor e um alocutário, igualmente necessários para a constituição da enunciação e, conseqüentemente, do diálogo. Isso porque um é a origem e o outro é o fim da enunciação, atuando alternadamente no diálogo.

A situação, por sua vez, faz referência ao fato de a língua, na enunciação, ser utilizada para expressar a relação do locutor para com o mundo. Assim, a apropriação e mobilização da língua é “para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. **A referência é parte integrante da enunciação**” (BENVENISTE, 2006, p. 84, grifos nossos). Essa referência que o autor menciona, é, em última análise, *falar de algo*. Knack (2016) aponta que a referência, ou o falar de algo, *é o que possibilita ao locutor o estabelecimento de sua relação com o outro e também com o mundo, (re)criando este pelo discurso* (KNACK, 2016, p. 84), ou seja, pelo discurso abrange-se a relação com o outro e com o mundo.

Por fim, existem os instrumentos de realização da enunciação. Benveniste apresenta os instrumentos ao mencionar que

Enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de *apropriação*. O locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por

meio de procedimentos acessórios, de outro (BENVENISTE, 2006, p. 84, grifos do autor).

Por *índices específicos* o autor compreende: a emergência dos índices de *pessoa*, a relação *eu-tu* estabelecida na enunciação; os índices de *ostensão*, a exemplo dos termos *este*, *aqui*, assim como os pronomes pessoais e demonstrativos que, ao mesmo tempo em que se pronuncia o termo, ele designa algo ou alguém; e, por fim, os índices de *tempo*, isso porque a temporalidade é apenas produzida na enunciação, pois “da enunciação procede a instauração da categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo” (BENVENISTE, 2006, p. 85). Ou seja, de maneira geral, os índices específicos descritos acima fazem relação às categorias de pessoa, tempo e espaço.

Já ficou claro que a enunciação apenas se instaura quando o locutor se apropria da língua e instaura diante de si um *tu* ao qual se dirige. Assim, a instauração das categorias de pessoa, *eu – tu*, é parte essencial para a concretização do discurso, bem como o tempo instituído no discurso. As categorias de pessoa e de tempo podem ser compreendidas como complementares, pois, através da produção discursiva, ao estabelecer as categorias de pessoa no presente linguístico, constitui-se a enunciação.

Sobre a questão da temporalidade, Benveniste afirma que o tempo é estabelecido na enunciação pois

O presente é propriamente a origem do tempo. Ele é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque, é necessário refletir bem sobre isso, **o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o “agora” e de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo** (BENVENISTE, 2006, p. 85, grifos nossos).

Dessa forma, a capacidade de explicitar a categoria do tempo apenas é possível porque o locutor se apropria do sistema linguístico e enuncia no tempo presente, além de poder, a partir da enunciação, retomar eventos anteriores ou mencionar acontecimentos futuros. Nas teorizações benvenistianas o presente linguístico, ou seja, as enunciações no tempo presente, é que instauram a origem do tempo. Explicamo-nos, o presente constitui, na enunciação, a linha que separa o futuro e o passado, ou, nas palavras do autor “entre o que vai se tornar presente e o que já não o é mais” (BENVENISTE, 2006, p. 86). Vale frisar, a temporalidade apenas é possível porque o *eu* enuncia na língua fazendo uso de índices específicos e procedimentos acessórios.

Por *procedimentos acessórios*, entende-se que fazem relação ao processo de conversão da língua em discurso, na relação discursiva com o parceiro, através de procedimentos como a

*asserção, a intimação e a interrogação*, que são características constituintes do diálogo, conforme aponta o autor. Os procedimentos acessórios servem, ao enunciador, como meios “para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário” (BENVENISTE, 2006, p. 86). Assim, a *interrogação* é construída com o intuito de provocar uma resposta por parte do alocutário, o que, nas palavras do autor, “é um processo linguístico que é ao mesmo tempo um processo de comportamento com dupla entrada” (BENVENISTE, 2006, p. 86). Comportamento semelhante ao apresentado pelo procedimento de *intimação*, que implica, também, o relacionamento entre enunciador e àquele ao qual o enunciado dirige-se.

De maneira similar, porém, menos evidente, conforme aponta o autor, a *asserção* visa a exprimir uma certeza, apresenta a presença do locutor em sua enunciação, o qual faz uso de instrumentos específicos para apresentar seu posicionamento. Além disso, também fazem parte do *aparelho de funções* capazes de influenciar o comportamento do alocutário as *modalidades formais*. Por modalidades formais Benveniste compreende os modos de produção de língua relacionados aos verbos, a exemplo dos modos optativo, subjuntivo, que apresentam as intenções e atitudes do locutor em relação àquilo que enuncia, como a suas expectativas, desejos, bem como possíveis recusas a asserções anteriores.

Os principais conceitos apresentados em *O aparelho formal da enunciação* estão sintetizados no quadro a seguir.

Quadro 3 - Conceitos-chave em *O aparelho formal da enunciação*

| <b>Conceitos-chave relacionados à enunciação</b> |   |
|--|---|
| <b>ENUNCIÇÃO</b>                                 | Colocação da língua em funcionamento por um ato individual de utilização.   |
| <b>ATO</b>                                       | Propriedade pela qual a língua é colocada em uso e estabelece a origem e o fim da enunciação, o locutor e o alocutário.   |
| <b>SITUAÇÃO</b>                                  | Contexto discursivo que constrói a referência.  |
| <b>ÍNDICES ESPECÍFICOS</b>                       | Recursos linguísticos que colocam o locutor em relação com sua enunciação e que propiciam ao locutor apresentar-se como <i>eu</i> em suas enunciações. São as categorias de pessoa, tempo e espaço. |

|  |
|--|
| <b>PROCEDIMENTOS ACESSÓRIOS</b> Recursos linguísticos que colocam o locutor em relação a sua enunciação. São as asserções, intimidações, interrogações e modalidades formais que apresentam as atitudes do locutor enquanto produtor de enunciados, além do próprio modo de sintagmatizar esses e outros recursos. |
|--|

Fonte: elaborado pela autora a partir de Flores (2013, p. 177)

Levando em consideração o que fora apresentado até aqui, percebemos *O aparelho formal da enunciação* como composto de um “conjunto de elementos linguísticos formado por índices específicos e por procedimentos acessórios que, na enunciação, indicam a posição de locutor” (FLORES, 2013, p. 177) e que, por fim, apresentam o indivíduo como sujeito na linguagem, que, por sua vez, explicita a sua relação para com o mundo e para com o(s) outro(s).

Na conclusão do artigo, Benveniste apresenta o seguinte posicionamento,

**Muitos outros desdobramentos deveriam ser estudados no contexto da enunciação.** Ter-se-ia que considerar as alterações lexicais que a enunciação determina, a fraseologia, que é a marca frequente, talvez necessária, da “oralidade”. Seria preciso também distinguir a enunciação falada da enunciação escrita. Esta se situa em dois planos: o que escreve se enuncia ao escrever e, no interior de sua escrita, ele faz os indivíduos se enunciarem. **Amplas perspectivas se abrem para a análise das formas complexas do discurso, a partir do quadro formal esboçado aqui** (BENVENISTE, 2006, p. 90, grifos nossos).

É nesta perspectiva de desdobramentos da teoria que encontramos aporte teórico para o desenvolvimento deste estudo, no qual analisamos as formas complexas do discurso oral, com vistas a compreender a construção identitária em um contexto acadêmico e de língua adicional.

### 2.3 Os fundamentos da relação língua-indivíduo-sociedade

Na seção anterior voltamos nossa atenção ao posicionamento de que o sujeito é fruto de um construto linguístico-discursivo, pois constrói-se e é construído em relação aos outros a partir das enunciações que produz dentro de uma sociedade, a partir do aparelho formal da enunciação. Agora, nossa reflexão volta-se para a questão do relacionamento que o indivíduo é capaz de estabelecer com a comunidade na qual está inserido a partir do discurso.

Buscamos, nesta seção, discutir os aspectos sociais relacionados à língua e aos usos que o falante faz dela, já que, conforme afirma Teixeira (2012) no artigo *Um olhar enunciativo sobre o discurso*,

Benveniste ensina que não há um saber sobre a linguagem que não seja ao mesmo tempo um saber sobre o sujeito da linguagem, isto é, que não represente um saber sobre o indivíduo, a sociedade e suas relações. É possível afirmar, então, que a Teoria da Enunciação por ele desenvolvida passa o âmbito de análise intralinguística para atingir outros horizontes, na direção das atividades significantes dos homens em qualquer tipo de interação social. No entanto, poucas têm sido as tentativas de transitar com Benveniste para o âmbito do discurso socialmente situado (TEIXEIRA, 2012, p. 62)

Tratamos aqui de um redimensionamento da teoria enunciativa para uma perspectiva que leve em consideração o falante e a sua inclusão em seus discursos como fator de inserção como participante da sociedade. Sob essa perspectiva, ancoramo-nos em estudos que também realizaram o redimensionamento teórico com vistas a perceber o falante como produtor de discursos e, a partir disso, capaz de ocupar posições na sociedade, a exemplo da tese *Por uma dimensão antropológica do discurso: as passagens do aluno nas instâncias de ensino*, de Knack (2016). A autora, ao discutir o conceito de passagem, de transição entre posições na sociedade, debate sobre a passagem de uma aluna enquanto no meio escolar e sua transição de posição para o meio acadêmico, ao assumir o lugar de aluna de graduação. Knack (2016) busca perceber a maneira como ocorre a “(re)significação *em seu discurso, por meio de distintos modos de enunciação, da sua relação com a língua, com o outro e com os valores culturais dos quais [a aluna] se apropriou* (KNACK, 2016, p. 147, grifos da autora). Tendo isso em vista e baseada no artigo benvenistiano *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, a autora afirma que, ao apropriar-se da língua para enunciar, “o locutor, ao se singularizar no ato de atualizar a língua, que comporta a cultura, em discurso, ocupa uma posição no discurso e uma posição na sociedade” (KNACK, 2016, p. 147), o que acarreta na sua inclusão como participante na sociedade.

Assim, de igual modo, realizamos um deslocamento da teoria benvenistianiana em uma perspectiva que ultrapasse as *análises intralinguísticas*, situando-nos em discussões que levem em consideração o discurso como socialmente situado, e, nas palavras de Benveniste, levando em consideração a *língua como prática humana*. Assim, tomamos como ponto de partida, as discussões benvenistianas apresentadas no artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*.

Ao recorrermos ao artigo *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, temos como objetivo a reflexão sobre a relação entre indivíduo e sociedade, texto no qual Benveniste situa a vinculação entre língua e sociedade, estabelecendo-as como implicadas e indissociáveis. Benveniste aponta a implicação entre as duas entidades, ao afirmar que a sociedade se estabelece com a linguagem e pelo uso de signos de comunicação e que, ao mesmo tempo, a

linguagem pressupõe o outro, ou seja, os indivíduos em sociedade. Assim, afirma que *a língua é o interpretante da sociedade*, além de também conter a sociedade. Retomaremos essa asserção na sequência.

Benveniste toma os conceitos de língua e sociedade sob uma perspectiva sincrônica, afirmando que a língua é o meio pelo qual a sociedade pode ser compreendida. O autor assume essa perspectiva por enxergar a língua como parte que se desenvolve e se elabora no seio de uma comunidade, buscando produzir formas de vivência humana, além de ser, também, por este mesmo processo que as sociedades são estabelecidas, sempre mediadas pelo homem que a produz. Com isso, o autor classifica a língua como o *interpretante da sociedade*, pois apenas através do uso da língua que as estruturas sociais passam a ter significância dentro de uma dada sociedade. Ainda, esta propriedade da língua de interpretar a sociedade é asseverada por Benveniste quando o autor afirma que “é impossível descrever a sociedade, descrever a cultura, fora de suas expressões linguísticas” (BENVENISTE, 2006, p. 98).

Benveniste distingue as entidades, língua e sociedade, como pertencentes, de um lado, a um nível fundamental, e de outro, a um nível histórico. No nível histórico encontram-se as línguas como idiomas empíricos, a exemplo da língua chinesa e da língua francesa, do mesmo modo, encontram-se como dados empíricos e históricos as sociedades, a exemplo das sociedades chinesa e francesa. Por outro lado, no nível fundamental, concebe a língua como um *sistema de formas significantes* e a sociedade como *condição de existência dos homens*. Neste nível,

Língua e sociedade são para os homens realidades inconscientes, uma e outra representam a natureza [...] Uma e outra são sempre herdadas, e não se imagina no exercício da língua e na prática da sociedade, neste nível fundamental, que tenha podido existir um começo tanto em uma quanto em outra (BENVENISTE, 2006, p. 96).

Dessa forma, não existe um *a priori* de língua enquanto capacidade de significação, nem um momento no qual seja possível recuperar o início da coletividade humana em que ambas, língua e sociedade, estivessem estruturadas de maneira distinta. É através da língua, das produções discursivas que o indivíduo é capaz de pertencer à coletividade humana. Existe, assim, “a sociedade vista como coletividade humana, base e condição primeira da existência dos homens[...]; e existe a língua como sistema de formas significantes, condição primeira da comunicação” (BENVENISTE, 2006, p. 96). Ou seja, esta capacidade de os homens organizarem-se em comunidade, ou coletividade, nas palavras do autor, apenas é possível pois

a língua permeia as relações entre os indivíduos. Dessa forma, é sob o nível fundamental que estabelecemos nossas análises.

Ao converter-se em participante da vida social por meio da produção de discursos, indivíduo e língua tornam-se inseparáveis, já que sem essa conjunção não haveria possibilidade de estruturação de uma sociedade, pois o motivo primeiro da língua é o da significação. A língua, na perspectiva benvenistiana, é um poder coesivo que representa uma “permanência no seio da sociedade que muda” e gera “uma comunidade de um agregado de indivíduos e que cria a própria possibilidade de produção e da subsistência coletiva”. É daí que surge a dupla natureza da língua, a de ser individual e social, que é, ao mesmo tempo, de um lado “imaneente ao indivíduo e transcendente à sociedade” (BENVENISTE, 2006, p. 97)

Na esteira das discussões, Benveniste afirma que a língua

É uma identidade em meio às diversidades individuais [...] A língua nasce e se desenvolve no seio da comunidade humana, ela se elabora pelo mesmo processo que a sociedade, pelo esforço de produzir os meios de subsistência, de transformar a natureza e de multiplicar os instrumentos (BENVENISTE, 2006, p. 97).

Com isto, depreende-se que se vive em sociedade por decorrência da língua e das produções discursivas, isso porque é ela, a língua, quem estrutura e intermedeia todas as relações sociais, além de ser através de seu uso que *identidades individuais e coletivas* são moldadas, ponto ao qual retornaremos na próxima seção.

Além de perceber a língua como o meio capaz de interpretar a sociedade, o autor entende a sociedade como contida na língua. Isso ocorre porque as expressões linguísticas são capazes de descrever a sociedade e a cultura, assim, “a sociedade torna-se significante na e pela língua, a sociedade é o interpretado por excelência da língua” (BENVENISTE, 2006, p. 98).

Dessa forma, ao tornar-se sujeito, efeito de linguagem, o locutor inclui-se em seu discurso com vistas a atingir outrem. Sobre isso, o autor afirma:

A língua que é assim a emanção irredutível do eu mais profundo de cada indivíduo é ao mesmo tempo uma realidade supra-individual e coextensiva à toda coletividade. É esta coincidência entre a língua como realidade objetivável, supra-individual, e a produção individual do falar que fundamenta a situação paradoxal da língua com respeito à sociedade. Com efeito, a língua fornece ao falante a estrutura formal de base, que permite o exercício da fala. Ela fornece o instrumento linguístico que assegura o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso: é a distinção indispensável, sempre presente em não importa qual língua, em não importa qual sociedade ou época, entre o eu e o não-eu. (BENVENISTE, 2006, p. 101)

Ou seja, ao mesmo tempo em que a língua possui esta característica individual da produção discursiva a partir de um *eu* que se torna sujeito na linguagem, a língua também possui

esta característica fundamental que condiciona o aparecimento da sociedade, visto que tudo o que se produz e se interpreta necessita dos signos da comunicação para a produção de sentidos.

O autor ainda afirma que ao produzir discursos, o falante insere-se na sociedade enquanto participante. Com isso, conforme aponta Benveniste, a língua acaba por tornar-se o meio pelo qual funções e estruturas sociais são interpretadas. Além disso, afirma que

A língua é o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza como a experiência, portanto este composto de natureza e de experiência que se chama a sociedade. [...] A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distintivo, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia ser chamado de semantismo social. (BENVENISTE, 2006, p. 99-100)

O *semantismo social* é visto como um poder semântico da língua em relação à sociedade, ou seja, escolhas linguísticas próprias a uma determinada comunidade de fala. A partir disto o autor constata que o homem, ao produzir discursos, se inclui na sociedade em classes, sejam elas de autoridade ou de produção. Assim, a língua enquanto prática humana, “revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum” (BENVENISTE, 2006, p. 102).

Sobre o semantismo social, Knack (2018), no artigo *A língua como prática humana: desdobramentos das relações entre língua e sociedade*, recorre ao artigo benvenistiano *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* para discutir a capacidade de grupos específicos referirem-se ao seu mundo, ou seja, a atualização da língua em discurso como propriedade de significância para grupos com atividades sociais diversificadas, que se estabelecem porque convertem a língua em discurso, acarretando na estruturação de posições sociais específicas dentro da sociedade. Ao buscar responder o questionamento “O que está em jogo quando se considera a língua como prática humana?” (KNACK, 2018, p. 401), a autora discute a questão da produção discursiva para a expressão de posições sociais singulares e a concepção de língua enquanto prática humana como “o ponto de ancoragem que permite visualizar a condição singular do falante como participante da sociedade” (KNACK, 2018, p. 402), o que vem ao encontro do que afirma Benveniste (2006, p. 102) quando aponta a língua como o denominador, o “interpretante das funções e das estruturas sociais”, ou seja, o meio pelo qual o falante é capaz de inserir-se na coletividade humana.

Já mencionamos que a inclusão do falante em seus discursos, a sua inserção como *eu*, é o que permite ao indivíduo inserir-se e atuar na sociedade como participante. O posicionamento acerca da indissociabilidade entre língua e sociedade já havia sido apresentado por Émile

Benveniste em *Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, quando o autor declara que “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo. O despertar da consciência na criança coincide sempre com a aprendizagem da linguagem, que a introduz pouco a pouco como indivíduo na sociedade” (BENVENISTE, 1976, p. 27). No entanto, ainda nos cabe pensarmos de que maneira este sujeito da linguagem se imprime dentro da sociedade, de que maneira os seus discursos são percebidos dentro de uma comunidade específica.

A linguagem é, em última instância, o meio pelo qual o homem é capaz dar significações para as suas vivências dentro de uma dada comunidade. Essa capacidade, por sua vez, está intimamente relacionada a uma cultura, pois na medida em que o indivíduo passa a ter a capacidade de *construir representações das coisas e de operar sobre essas representações*, a ele é propiciada a oportunidade de integrar uma cultura de uma sociedade específica. Uma das compreensões acerca de cultura, na perspectiva benvenistiana, compreende tudo que, à parte das funções biológicas, “dá à vida e à atividade humanas forma, sentido e conteúdo” (BENVENISTE, 1976, p. 31).

A cultura é, assim, um sistema simbólico, capaz de garantir a relação entre o indivíduo e a sociedade. Para Benveniste

A cultura define-se como um conjunto muito complexo de representações, organizadas por um código de relações e de valores: tradições, religião, leis, política, ética, artes, tudo isso de que o homem, onde quer que nasça, será impregnado no mais profundo da sua consciência, e que dirigirá o seu comportamento em todas as formas da sua atividade, o que é senão um universo de símbolos integrados numa estrutura específica e que a linguagem manifesta e transmite? **Pela língua o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma. Ora, assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica.** A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. **É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura** (BENVENISTE, 1976, p. 32, grifos nossos).

Nesta passagem percebemos, novamente, a língua como capacidade de estruturação de sociedades, meio pelo qual grupos e classes são estabelecidos, assim como descritos e interpretados. Nasce-se dentro de uma dada sociedade e, conseqüentemente, adquire-se, os aspectos culturais inerentes àquele grupo de indivíduos, que, por sua vez, em sua maioria, são transmitidos por meio da língua. A capacidade de apreensão de uma língua, produção de discursos e de construção de subjetividade, está intimamente relacionada com o local (sociedade), e com a cultura na qual o indivíduo está inserido. Isso porque é a língua este

caractere capaz de articular homem e cultura, assim como a propriedade capaz de inseri-lo na língua e, conseqüentemente, na sociedade.

As maneiras de produção discursiva adequam-se ao meio, à sociedade, nas quais são produzidas, levando-se sempre em consideração a cultura na qual se produz a língua. É a capacidade de significar, através dos traços que a língua imprime na cultura, o atributo que o indivíduo detém para produzir sentidos em discursos com os outros. Assim, os sentidos apenas podem ser concebidos se produzidos e analisados a partir de traços que se tornam evidentes nos discursos, propiciando, por fim, seu relacionamento em sociedade.

Dessa forma, é a língua a instância que permeia todas as esferas sociais e culturais, capaz de estabelecer as relações entre homem e sociedade e homem e cultura. E são estes aspectos do *símbolo enquanto elo vivo entre homem, língua e cultura*, ou seja, cultura e língua como características fundantes dos grupos sociais, que nos ajudarão a refletir a questão da identidade em uma perspectiva de língua adicional na seção seguinte.

#### **2.4 A construção da identidade a partir de deslocamentos da teoria enunciativa**

Entendemos o ato de enunciar como uma ação de produção e de construção de identidade, isso porque inclui o falante como produtor do seu discurso relacionando-o com os outros, com seus interlocutores, nas relações sociais. Mais do que isso, ao enunciar o falante se constrói com base nas suas percepções acerca de seu interlocutor, adequando seus dizeres ao evento enunciativo no qual se insere. Compreendemos que esses aspectos permitem tecermos considerações propositivas, inspiradas na teorização benvenistiana, acerca da construção da identidade do falante.

Assim, nesta seção, propomos uma discussão sobre identidade a partir de deslocamentos da teoria enunciativa, enquanto na seção 2.5 discutiremos o termo relacionando-o com o componente digital e estabelecendo uma possível interface com a Linguística Aplicada. Esta decisão metodológica se dá pelo fato de compreendermos a reflexão identitária como transversal à toda a teoria enunciativa, com base nos deslocamentos que propomos neste estudo, assim como em outros estudos de inspiração benvenistiana, podendo, assim, realizar deslocamentos ao contexto tecnológico sem prejuízos à discussão.

Para iniciarmos, é importante frisarmos que Benveniste não realizou teorizações voltadas especificamente para a questão da identidade. Contudo, as considerações apresentadas

pelo linguista possibilitam aos pesquisadores a discussão do termo a partir de indícios teóricos presentes nas reflexões benvenistianas. Trata-se, portanto, de uma reflexão de inspiração benvenistiana.

Mesmo não tendo teorizado especificamente acerca da identidade, encontramos, em nosso *corpus textual de pesquisa*, a ocorrência do termo em três momentos, inicialmente no artigo *Da subjetividade na linguagem*, e, então, em *Estrutura da língua e da sociedade* e em *O aparelho formal da enunciação*, conforme apresentamos no quadro a seguir.

Quadro 4 - Ocorrências do termo *identidade* no *corpus* textual de pesquisa

| <b>IDENTIDADE EM BENVENISTE</b>   |  |
|---|--|
| <b>Primeira ocorrência:</b><br><i>Da subjetividade na linguagem</i>     | É, portanto, verdade ao pé da letra, que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da <b>identidade</b> do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor <i>apropriar-se</i> da língua toda designando-se como eu. (BENVENISTE, 1976, p. 288, grifo nosso). |
| <b>Segunda ocorrência:</b><br><i>Estrutura da língua e da sociedade</i> | A língua representa uma permanência no seio da sociedade que muda, uma constância que interliga as atividades sempre diversificadas. Ela é uma <b>identidade</b> em meio às diversidades individuais. E daí procede a dupla natureza profundamente paradoxal da língua, ao mesmo tempo imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade. Esta dualidade se reencontra em todas as propriedades da linguagem. (BENVENISTE, 2006, p. 97, grifo nosso).    |
| <b>Terceira ocorrência:</b><br><i>O aparelho formal da enunciação</i>   | Cada um sabe que, para o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de <b>identidade</b> não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe (BENVENISTE, 2006, p. 83, grifo nosso).  |

Fonte: elaborado pela autora

A primeira ocorrência do termo relaciona-se ao fato de que, para Benveniste, a linguagem é o meio pelo qual os indivíduos revelam-se nas relações em sociedade, evidenciando, assim, quem são e o local de fala que assumem nas relações discursivas. Isso, por sua vez, apenas torna-se possível ao ponto em que o indivíduo apropria-se da língua e enuncia, em sua posição de locutor e designa-se como *eu* em seus discursos – o que não exige, necessariamente, o pronome gramatical *eu* presente de modo explícito no enunciado. Assim, a linguagem fornece ao indivíduo os meios para apresentar-se como eu e, conseqüentemente, construir a sua identidade naquele meio.

Assim, na primeira ocorrência, depreendemos que o testemunho da identidade individual apenas é possível porque o falante apropria-se da língua e inclui-se em seus discursos, nas relações que estabelece com seus parceiros discursivos. Dessa forma, a partir da linguagem é que o indivíduo é capaz de dar *o testemunho objetivo de sua identidade*, ou seja, é capaz de exprimir os seus posicionamentos nas relações com os outros. Mais que isso: o próprio fato de enunciar, de mobilizar a língua do seu modo particular, é um *testemunho de sua identidade*.

Já a segunda ocorrência relaciona-se ao fato de que a língua evidencia comunidades de fala específicas, nas quais identidades individuais evidenciadas nos discursos entram em contato exclusivamente pelo fato de deterem o conhecimento linguístico de uma identidade coletiva, ou seja, uma língua de uma sociedade específica. Nessa passagem, a língua é vista como de todos e, ao mesmo tempo, individual. Ou seja, capaz de expressar traços de grupos sociais, bem como características inerentes a cada indivíduo.

Nesta segunda passagem, o termo identidade relaciona-se com a língua, podendo ser compreendido como, de um lado, a língua capaz de expressar algo que é característico e semelhante entre um grupo de indivíduo e, de outro lado, como o meio pelo qual um indivíduo é capaz de expressar características que lhe são particulares. Assim, a língua é capaz de produzir identidades coletivas, relativas a uma determinada sociedade e, também, inserido naquele grupo social, o indivíduo é capaz de expressar suas singularidades através do discurso.

Já na terceira ocorrência, o termo identidade vem atrelado ao aspecto de realização vocal da língua, na qual o autor discute que os sons produzidos são constituídos de características individuais de produção, conforme as singularidades inerentes a cada indivíduo que realiza a enunciação fônica. Por esse motivo, o autor afirma que, mesmo para o mesmo sujeito, a vocalização da língua não acontecerá de maneira uniforme, e, por isso, questões de identidade vocal são apenas aproximativas. Ou seja, o foco na terceira passagem detém-se na questão de

que, mesmo em situação de repetição de enunciados, os sons não serão produzidos exatamente da mesma forma, pois, conforme aponta o autor, as diferenças surgem conforme a situação enunciativa na qual cada enunciado é produzido, e a uniformização, ou seja, a identificação dos sons como unívocos, acontece apenas de maneira aproximada.

Enquanto na terceira passagem o foco volta-se à questão da irrepetibilidade dos sons, mesmo quando produzidos pelo mesmo indivíduo, dadas as diferenças de contextos e situações enunciativas, a primeira e segunda passagens fazem referência à língua enquanto produtora de identidades. Essas identidades podem ser tanto individuais, quando o locutor assume a língua por sua conta e explicita suas individualidades, como também podem ser vistas como coletivas, a exemplo da língua como formadora de grupos sociais.

Tendo isso em vista, pensamos poder articular a primeira e segunda passagens do tempo identidade ao que fora proposto por Oliveira (2019), no artigo intitulado *Enunciação e cidadania: o replanejamento didático na busca pelas culturas negadas e silenciadas em sala de aula*, texto no qual o autor discute os aspectos da língua como formadora de *identidades individuais* (reflexão a qual relacionamos à primeira ocorrência aqui destacada), assim como criadora de *identidades coletivas* (perspectiva que correlacionamos com a segunda ocorrência do termo relatado no quadro 3), em um deslocamento da teoria com vistas à discussão do processo de constituição de um aluno participante da sociedade, em aulas de língua portuguesa e literatura, recorte temático de seu artigo.

Oliveira (2019) entende a construção da subjetividade do indivíduo como *correlata de sua constituição social*, ou seja, compreende ser pela linguagem que identidades individuais e coletivas são formadas. Nessa perspectiva, o autor discute sua interpretação de duas concepções de língua, definindo-a como língua-sistema e língua-discurso. Língua-sistema é, para Oliveira (2019), uma característica social, uma identidade coletiva apresentada a partir do sistema linguístico distintivo de determinada sociedade, ou seja, aquilo que é comum a uma dada comunidade de fala. Já a língua-discurso é percebida como uma característica individual, produtora de identidades, capaz de produzir a identidade individual de cada locutor quando este produz enunciações. Dessa forma, é “o ato de enunciação que torna possíveis a subjetividade, a intersubjetividade e a constituição recíproca de indivíduo e sociedade na e pela linguagem” (OLIVEIRA, 2019, p. 100). Em outras palavras, é pela conversão da língua em discurso que as identidades, tanto individuais, como coletivas, são criadas e evidenciadas.

Nesse sentido, é o discurso que testemunha o modo como essas identidades são (re)construídas. Por isso, é relevante apresentarmos outro exemplo de deslocamento teórico das

reflexões de Benveniste: o trabalho de Silva (2016). No artigo intitulado *Discurso: lugar de constituição da memória e da identidade?*, a autora discute as construções discursivas como a possibilidade de construção de memórias e, conseqüentemente, de identidades individuais e coletivas. A autora situa o discurso como o local no qual cada indivíduo se relaciona com os outros, percebendo sua constituição como um ser de heranças, transmissão e de relações interlocutivas. Silva reassegura o posicionamento apresentado nas teorizações benvenistianas, de que o discurso evidencia a dupla natureza da língua, que é a de ser imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade, quando afirma que

A nossa identificação como falantes de uma língua é o que permite a produção de uma história (memória) nessa língua. Ora, para palavrear para e com outros – ou para produzir discursos-, é condição partilharmos uma determinada língua para fundarmos nossa história nessa língua. Na e pela língua produzimos uma espécie de memória coletiva, que nos identifica com determinada sociedade e sua cultura. Além dessa identidade social, há algo de único que nos identifica e nos individualiza: a voz. (SILVA, 2016, p. 28).

A voz é um dos exemplos do que nos individualiza, fato que Silva (2016, p. 28) destaca a partir de um conto de Mia Couto sobre uma menina cuja voz encantava a todos, mas lhe “faltava o laço social que permitisse a comunicação intersubjetiva para ‘falar de’ e ser compreendida pelo ‘outro’ em sua produção de referência.” Ou seja, a atualização da língua em discurso é a propriedade fundamental para a instauração do indivíduo, visto que novos sentidos são produzidos a cada nova instância discursiva e que não há a possibilidade de encontrarmos uma vivência que não esteja atrelada à linguagem. Portanto, a autora pontua que

[...] é essa experiência humana inscrita na linguagem que nos possibilita fazer renascer, a cada ato de enunciação, a experiência de estar na língua, que se reatualiza pela articulação do *semiótico* (mundo do signo e da língua) e do *semântico* (mundo da palavra e do discurso), sendo possível, por essa reatualização, historicizar-se na linguagem [...]. (SILVA, 2016, p. 36, grifos da autora).

Essa capacidade de historicizar-se na e pela linguagem apontada por Silva (2016) relaciona-se com a propriedade de ressignificação de discursos e, conseqüentemente, reconstrução identitária a cada nova instância enunciativa, isso porque o indivíduo e, logo, a sua identidade, são forjadas no discurso. Dessa forma, conforme aponta a linguista, são nas vivências e experiências de linguagem a partir da produção discursiva com os outros, na sociedade e na prática social, que *o homem pode descobrir-se e reinventar-se durante toda a vida*.

Autores como Silva (2016) e Oliveira (2019) respaldam nossa compreensão acerca da língua, visto que ambos os autores também compreendem a construção de enunciados, nos discursos com os outros, como o atributo pelo qual as características do indivíduo se configuram e emanam e este é capaz de construir-se, discursivamente, na sociedade na qual enuncia.

Tais discussões podem ser postas em relação com o campo da Linguística Aplicada, quando refletimos acerca da construção de identidades, estabelecendo o ponto de interface com a área da Linguística da Enunciação. Levando em consideração o que discutimos até então, colocamos em relação os dois campos, no intuito de, a partir de suas reflexões, termos fundamentos para a apresentação de uma concepção de identidade, por nós proposta, relacionando-a ao contexto digital.

## **2.5 A Linguística Aplicada e a Linguística da Enunciação: encaminhamentos para um trabalho de interface considerando a relação com o contexto digital**

A inter-relação entre língua e sociedade e suas construções mútuas a partir do uso linguístico do falante é questão relevante nos estudos benvenistianos. Ao converter a língua em discurso, o indivíduo se constitui e, concomitantemente, produz e reproduz a sociedade na qual está enunciando. Assim, o colocar a língua em uso implica a dupla abordagem entre homem e sociedade, na qual ambos atuam simultaneamente, o que acarreta, a partir da enunciação, a inclusão do indivíduo naquela comunidade específica.

A língua em uso evidencia uma propriedade fundamental, a sua produção em virtude da exposição de sentidos que virão a ser (re)significados nos discursos com os outros, ou seja, há a construção de uma representação simbólica. Ao compreender o *não-eu* apresentado por Benveniste como o outro, ou os outros, que dialogam com os discursos produzidos, é possível afirmar que são nas produções discursivas que os falantes se estabelecem como indivíduos ativos e participantes das relações sociais. Isso porque o locutor molda a forma como se constrói, diante de seu alocutário, além de demonstrar através de seu discurso, a estrutura social na qual esse ato enunciativo acontece. Este é um dos motivos pelos quais evidenciamos a relação direta entre o discurso e a construção da identidade do indivíduo, conforme expusemos na seção anterior.

Ao produzir discursos e enxergando-os como construções de si mesmo, o falante tem a possibilidade de incluir-se como participante da vida em sociedade. Benveniste nos ensina que

há uma íntima relação entre a produção discursiva e a inserção do locutor na sociedade, quando afirma que “é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 101). Em outras palavras, discursos são produzidos de acordo com determinadas situações comunicativas e, a partir delas, moldam-se as relações entre indivíduo-indivíduo, ou seja, entre o eu e a forma como enxergo a mim mesmo, além da relação entre *eu* e *não-eu*, na qual temos o *eu* como o falante e os desdobramentos que este ato de enunciar suscitarão nas relações com a comunidade, o *não-eu*, a partir da faculdade de simbolização.

Essa capacidade de simbolização que se traduz na produção discursiva apenas é possível por meio da língua que, por sua vez, imprime os traços culturais dos quais o indivíduo se apropria para enunciar. Por isso, conforme Benveniste afirma em *Vista d’olhos sobre o desenvolvimento da linguística*, é “Pela língua [que] o homem assimila a cultura, a perpetua ou a transforma”. Com isso, os sentidos são evidenciados apenas quando relacionados a uma sociedade e, por sua vez, a uma cultura específica, que nos são apresentados por meio da língua em uso.

A compreensão de que a língua é o meio pelo qual o homem se constrói dentro de dada sociedade leva-nos à questão de que produzimos discursos a partir de determinadas situações e, por isso, exprimimo-los ao nosso interlocutor a partir de nossa percepção do fato. Assim, é possível recuperar Benveniste quando o autor menciona que

A linguagem reproduz a realidade. [...] a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 2006, p. 26).

Neste trecho é possível vislumbrar a necessidade de conexão entre o uso linguístico e as implicações desse uso na comunidade de fala. Isso significa dizer que, ao enunciar em determinada comunidade de fala, o falante adquire novas formas de expor seus posicionamentos adequando-os àquela sociedade, com o intuito de melhor compreender as composições sociais e, possivelmente confrontar alguns posicionamentos ao instaurar-se como sujeito de linguagem, pois a ele é possibilitado *perpetuar* ou *transformar*, com a cultura e através da língua, as estruturas sociais no local em que habita.

Com a intenção de fazer-se ouvido e acreditado, de ser capaz de agir e atuar no mundo, o falante deve deter conhecimentos acerca de relações simbólicas daquela língua. É sob este aspecto que encontramos o ponto de aproximação entre as áreas enunciativa e aplicada, visto que ambos os campos estudos da linguagem se preocupam com a capacidade de o falante produzir discursos de forma significativa, compreendendo questões que ultrapassem aspectos do reconhecimento da forma e que alcancem questões semântico-discursivas, nas e pelas quais o indivíduo é capaz de interpretar, compreender e agir para com os signos e contextos de atuação envolvidos nas produções linguísticas.

Tendo isso em vista, estabelecemos conexão com o que é apresentado pelo sociólogo Pierre Bourdieu, autor de grande influência nos estudos do campo da Sociologia e da Linguística Aplicada. Bourdieu afirma que

Enunciados não são apenas (exceto em circunstâncias excepcionais) sinais a serem entendidos e decifrados; eles também são *sinais de riqueza*, destinados a serem avaliados e apreciados, e *sinais de autoridade*, destinados a serem acreditados e obedecidos. Além dos usos literários (e especialmente poéticos) da linguagem, é raro na vida cotidiana que a linguagem funcione como um puro instrumento de comunicação (BOURDIEU, 1991, p. 66, tradução nossa, grifos do autor).<sup>24</sup>

Ambas as abordagens, enunciativa e aplicada, compreendem o discurso como capacidade de inserção social do falante. Mais do que isso, percebem a produção discursiva como o aparato pelo qual identidades são estruturadas. Isso é perceptível no estudo de Silva (2016) que deriva de um deslocamento da abordagem enunciativa da linguagem, na reflexão acerca da construção identitária, em um contexto de língua materna, e que leva a autora a afirmar que “É vivendo sua experiência na linguagem com outros, na prática social, por meio de atos de enunciação – falado, ouvido, escrito e lido – que o homem pode descobrir-se e se reinventar durante toda a vida.” (SILVA, 2016, p. 42). O mesmo é evidenciado nos estudos de Linguística Aplicada, quando Norton (2013) relaciona a aprendizagem de línguas adicionais à construção de identidades, ao atestar que:

Toda vez que os alunos falam, leem ou escrevem na língua-alvo, eles não apenas trocam informações com os membros da comunidade do idioma de destino, mas também organizam e reorganizam o senso de quem são e como se relacionam com o mundo social. Como tal, eles estão envolvidos na construção e negociação de identidades (NORTON, 2013, p. 4, tradução nossa)<sup>25</sup>.

---

<sup>24</sup> No original: “Utterances are not only (save in exceptional circumstances) signs to be understood and deciphered; they are also *signs of wealth*, intended to be evaluated and appreciated, and *signs of authority*, intended to be believed and obeyed. Quite apart from the literary (and especially poetic) uses of language, it is rare in everyday life for language to function as a pure instrument of communication” (BOURDIEU, 1991, p. 66).

<sup>25</sup> No original: “Every time language learners speak, read or write the target language, they are not only exchanging information with members of the target language community, they are also organizing and reorganizing a sense of

A conversão da língua em discurso evidencia, em ambas as perspectivas, a expressão identitária do falante. Isso porque, no discurso manifestam-se os sistemas simbólicos característicos de uma sociedade particular, assim como as relações de poder e sistemas de valores que entram em jogo nas produções enunciativas. Dessa forma, a língua convertida em discurso não pode ser concebida como um meio de comunicação neutro, pelo contrário, deve ser apreendida e compreendida com relação à sociedade e à cultura na qual é produzida. Tal compreensão encontra respaldo em Kramsch (2011, p. 356) que, ao compreender a cultura como construída no e pelo discurso, afirma que “estamos enxergando o indivíduo como um eu simbólico que é constituído por sistemas simbólicos como a linguagem, bem como por sistemas de pensamento e seu poder simbólico<sup>26</sup>”. Ou seja, mais do que apenas produzir discursos e, a partir deles, sentidos, o indivíduo necessita da compreensão de ideias, valores e identidades imbricados naquela comunidade de fala. Em outras palavras, o discurso deve ser compreendido em relação ao sistema simbólico do qual faz parte. Isso porque,

Por meio das relações intertextuais que estabelece com outros discursos, dos valores morais que expressa, das subjetividades e das continuidades (ou descontinuidades) que constrói, **o discurso como poder simbólico enfoca o que as palavras indexam e o que revelam sobre identidades sociais, memórias coletivas e individuais, emoções e aspirações** (KRAMSCH, 2011, p. 357, grifos e tradução nossa)<sup>27</sup>.

A fim de elucidarmos possíveis questionamentos, realizamos agora uma sucinta diferenciação entre o simbólico pertencente às discussões benvenistianas, e a competência simbólica, oriunda das teorizações de linguística aplicada. Enquanto nas discussões enunciativas benvenistianas o simbólico diz respeito a uma faculdade inerente à condição humana pelo qual o indivíduo é capaz de significar as suas vivências e experiências, nas reflexões relativas ao conceito de competência simbólica discute-se a capacidade de o falante compreender o sistema linguístico que faz uso a fim de (re)adequar as suas produções discursivas conforme a necessidade do evento comunicativo a fim de fazer-se validado.

Levando isso em consideração, ao adentrarmos as reflexões pertinentes ao meio digital, deparamo-nos com a questão de que os efeitos e formas de produção enunciativas de uma

---

who they are and how they relate to the social world. As such, they are engaged in identity construction and negotiation” (NORTON, 2013, p. 4).

<sup>26</sup> No original: “We are looking at the individual as a symbolic self that is constituted by symbolic systems like language, as well as by systems of thought and their symbolic power” (KRAMSCH, 2011, p. 356).

<sup>27</sup> No original: “Through the intertextual relations it establishes with other discourses, the moral values it expresses, the subjectivities and historical continuities (or discontinuities) it constructs, discourse as symbolic power focuses on what words index and what they reveal about social identities, individual and collective memories, emotions and aspirations” (KRAMSCH, 2011, p. 357).

cultura oral presencial também podem ser aplicados a um meio digital no qual, em sua maioria, as produções discursivas ocorrem de maneira multimodal, ou seja, através da escrita, assim como imagens, sons, dentre outros.

Assim como acontece em meios presenciais, no ambiente virtual a habilidade de enunciar pode vir acompanhada de alguns “ruídos”. Isso porque, ao mesmo tempo em que o falante necessita dominar a capacidade simbólica da língua falada, quando passa a enunciar em um ambiente mediado por recursos tecnológicos torna-se imprescindível a habilidade de articulação entre aqueles dois meios culturais distintos, uma situação face a face e uma situação virtual.

A cada instância enunciativa um novo *eu* é forjado com vistas a suprir as necessidades linguísticas daquele dado momento, o que vem ao encontro do que fora discutido em 1.3, quando apresentamos o fato da percepção do outro quando da produção discursiva em um meio virtual. Retomamos o que Recuero (2009) afirma sobre o ciberespaço, ao tomar por base afirmações de Donath (1999):

No ciberespaço, pela ausência de informações que geralmente permeiam a comunicação face a face, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras. Essas palavras, constituídas como expressões de alguém, legitimadas pelos grupos sociais, constroem as percepções que os indivíduos têm dos atores sociais. É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço. Este requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada (RECUERO, 2009, p. 27).

Tendo isso em vista, a necessidade de adaptação ao ambiente e evento comunicativo é parte crucial para a legitimação discursiva do falante, dessa forma, enunciações que aconteceriam de determinada forma em uma situação oral face a face necessitam transformações para que ocorra a aceitação no meio virtual, o que, conseqüentemente, acarreta uma alteração do *eu* para a atuação naquele ciberespaço.

Já discutimos que a língua estabelece as relações sociais e culturais na sociedade, no entanto, o locutor tem a habilidade de apropriar-se da língua e particularizá-la conforme suas maneiras de enunciação, desde que adaptando-se a algumas “regras” de arranjo linguístico pré-estabelecidas naquela comunidade. O mesmo acontece no espaço digital: o discurso, permeado por aspectos culturais inerentes à situação enunciativa em determinado espaço de diálogo, possibilita a emissão e recepção de aspectos culturais inerentes àquele espaço e, caso haja uma enunciação cujos sentidos sejam compreendidos naquele meio, possibilita a inserção do locutor como sujeito naquela cultura.

Essa mobilização do poder simbólico no meio virtual, com base no que fora proposto por Kramersch (2006; 2009; 2011), propicia ao locutor a possibilidade de vivência naquele espaço específico e o coloca em relação aos seus interlocutores. Ainda, conforme o que afirma Kramersch (2016, p. 519), nos encontros *online*, a capacidade de compreensão e mobilização do simbólico é percebida como a habilidade de interagir e trocar informações naquele meio, além de ser

A capacidade de ver tanto *através* da linguagem (com foco na comunicação de conteúdo) quanto *na* linguagem (como exibição de desempenho linguístico ou comunicativo) e (re)enquadrar a interação de acordo com as necessidades do momento é precisamente o que constitui competência simbólica (KRAMSCH, 2016, p. 519).<sup>28</sup>

Também demonstramos que, na perspectiva benvenistiana, a apropriação da língua e sua conversão em enunciados introduz o locutor como sujeito. Dessa forma, tanto em situações face a face, como em meios virtuais, as apropriações particulares e singulares da língua convertida em discurso nos revelam um sujeito em construção de seu próprio dizer, assim como de si mesmo, relacionado ao contexto no qual produz seus discursos.

Discutimos em uma perspectiva ampla a maneira como as identidades se alteram, tanto em situações face a face, como em situações nas quais há a mediação da comunicação em um meio virtual e tecnológico. Nosso foco, no entanto, encontra-se voltado especificamente para o meio acadêmico, ambiente no qual julgamos necessária a compreensão de que, além do meio específico de interação (virtual *versus* presencial), há ainda a cultura acadêmica, que pressupõe o discernimento de algumas estruturas pré-estabelecidas para a atuação discursiva. Esta especificidade e suas distinções ficarão mais evidentes nos dados que traremos posteriormente.

Tendo refletido sobre as duas áreas de estudos da linguagem com base nas quais propomos o trabalho de interface, ao apresentar as perspectivas que ambas trazem acerca dos usos da língua e discutir as questões de identidade em ambientes presenciais e virtuais, cabe-nos, por fim, esboçarmos nossa visão acerca da construção de identidades. Para isso, retomamos, no quadro a seguir, as concepções de identidade dos campos da Linguística Aplicada e da Linguística da Enunciação apresentados neste estudo para, então, cunharmos uma definição de identidade tendo por base nossa perspectiva particular na qual levamos em consideração ambas as áreas de análise linguística.

#### Quadro 5 - definições de identidade

---

<sup>28</sup> No original: The ability to see both through language (with a focus on the communication of content) and at language (as the display of linguistic or communicative performance) and to (re)frame the interaction according to the needs of the moment is precisely what constitutes symbolic competence (KRAMSCH, 2016, p. 519).

## CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE NA ÁREA DE LINGUÍSTICA APLICADA

**Autor 1: José Manuel Mendes** “[As identidades] emergem da narrativização do sujeito e de suas vivências sociais, e na natureza necessariamente ficcional deste processo não afeta a eficácia discursiva, material ou política das mesmas. **As identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas**” (MENDES *apud* SOUSA SANTOS, 2011, p. 506, grifos nossos).

**Autor 2: Tomaz Tadeu Silva** “Identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato. Não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. **A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas.** A identidade está ligada a sistemas de representação.” (SILVA, T. T., 2000, p. 97, grifos nossos).

**Autor 3: Bonny Norton** “Toda vez que os alunos falam, leem ou escrevem na língua alvo, eles não apenas trocam informações com os membros da comunidade do idioma de destino, mas também **organizam e reorganizam o senso de quem são e como se relacionam com o mundo social. Como tal, eles estão envolvidos na construção e negociação de identidades**” (NORTON, 2013, p. 4, grifos e tradução nossa).

## CONCEPÇÕES DE IDENTIDADE NA ÁREA DA LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

**Autor 1: Carmem Luci da Costa Silva** “é [a] experiência humana inscrita na linguagem que nos possibilita fazer **renascer**, a cada ato de enunciação, a experiência de estar na língua, que se reatualiza pela articulação do *semiótico* (mundo do signo e da língua) e do *semântico* (mundo da palavra e do discurso), sendo possível, por essa reatualização, **historicizar-se na linguagem** (SILVA, 2016, p. 36, grifo itálico do autor, negrito nosso).

**Autor 2: Giovane Fernandes Oliveira** “[...] a identidade humana é uma construção linguageira, simultaneamente individual e coletiva” (OLIVEIRA, 2019, p. 100); “É, portanto, o ato de enunciação que torna possíveis a subjetividade, a intersubjetividade e **a constituição recíproca de indivíduo e sociedade na e pela linguagem.**” (OLIVEIRA, 2019, p. 100, grifo itálico do autor, negrito nosso).

## CONCEPÇÃO DE IDENTIDADE COM BASE EM TEORIZAÇÕES DA LINGUÍSTICA APLICADA E LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO

### **Elaborada pela autora**

As identidades são (re)construídas na e pela linguagem e emergem a cada nova instância discursiva, nas relações com os outros em sociedade, nas quais o falante com seu(s) modo(s) de enunciar altera-se de acordo com as necessidades impostas no evento comunicativo, com vistas à inserção em determinada comunidade de fala, buscando participar dos jogos de poder estabelecidos na e pela linguagem.

FONTE: elaborado pela autora

Enunciar envolve, assim, a habilidade de reorganizar o senso sobre si mesmo e a relação que o falante tem para com o mundo e as situações nas quais está envolvido. Portanto, é pelo e dentro do discurso que identidades são forjadas, nas relações intersubjetivas com os outros, nas quais o modo de enunciar se altera. É sobre esta perspectiva, na qual percebemos a identidade e sua constante reformulação e reconstrução como discursiva e socialmente estruturada, que propomos um caminho metodológico para, no último capítulo, analisar os recortes enunciativos de entrevista e retomar a questão da pesquisa de modo mais abrangente.

## CAPÍTULO 3

### **RELATOS ENUNCIATIVOS: PROCEDIMENTOS DE COLETA DOS DADOS E SUA CONVERSÃO EM *FATOS* LINGUÍSTICOS**

Nos capítulos anteriores, debruçamo-nos a especificar os campos teóricos que dão luz às discussões referentes a construções de identidade, explicitando nosso posicionamento na constituição de um trabalho de interlocução entre dois campos distintos de estudos da linguagem, a Linguística Aplicada e a Linguística da Enunciação a partir de Émile Benveniste. Finalizamos os capítulos 1 e 2 com o entendimento de que identidades são construídas a todo momento, quando a língua é colocada em uso nas relações intersubjetivas entre locutores, buscando, em última instância, posicionar-se em determinada comunidade de fala. Isso porque, retomando nossa concepção acerca da formação de identidades explicitada no capítulo anterior, entendemos que *as identidades são (re)construídas na e pela linguagem e emergem a cada nova instância discursiva, nas relações com os outros em sociedade, nas quais o falante com seu(s) modo(s) de enunciar altera-se de acordo com as necessidades impostas no evento comunicativo, com vistas à inserção em determinada comunidade de fala, buscando participar dos jogos de poder estabelecidos na e pela linguagem.*

Partimos do pressuposto de que são as experiências linguísticas o meio pelo qual o locutor insere-se em sociedade e estrutura o senso sobre si mesmo e sobre a comunidade na qual atua, pressuposto que retoma a problemática deste estudo, que visa, especialmente, explorar os discursos de um falante de português como língua adicional sobre sua atuação na comunidade de fala, o espaço acadêmico; e, compreender, a partir de seu relato, a maneira como sua(s) identidade(s) são construídas em diferentes situações comunicativas, inclusive em meios digitais. Por envolver coleta empírica de dados, destacamos que a pesquisa em questão passou pelo processo de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande (CEP-FURG), sob o processo de número 23116.002510/2019-38, aprovado em 31 de maio de 2019.

Assim, nesta seção, inicialmente apresentamos, os fundamentos gerais sobre a metodologia empregada no desenvolvimento deste estudo, metodologia na qual abarcamos reflexões teóricas pertencentes tanto à área aplicada, como à área enunciativa de análises linguísticas (3.1). Ainda nesta seção, no item 3.1.1, apresentamos, de maneira breve, o Programa de Português para Estrangeiros da Universidade Federal de Pelotas (PPE-UFPel),

programa e universidade da qual os alunos entrevistados fazem parte e, conseqüentemente, de onde os dados coletados provêm. Além disso, apresentamos o modo como fora realizada a seleção de três alunos para a coleta das entrevistas e o critério pelo qual elegemos os discursos de José\*<sup>29</sup> para a composição do *corpus* de análise deste estudo. No item 3.1.2, discutimos o processo de conversão das entrevistas em dados passíveis de análise, bem como a implicação da perspectiva do analista nas análises empreendidas. Então, no item 3.2, apresentamos os procedimentos analíticos que compõem este estudo, discutindo as categorias que levamos em consideração para a análise dos recortes enunciativos das entrevistas.

### **3.1 Fundamentos metodológicos gerais de configuração de um *corpus* de análise: da coleta à transcrição dos dados**

Já evidenciamos o fato de que adotamos uma perspectiva de diálogo entre duas grandes áreas de estudo linguístico, a Linguística da Enunciação e a Linguística Aplicada, portanto, os fundamentos metodológicos apresentados a seguir são formulados em caráter de interface entre os dois campos convocados à discussão nesta dissertação.

De um lado, encontramos o campo de estudos enunciativos a partir de Émile Benveniste, área na qual não há a proposição de um modelo de análise de língua o qual pudéssemos tomar por base para nossas reflexões. No entanto, existem questões teóricas e epistemológicas para a abordagem da língua que se constituem como um ponto de vista para a análise linguística.

De outro lado, a área da Linguística Aplicada é vista como um campo de análises híbrido e mestiço<sup>30</sup> e que, por sua vez, apesar de existirem algumas proposições teórico-metodológicas, estas não são feitas em caráter exclusivo, visto que a preocupação central da área são as ponderações, com maneiras e metodologias diversificadas, obtidas através da busca pela inteligibilidade sobre questões sociais nas quais os usos de língua têm um papel central (MOITA LOPES, 2006, p. 14). Assim, tomamos por base o *corpus* teórico apresentado nos capítulos 1 e 2 deste trabalho como escopo a partir do qual depreendemos perspectivas metodológicas para a abordagem dos recortes enunciativos aqui analisados.

---

<sup>29</sup> O nome do aluno fora alterado com vistas à preservação da identidade do informante.

<sup>30</sup> Tomamos o termo mestiço com base nas discussões propostas por Luiz Paulo da Moita Lopes, expoente nas discussões em Linguística Aplicada no Brasil. O autor adota a visão de LA mestiça pois percebe a área como interdisciplinar e que atravessa as delimitações dos campos das ciências sociais e humanidades (MOITA LOPES, 2006).

Da área aplicada fazemos uso dos pressupostos relacionados à mobilização do discurso enquanto poder simbólico para o estabelecimento do indivíduo em uma comunidade de fala. Com isto, buscamos uma maior compreensão sobre a habilidade de participar dos jogos de poder que se estabelecem nos usos linguísticos, assim como no entendimento acerca de suas modificações discursivas, com base nas situações comunicativas nas quais o falante se insere. Relacionado a este fato, recorreremos a conceitos do campo enunciativo, que compreende a apropriação da língua e sua conversão em discursos como o modo pelo qual é possível percebermos a presença do indivíduo na língua e, conseqüentemente, na sociedade.

Contudo, conforme afirma Silva (2007, p. 199), em uma perspectiva enunciativa benvenistiana, não são escolhidos apenas aspectos que indiquem essa presença do *homem na língua*, mas, sim, aspectos que nos levem à compreensão, de maneira ampla, desta língua que se constitui nos discursos produzidos. Assim, com base nos fundamentos metodológicos propostos neste capítulo, apresentamos, no capítulo final, recortes enunciativos nos quais a língua é convertida em discursos, buscando perceber quais as evidências apresentadas nestas enunciações nos levam a pensar sobre a construção identitária do falante e que demonstrem a sua inserção, na e pela língua, na comunidade de fala, e sua habilidade de atuação nos jogos de poder simbólicos estabelecidos nos discursos.

### *3.1.1 O Programa de Português para Estrangeiros e os critérios para a constituição do corpus de análise*

O Programa de Português para Estrangeiros (PPE) da Universidade Federal de Pelotas surge, no ano de 2017, com o objetivo de atender as demandas de alunos estrangeiros estudantes dos níveis de graduação e pós-graduação daquela instituição de ensino.

Focado no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, sendo estas orais ou escritas, o PPE busca, com base em abordagens reflexivas sobre a Língua Portuguesa utilizada no Brasil, promover discussões acerca da diversidade cultural brasileira, bem como das diferentes formas de expressão apresentadas no país. Levando isto em consideração, o programa oferece cursos voltados para aspectos culturais brasileiros, assim como cursos focados na preparação para o teste de proficiência na Língua Portuguesa, o CELPE-BRAS.

A escolha pela realização da pesquisa com alunos oriundos do PPE-UFPel, deu-se pelo fato de a pesquisadora possuir contato com a universidade e com o projeto em questão, em

virtude de ter atuado enquanto professora de português como língua adicional dentro daquele mesmo programa. Assim, realizamos entrevistas com alunos participantes dos cursos de português do PPE-UFPel que, no momento da coleta, encontravam-se inseridos em programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pelotas e que, voluntariamente, desejaram participar da pesquisa a partir do convite formalizado pela pesquisadora. Os voluntários receberam as informações pertinentes ao estudo, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>31</sup>.

A seleção e coleta de dados com os alunos em questão deu-se pelo fato de atenderem aos seguintes critérios: i) ter passado pelo processo de instrução formal em língua portuguesa, através dos cursos do programa de Português para Estrangeiros da Universidade Federal de Pelotas; ii) considerar seu domínio de língua satisfatório no que diz respeito à capacidade de posicionamento e expressão de pensamentos na língua em questão e iii) fazer uso de recursos tecnológicos para a comunicação com seus pares do meio acadêmico.

As coletas dos dados constituintes do *corpus* de análise desta pesquisa foram realizadas tendo por instrumento de coleta a entrevista semiestruturada ou, conforme apontado por Gil (2008), por pautas. Esta escolha metodológica deve-se ao fato de compreendermos a produção discursiva, o colocar a língua em uso, como o meio pelo qual o falante é capaz de gerar testemunhos sobre si mesmo, assim como reflexões acerca de seus usos linguísticos.

As entrevistas, gravadas em áudio, foram coletadas nas dependências do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, em 11 de julho de 2019. Dos três alunos com os quais dialogamos, escolhemos a entrevista realizada pelo aluno José, cujos relatos constituem o *corpus* analítico deste trabalho. A escolha pela entrevista de José deve-se ao fato de que, a partir de seus relatos, encontramos indícios para poder responder, analiticamente, aos questionamentos base deste estudo, que são: i) se a produção discursiva de um aprendiz de língua adicional não acontece de maneira a desempenhar a função de inserção do indivíduo naquela comunidade de fala, de que forma a identidade daquele aprendiz é forjada de acordo com a língua em questão?; ii) de que maneira, então, este aprendiz é capaz de atuar em diferentes sistemas sógnicos existentes na sociedade, especialmente aqueles presentes em meios tecnológicos e digitais? iii) haveria, portanto, não uma identidade, mas identidades forjadas nas diferentes situações discursivas e sociais?

Com essas indagações em vista, formulamos o objetivo geral da pesquisa – *investigar, por meio dos relatos dos falantes, a maneira pela qual a(s) identidade(s) deste aprendiz é(são)*

---

<sup>31</sup> ANEXO B

*construída(s) em diferentes situações de interlocução, inclusive aquelas instanciadas em meios digitais* – o qual foi desdobrado em objetivos específicos, que aqui retomamos: i) gerar reflexões sobre a construção identitária, tendo por base construtos teóricos benvenistianos e da Linguística Aplicada; ii) analisar, com base nos relatos coletados em entrevista, a maneira como os aprendizes de português como língua adicional inseridos em um contexto universitário brasileiro significam a construção de suas identidades neste contexto específico; iii) compreender se, e de que forma, a aquisição de português como língua adicional possibilita a plena inserção na comunidade de fala e, conseqüentemente, o empoderamento linguístico-discursivo dos indivíduos; para, então, iv) perceber a forma pela qual a identidade dos aprendizes é forjada nas relações sociais, mediadas pela linguagem, tanto em situações presenciais como em situações virtuais de comunicação.

Ao longo do trabalho, propusemos alguns questionamentos que cumprissem com os objetivos e que gerassem reflexões que pudessem responder, de alguma forma, às indagações gerais desta pesquisa. Sob essa perspectiva e, buscando perceber a maneira como o entrevistado apropriou-se da língua e a mobilizou para tornar-se sujeito, propusemos alguns questionamentos aos aprendizes de português como língua adicional, sob a forma de um roteiro de entrevista, que foi conduzida oralmente pela pesquisadora. A primeira pergunta fora feita formalmente, enquanto as posteriores foram inseridas no intermeio das interlocuções com os alunos. Apresentamos as perguntas do roteiro no quadro a seguir.

Quadro 6: Questões mediadoras da entrevista

1. Quando você chegou ao Brasil, já falava português?
2. O que o/a levou a aprender a língua?
3. A falta do domínio linguístico influenciava nas suas relações cotidianas?
4. (Em caso de resposta afirmativa ao questionamento anterior) Como você se sentia? Que efeito esta falta gerava nas suas vivências? E no ambiente acadêmico?
5. Atualmente, você considera o seu domínio de português satisfatório?
6. Aprender a língua portuguesa modificou a forma como você expõe seus posicionamentos?
7. Você se comunica em português quando utiliza recursos tecnológicos?
8. (Em caso de resposta afirmativa ao questionamento anterior) De que forma esta interação acontece? Você consegue compreender todos os enunciados e expressar-se de forma satisfatória?
9. Interagir com falantes de português em meios tecnológicos facilita a sua comunicação?
10. Você consegue se expressar de maneira satisfatória?
11. Há alguma diferença na sua forma de comunicação quando atua em meios tecnológicos, em oposição a situações comunicativas face a face?

FONTE: elaborado pela autora

### 3.1.2 A conversão dos atos enunciativos em dados para a análise: critérios de transcrição

Benveniste (2006, p. 101) nos ensina que “cada um fala a partir de si”, da mesma forma, as análises empreendidas neste trabalho estão implicadas à maneira como a pesquisadora realiza a coleta dos dados, assim como quando os transforma em dados aptos a serem analisados, no processo de transcrição. Com isso, é incontestável a presença do analista no processo de coleta, transcrição e análise dos dados, visto que os processos de transcrição e análise são, conforme menciona Flores (2006, p. 62), “uma enunciação sobre outra enunciação”. Dessa forma, ao fazermos uso da transcrição gráfica da língua com vistas à produção de análises, há a presença de uma nova perspectiva de sentido, uma nova enunciação, isso porque o ato de transcrição implica a visão que o pesquisador apresenta sobre o fato que almeja analisar.

Tendo isso em vista, para que os relatos orais apresentados com base nos questionamentos listados anteriormente possam ser analisados, com base em uma perspectiva enunciativa benvenistiana, fazem-se necessários, de acordo com Nunes (2012), dois processos, que são: “(1) a *representação* dos atos de transformação da língua em discurso na forma de textos, transcrições, etc., isto é, a representação da enunciação em um conjunto de *dados* e (2) a *conversão* desses *dados* em *fatos*, aptos a serem analisados.” (NUNES, 2012, p. 122, grifos da autora).

Sobre o primeiro item frisado por Nunes (2012), a representação da língua em discurso, utilizamos uma transcrição livre com vistas à expressão dos sentidos advindos dos discursos produzidos, não nos atentando a caracteres fonéticos e fonológicos de transcrição. No entanto, quando julgarmos necessária a ênfase discursiva para fins de análise, utilizaremos o recurso de **negrito** para este fim.

Para uma melhor compreensão acerca do processo de transcrição e a implicação do pesquisador diante do dado em análise, recorreremos à Silva (2007), quando a autora explica que

No caso da transcrição, temos um ato que insere um locutor, o transcritor, que busca referir pelo discurso através de índices específicos para marcar essa escrita oralizada, atualizando a cena enunciativa (o *ele*) em seu caráter subjetivo. Nesse sentido, o locutor-transcritor é a pessoa na instância de discurso que atualiza e presentifica, na escrita, o ausente da relação, a cena enunciativa (*ele*), com os elementos de situação e espaço. Ao atualizar esse dado oral (*ele*) em uma escrita marcada, instância a subjetividade constitutiva de todo ato enunciativo (SILVA, 2007, p. 193).

Ao apropriar-se da língua e instaurar-se como locutor, no processo de conversão da língua oral em escrita, o transcritor apresenta a sua perspectiva diante da enunciação e a

converte em uma outra enunciação, com vistas a produzir sentido para o potencial daquele estudo, ou seja, há um processo interpretativo da enunciação oral com o objetivo de convertê-la à modalidade escrita. É por este motivo que Silva (2007) afirma que a conversão do oral ao escrito *instancia a subjetividade*, pois não há como separarmos o *eu* falante/locutor que realiza a análise dos dados da língua, pois a análise tem por base a língua e, conforme já mencionamos, a língua é inerente ao homem, ela está em sua natureza.

Assim, ao transcrever os fatos linguísticos há a instauração de uma nova enunciação. O transcritor converte a língua oral em escrita produzindo uma nova enunciação com base nos sentidos que fora capaz de apreender, e é por este motivo que no processo de transcrição não é possível compreender tudo o que fora apresentado pelo falante, pois há sempre algo que escapa ao transcritor tanto no processo de conversão da língua oral em escrita, como no processo de análise dos dados.

O segundo ponto levantado por Nunes (2012) faz referência a um ponto de vista sob o qual as análises são empreendidas. Sobre ele, discutiremos na seção seguinte, referente às categorias sobre as quais empreenderemos nossas análises.

### **3.2 Procedimentos analíticos: as categorias de análise**

Benveniste nos ensina, em *Da subjetividade na linguagem*, que os discursos são testemunhos que o locutor dá de si mesmo e que, por sua vez, indicam a identidade do sujeito em questão, evidenciando, em suas enunciações, a apropriação que tem da língua e a sua produção com vistas a gerar sentido por meio das palavras empregadas. Cabe frisar que, assim como sugere o autor enunciativo, o objeto de nossas análises é este mesmo ato de produzir enunciados por meio da mobilização da língua

Assim, a partir do discurso oral do aluno, buscamos analisar a maneira como o aprendiz de português como língua adicional enxergava a sua inserção na sociedade, especificamente, na comunidade acadêmica, percebendo na mobilização da língua e sua conversão em enunciados a passagem de locutor a sujeito na língua, atuante tanto em situações presenciais como em situações virtuais. Dessa forma, buscamos examinar a maneira como o locutor percebe a sua constituição como sujeito e as modificações que percebe em si, de acordo com o contexto no qual enuncia.

Em relação à análise dos dados empreendida neste estudo, cabe justificarmos-nos acerca dos recortes enunciativos de que fazemos uso. A primeira justificativa encontra-se na limitação

de tempo e espaço para o desenvolvimento da dissertação. A segunda explicação tem referência direta com os objetivos deste estudo, que são, de maneira geral, compreender a construção identitária e o conseqüente empoderamento linguístico-discursivo a partir da aquisição de uma língua adicional. Tendo em vista o intuito do trabalho, realizamos recortes dos discursos levando em consideração o processo de reorganização e de apropriação linguística do falante, o qual enuncia com o intuito de produzir sentidos na língua-alvo e relacionar-se com os outros. Isso porque, repetimo-nos, buscamos perceber se há a ocorrência de uma maior compreensão sobre si e sobre suas atuações na comunidade de fala em questão, tendo por base os discursos produzidos pelo falante, acerca de suas próprias atuações.

Tanto a construção teórica quanto a construção metodológica e analítica deste estudo orientam-se, inicialmente, em recortes da perspectiva teórica enunciativa de Benveniste para o desenvolvimento de categorias a partir das quais os enunciados serão analisados, levando em consideração os pontos referentes ao ato enunciativo e questões de subjetividade e intersubjetividade, redirecionados ao nosso ponto de vista de análise. Posteriormente, relacionamos as análises empreendidas fazendo uso de noções pertinentes à Linguística Aplicada, com vistas à discussão da construção da identidade e do desenvolvimento da competência simbólica no falante de língua adicional inserido na comunidade de fala da língua-alvo, o português.

Sobre o processo de análise, em uma perspectiva enunciativa, Nunes (2012) defende que os dados transcritos e convertidos em objetos de análise devem ser analisados conforme o que é suscitado pelo dado. Dessa forma, fazendo uso do *corpus textual de pesquisa* benvenistiano discutido no segundo capítulo, estabelecemos os rumos a partir dos quais discutiremos, no capítulo seguinte, as enunciações coletadas.

A primeira diretriz ancora-se na análise do *ato enunciativo* como forma de produção discursiva com vistas a um interlocutor. Buscamos analisar a maneira como o falante mobiliza a língua e a converte em discurso. Refletimos sobre a enunciação com base em aspectos relativos à forma da língua e o sentido que dela advém. Ou seja, buscamos perceber “como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’ (BENVENISTE, 2006, p. 83). Assim, tomamos a enunciação como objeto de análise, percebendo os instrumentos, palavras utilizadas, para a conversão em sentidos em diálogos com os outros. Ancoramo-nos no aspecto da *semantização* para atingirmos a análise da significância no ato enunciativo. Assim, consideramos na enunciação, consecutivamente, conforme propõe Benveniste, “o próprio ato, as situações em que ele se realiza, [e] os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 2006, p. 83).

Na esteira de reflexões referentes ao ato enunciativo, deparamo-nos com a conversão da língua em discurso como característica de apropriação linguística, instauração e proposição de locutor no discurso, com relação a seu alocutário. É neste aspecto que estabelecemos nossa segunda diretriz, a *análise da intersubjetividade*. Buscamos refletir sobre as relações suscitadas quando o locutor, ao produzir discursos, torna-se sujeito da linguagem, e passa a atuar na sociedade a partir da interlocução com o(s) outro(s) parceiro(s) de alocação. Analisamos o local de fala do sujeito, tendo por base de reflexão a afirmação de que “é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 101).

Já discutimos o postulado benvenistiano de que a linguagem é constitutiva do homem, e que esta propriedade da linguagem é sempre característica de uma inter-relação entre um *eu que profere a enunciação* e um *tu* que se apresenta como *alocutário* e receptor dos discursos, capaz de produzir uma enunciação de retorno à primeira, os quais derivam a *categoria de pessoa* na enunciação. Assim, consideramos a característica da intersubjetividade fundamental em nossa análise, visto que a produção de enunciados é o meio pelo qual trocas discursivas são estabelecidas e, principalmente, introduz o locutor e o faz relacionar-se com a sua enunciação e com a sociedade. Conforme nos ensina Benveniste, o diálogo tem a possibilidade de representar, para o locutor a sua realidade, e de, também, recriar a realidade para o ouvinte, o que estabelece, assim, a troca, a comunicação intersubjetiva. A análise de aspectos relativos à intersubjetividade tem por objetivo, assim, perceber de que forma o locutor apresenta seus discursos com base em sua relação com a sociedade e contextos linguístico-comunicativos nos quais está inserido, e, principalmente, perceber de que maneira este sujeito apropria-se da língua, deixando marcas de si em seu discurso a partir do modo como também vê o outro, para representação da sua realidade. Logo, ao destacarmos a intersubjetividade, também tocaremos aspectos relativos à subjetividade.

Analisamos também questões que dizem respeito às noções de *tempo-espaço* situadas nos enunciados. Lembramos que Benveniste postula que a temporalidade é estabelecida na enunciação. Assim, a análise da categoria de tempo torna-se relevante em nosso estudo pois os discursos analisados fazem referência a momentos de atuação anteriores ao ato enunciativo da entrevista, além de refletirem as atuações em espaços distintos de produção discursiva. Explicamo-nos. O falante produtor dos discursos em análise discorre acerca de sua atuação no meio acadêmico, refletindo sobre a maneira como produz discursos, como estes são recebidos

por seus alocutários, e como ele se propõe como sujeito nestas produções enunciativas. Além disso, analisamos a perspectiva do locutor, no tempo da entrevista, acerca de sua atuação em dois espaços distintos no contexto de português como língua adicional, os ambientes virtuais e reais.

O quarto ponto em análise faz alusão à relação do indivíduo com o mundo, a questão da *referência*. Faz-se necessária esta análise, pois pela apropriação e mobilização da língua o indivíduo explana, para o seu alocutário, a sua relação para o mundo. Assim, locutor e alocutário correferem nos discursos, expressando a relação existente entre si e com o mundo no qual enunciam. Por isso, analisamos os procedimentos acessórios, como as asserções e interrogações que o indivíduo realiza em seus enunciados, que concebem a referência no discurso para discutirmos, com base em *sua relação com o mundo*, a maneira como o indivíduo se estabelece como sujeito na sociedade.

Com base nas reflexões acerca do ato enunciativo, da intersubjetividade e das categorias tempo-espaço e referência, culminamos nossas análises com o foco na construção identitária desse sujeito. O exame das categorias listadas anteriormente fornecem-nos indícios para perceber como o locutor propõe-se como sujeito discursivamente, levando em consideração o tempo “presente” do discurso, a apropriação da língua por um ato individual com vistas a produção de sentidos no discurso, assim como a relação mútua estabelecida entre *locutor-alocutário* na entrevista, *locutor-locutor* nas análises sobre sua própria atuação discursiva e *locutor-alocutário* em meios digitais. Isso porque, conforme aponta Benveniste, não há outra maneira de percebermos a identidade de um sujeito a não ser o testemunho que ele dá sobre si mesmo.

Atrelado a isto, voltamos nossa atenção ao desenvolvimento da competência simbólica, tópico relativo ao campo da Linguística Aplicada. Estabelecemos o contato a partir da produção discursiva, isso porque a maneira como o indivíduo apropria-se da língua e converte-a em discurso evidencia sua competência, ou não, ao lidar com os bens simbólicos presentes na linguagem, visto que, conforme aponta Kramsch (2006, p. 252), a competência comunicativa, ou seja, a habilidade de produzir discursos em uma comunidade de fala, “não deriva da apenas informação sozinha, mas do poder simbólico que vem com a interpretação dos sinais e suas múltiplas relações com outros sinais”<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> No original: Communicative competence does not derive from information alone, but from the symbolic power that comes with the interpretation of signs and their multiple relations to other signs.

Dessa forma, relacionamos a habilidade de produzir discursos, em uma perspectiva enunciativa, sob o viés de forma e sentido vistos conjuntamente, e, de igual modo, na perspectiva da Linguística Aplicada, a compreensão sobre a competência simbólica, ou seja, de que discursos compreendem muito mais do que as informações explicitadas, para compreender a maneira como o indivíduo produz a língua e como relaciona-se na sociedade na qual está inserido, de modo a perceber como o sujeito percebe a sua identidade sendo forjada nas diferentes situações de interlocução em que se insere.

Com isto em vista, sintetizamos as categorias de análise no quadro a seguir.

Quadro 7 - Síntese das categorias de análise

| Síntese das categorias de análise: perspectiva enunciativa |   |
|--|---|
| <b>a) O ato enunciativo</b>                                | Consideramos <i>o próprio ato, as situações em que ele se realiza e os instrumentos de sua realização.</i>  |
| <b>b) Intersubjetividade</b>                               | Perceber a maneira como o locutor, nas relações discursivas com os outros, se apresenta como <i>eu</i> em seus discursos e situa seus parceiros de alocação.  |
| <b>c) Tempo-espço</b>                                      | A partir da enunciação o tempo presente é instaurado; assim, buscamos perceber a maneira como o falante engendra os instrumentos da enunciação para inserir-se no mundo com seus discursos e referir-se a situações anteriores a partir deles.  |
| <b>d) A referência</b>                                     | Em enunciação, falar significa <i>falar de</i> ; assim, analisamos as referências que demonstram a relação do falante com o mundo.  |
| Síntese das categorias de análise: Perspectiva Aplicada    |   |
| <b>e) Competência Simbólica:</b>                           | Buscamos perceber se o indivíduo, ao produzir discursos, é capaz de empoderar-se através da língua, estabelecendo novos significados e referências condizentes com sua realidade, o que, por sua vez, o estabeleceria em uma posição de poder nos jogos simbólicos estabelecidos na e pela linguagem. |
| <b>f) Construção identitária</b>                           | Perceber como o locutor propõe-se como sujeito em seus discursos e como este se altera de acordo com as situações enunciativas nas quais atua, buscando a participação nos jogos de poder linguísticos e remodelando sua identidade de acordo com os eventos comunicativos.                           |

Fonte: elaborado pela autora

Com base nas categorias listadas acima, teceremos comentários analíticos voltados à compreensão da construção identitária do falante, levando em conta nossa própria formulação a respeito de identidade, construída na interface entre a área enunciativa e a aplicada. Ainda, embora tenham sido aqui listadas separadamente, para fins de esclarecimento metodológico, na análise, as categorias serão consideradas de modo entrelaçado, na medida em que uma depende da outra.

Portanto, as produções discursivas analisadas, no capítulo a seguir, são relacionados com os pontos derivados de uma leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste que leve em consideração a apropriação da língua adicional e a produção de discursos para a atuação em sociedade. Sobre estes aspectos, discutiremos os recortes enunciativos da entrevista coletada, relacionado com o que analisamos no capítulo referente ao campo da Linguística Aplicada, estabelecendo pontos de contato entre as duas teorias para que, por fim, possamos desenvolver as análises sobre o relato do aluno acerca de sua capacidade de atuação, ou não, no convívio social, propiciada pela aquisição de português como língua adicional, e o desenvolvimento da competência simbólica.

A fim de elucidar três conceitos chave de nossas análises, apresentamos, no quadro a seguir, a distinção dos conceitos de subjetividade, intersubjetividade e identidade.

Quadro 8 - Definições de subjetividade, intersubjetividade e identidade

| <b>DISTINÇÕES TEÓRICAS</b> |  |
|----------------------------|--|
| <b>SUBJETIVIDADE:</b>      | Capacidade do locutor para se propor como sujeito. Cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo-se a si mesmo como <i>eu</i> no seu discurso (FLORES, 2013, p. 125).  |
| <b>INTERSUBJETIVIDADE:</b> | Condição da presença humana na linguagem na qual eu e outro se pressupõem mutuamente (FLORES, 2013, p. 124).   |
| <b>IDENTIDADE:</b>         | As identidades são (re)construídas na e pela linguagem e emergem a cada nova instância discursiva, nas relações com os outros em sociedade, nas quais o falante com seu(s) modo(s) de enunciar altera-se de acordo com as necessidades impostas no evento comunicativo, com vistas à inserção em determinada comunidade de fala, buscando participar dos jogos de poder estabelecidos na e pela linguagem (elaborado pela autora). |

Fonte: elaborado pela autora

Buscamos, assim, a partir das marcas enunciativas, vislumbrar a maneira como o indivíduo pôde, ou não, desenvolver a capacidade de domínio do poder simbólico, auxiliando-

o na atuação de maneira significativa na língua em questão, inclusive em se tratando de interações através de meios digitais. Culminamos, assim, em análises acerca de autoconstrução da identidade, sempre mediada pela linguagem, em espaços específicos de atuação, o contexto acadêmico em situações presenciais e também virtuais.

## CAPÍTULO 4

### A APROPRIAÇÃO DA LÍNGUA E SUA CONVERSÃO EM DISCURSO: ANÁLISE DO RELATO DE UM ALUNO APRENDIZ DE PLA

Ao levar em consideração o que aponta Nunes (2012), transcrevemos os dados orais coletados em entrevista e passamos aos  *fatos*  linguísticos-discursivos que nos levam a refletir sobre a construção identitária em um contexto de língua adicional.

Conforme explicitado no capítulo anterior, os dados aqui apresentados foram coletados em uma entrevista, realizada no ano de 2019, nas dependências do Centro de Letras e Comunicação, na Universidade Federal de Pelotas. Os fatos aqui analisados dizem respeito aos relatos acerca das atuações no ambiente acadêmico do aluno José, 25 anos, colombiano, estudante de pós-graduação (nível de doutorado), falante de espanhol e português, e aluno dos cursos de Português para Estrangeiros, ofertados pela UFPel. A partir dos fatos apresentados nos relatos, buscamos perceber a maneira como o aluno se fundamenta como sujeito no processo de apropriação da língua portuguesa, levando em consideração também os aspectos culturais inerentes a esta língua, especialmente quanto à cultura acadêmica.

Interessamo-nos em perceber, a partir dos relatos do aluno, os sinais de mudança que a aprendizagem do português imprime nas suas formas de atuação, ou seja, na maneira como se propõe como locutor nas relações em sociedade, e de que maneira esta aprendizagem influencia na sua construção como sujeito naquela comunidade de fala. Exploramos, então, recortes enunciativos da entrevista com vistas a delinear como se deu o processo de aprendizagem do português como língua adicional, bem como as modificações que tal aquisição suscitaram no falante.

Após perpassarmos o percurso teórico (cf. Capítulo 1 e Capítulo 2), e metodológico (cf. Capítulo 3), que fundamentam este estudo, chegamos à análise dos  *fatos*  linguísticos apresentados nos recortes enunciativos a seguir. Essa análise é dividida em dois momentos analíticos: um a partir do exame da  *referência*  no discurso e, a partir dela, das demais categorias enunciativas (4.1) e outro relacionado às macro-mudanças do falante em relação à língua, à sociedade e sua construção identitária (4.2).

#### **4.1 Ponderações analíticas sobre a *referência* instanciada no relato: o que a produção discursiva revela sobre o falante em contexto de aprendizagem de português como língua adicional?**

Nesta subseção apresentamos uma análise contextualizadora sobre os relatos de José acerca de sua atuação enquanto aprendiz de língua adicional e aluno de pós-graduação em uma universidade estrangeira, de modo a buscar perceber o que seu discurso revela sobre sua condição de falante aprendiz de português como língua adicional. Esses relatos, conforme explicamos no capítulo anterior, foram coletados em uma entrevista oral, semiestruturada, na qual o aluno respondera aos questionamentos realizados de maneira oral e transcritos a seguir para fins de redação da dissertação:

- a) Quando você chegou ao Brasil, já falava português?
- b) O que o/a levou a aprender a língua?
- c) A falta do domínio linguístico influenciava nas suas relações cotidianas?
- d) (Em caso de resposta afirmativa ao questionamento anterior) Como você se sentia? Que efeito esta falta gerava nas suas vivências? E no ambiente acadêmico?
- e) Atualmente, você considera o seu domínio de português satisfatório?
- f) Aprender a língua portuguesa modificou a forma como você expõe seus posicionamentos?
- g) Você se comunica em português quando utilizando recursos tecnológicos?
- h) (Em caso de resposta afirmativa ao questionamento anterior) De que forma esta interação acontece? Você consegue compreender todos os enunciados e expressar-se de forma satisfatória?
- i) Interagir com falantes de português em meios tecnológicos facilita a sua comunicação?
- j) Você consegue se expressar de maneira satisfatória?
- k) Há alguma diferença na sua forma de comunicação quando atuando em meios tecnológicos, em oposição a situações comunicativas face-a-face?

Nesta subseção, na qual adotamos uma abordagem geral sobre os relatos produzidos, buscamos perceber a maneira como o indivíduo constitui a *referência* para consigo mesmo e para com a sociedade na qual está inserido. Ou seja, como falar é *falar de*, interessa-nos visualizar o modo como o aluno mobiliza os fatos vividos por ele e os transforma em *referência* no discurso. Acreditamos que, ao tratar dos fatos vividos, o aluno insere também a língua como ponto de reflexão, já que assim o convocamos a fazer, por meio de perguntas do roteiro.

Focamos, então, na maneira como reflete acerca de seus discursos, sendo efetivos, ou não, nas relações na comunidade de fala em que se insere.

Para realizar essa análise, seguimos a cronologia do relato produzido, utilizando alguns recortes enunciativos a partir dos quais torna-se possível evidenciarmos as categorias de análise enunciativas: a partir da construção da referência nos discursos, discutimos o ato enunciativo, a intersubjetividade e as questões de tempo-espaço nele instauradas.

Assim, ao iniciarmos a entrevista, convocamos o aluno a revisitar o momento de sua chegada ao Brasil, no ano de 2015, pedindo que discorresse acerca de suas atuações enquanto aluno estrangeiro e sobre a maneira como o domínio ou a falta de domínio da língua portuguesa influenciavam essas atuações, situação que o leva a refletir acerca de sua relação com o mundo. A *referência* presente nas enunciações de José diz respeito às diferentes vivências relativas à sua realidade enquanto aluno estrangeiro inserido em uma universidade brasileira. Dessa forma, pela linguagem, o aluno passa a *reproduzir a sua realidade*. Isso porque, conforme nos ensina Benveniste (1976, p. 26), ao retomar experiências anteriores e convertê-las em linguagem, “a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e as experiências do acontecimento”.

O aluno relembra que, ao chegar no Brasil em 2015, em um projeto de intercâmbio entre as universidades brasileira e colombiana, não possuía o domínio do português, fato que impossibilitava a sua interação no meio acadêmico. José recorda que decidiu iniciar as aulas de português por conta da necessidade imposta pela universidade, pois, segundo ele, “(R1)<sup>33</sup>*Todas as aulas, palestras e seminários eram em português. Não era permitido apresentar em espanhol por causa da comunicação, então isso me forçou a estudar por conta própria, através de cursos da língua*”.

José traz, em suas enunciações, acontecimentos de sua realidade anteriores ao tempo do discurso, no entanto estes são apresentados no *tempo presente* da sua enunciação. O presente da sua enunciação está ligado ao fato de *narrar*, pois “tem como referência temporal um dado linguístico: a coincidência do acontecimento descrito [o fato de narrar] com a instância de discurso que o descreve. A marca temporal do presente só pode ser interior ao discurso” (BENVENISTE, 1976, p. 289). Dessa forma, as referências que estabelece para com o mundo no qual atua estão relacionadas a eventos anteriores, revisitados e *renascidos em seu discurso*, via narração presente de fatos passados.

---

<sup>33</sup> A marcação (R1) indica que se trata do recorte enunciativo 1 do relato coletado.

No recorte enunciativo 1, o relacionamento que o locutor estabelece com questões temporais é perceptível, pois apropria-se da língua e converte-a em discursos engendrando os *índices específicos e procedimentos acessórios* inerentes à enunciação. Isso porque, ao produzir seu discurso no tempo atual, estabelecendo-se como *eu* e configurando diante de si a entrevistadora como o *tu* da enunciação, o locutor consegue estabelecer um *jogo de formas específicas* que o aloca no tempo presente e redireciona-o à sua relação ao momento passado. Assim, por ter constituído em seu discurso, no tempo presente, um *centro de referência interno*, lhe é propiciada a retomada de eventos anteriores ao tempo atual.

José recorda que, findado o processo de intercâmbio, retornou ao seu país de origem, onde permaneceu por dois meses, sem estudos de língua portuguesa, até seu retorno, em 2016, quando da sua aprovação para um curso de pós-graduação, em nível de mestrado, na Universidade Federal de Pelotas. Ao retornar para o Brasil, passou a participar de cursos de português para estrangeiros oferecidos pela universidade, cursos com os quais permaneceu em contato até o momento da coleta dos dados, conforme o recorte enunciativo apresentado a seguir:

(R2) *“Eu voltei pro Brasil primeiros dias de março do seguinte ano, que foi 2016. Comecei o mestrado e mais ou menos ali pelo final de março havia convocatória para fazer curso de português. Em 2016 eu acho que fiz dois cursos, primeiro e segundo semestres, depois teve um que parou [curso interrompido pela universidade] e depois fiz [cursos de português para estrangeiros] com a própria coordenadora, que foram dois cursos no mesmo semestre, que foram um de cultura brasileira e o outro de produção de textos acadêmicos, foram os que fiz. E neste semestre participo agora do leitura e produção de textos acadêmicos para estrangeiros, que enfatizam um pouco estudos de linguística, da gramática, produção de textos, estrutura. Tô cursando ainda, e agora estamos na parte de produção oral.”*

Ao ser questionado sobre seu relacionamento com os colegas, professores, nos primeiros semestres de estudo no Brasil, o aluno relata que se sentia muito tímido pela falta de domínio da língua portuguesa e que “(R3) *isso [a falta da língua portuguesa] limitava muito participar nas disciplinas, porque muita disciplina era interativa e eu me restringia e me coibia a fazer questionamentos que tinha*”. Essa falta de domínio da língua lhe impossibilitava a interagir e, como consequência, não lhe possibilitava *tornar-se locutor e sujeito da linguagem* nesse contexto acadêmico, pois, conforme nos lembra Benveniste,

A forma do pensamento é configurada pela estrutura da língua. E a língua, por sua vez revela dentro do sistema das suas categorias a sua função mediadora. Cada locutor

não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro, o **parceiro, que dotado da mesma língua tem em comum o mesmo repertório de formas, a mesma sintaxe de enunciação e igual maneira de organizar o conteúdo** (BENVENISTE, 1976, p. 27, grifos nossos).

Por não dominar a estrutura da língua portuguesa e por não ter a habilidade de organizar o conteúdo do que desejava expressar, não era capaz de estabelecer-se como locutor e ter, assim, um alocutário, um parceiro a partir do qual suas enunciações teriam algum retorno condizente com o que desejara expressar. Como consequência, era visto como um aluno tímido, o que influenciava a maneira como relacionava-se com os colegas, o que o leva a afirmar que

(R4) *“No primeiro semestre, [eu] não tinha muitos amigos em aula porque eu acho que foi uma barreira, eu sempre fiquei muito calado, né?! Eu, tipo, eu tinha a oportunidade de ‘dar disciplinas’ [referindo-se à possibilidade de assistir às aulas em diferentes cursos de graduação] em vários ambientes. No início fui no curso de engenharia ambiental que eu tava fazendo, e o que fiz na engenharia civil, fiz na engenharia hídrica, engenharia da produção, fiz também nos processos gerenciais... eu tive uma diversidade de disciplinas, mas não fiz muitos amigos nessas disciplinas, né, por causa de que eu não conversava muito, eu não compreendia, e pra mim o primeiro semestre foi tão rápido que, acho que, foi muito limitante.”*

Ao levarmos em consideração o que afirmava Benveniste, de que apenas dentro da instância do discurso o falante é capaz de (re)produzir a sua realidade – ao apropriar-se do sistema linguístico e convertê-lo em discurso, tornando-se locutor e apresentando-se como sujeito no discurso, tendo nele implicado um parceiro que receberia as enunciações, o que resulta na instauração da subjetividade –, podemos entender a passagem anterior como limitante neste processo de *construção da subjetividade* do falante. Isso porque, ao afirmar no recorte enunciativo 4 que *“eu não conversava muito, eu não compreendia [as disciplinas e diálogos em sala de aula]”*, é vedado ao falante a possibilidade de constituir-se como sujeito dentro daquela comunidade de fala, pois, conforme aponta Benveniste (2006, p. 83-84), *“antes da enunciação a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso que emana de um locutor, forma sonora que atinge um ouvinte, e que suscita uma outra enunciação de retorno”*. Ou seja, a impossibilidade de apropriar-se do sistema linguístico lhe privava a possibilidade de estabelecer relações discursivas naquele ambiente. Assim, as formas sonoras do discurso chegavam até o falante, porém, este não conseguia suscitar uma enunciação de retorno, pela incompreensão do discurso, bem como pela falta do sistema linguístico.

Nos momentos em que menciona que “*não tinha muitos amigos*” e “*não fiz muitos amigos nessas disciplinas*” é perceptível a impossibilidade, para seu locutário, de poder *recriar a realidade* a partir do discurso de José e, assim, estabelecer o diálogo, a comunicação intersubjetiva entre locutor e ouvinte. Isso porque, conforme aponta Benveniste (1976):

Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim, a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a da troca e do diálogo, confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva (BENVENISTE, 1976, p. 26)

Dada a impossibilidade de estabelecer a comunicação intersubjetiva, José não conseguia estabelecer-se como parceiro de enunciação, pois, tanto em posição de locutor, quanto em posição de ouvinte, não era capaz de estabelecer a *troca, o diálogo*. Tal fato impossibilitava, assim, para ele, enquanto ouvinte, a chance de recriar a realidade e, enquanto locutor, de representar a sua realidade de maneira que os seus colegas pudessem interagir com ele.

O aluno prossegue o relato, relacionando-o ao contexto acadêmico, demonstrando sua frustração com a falta da língua para a sua participação em discussões propostas em sala de aula, afirmando que sua orientação em sala de aula eram os *slides* utilizados por professores, conforme explicita no recorte enunciativo apresentado a seguir.

(R5) “*Primeiras vezes eu me sentia frustrado, assim, porque eu não entendia nada. Era, tudo que falava, praticamente isso que só entendia 10%. Tinha palavras similares, outras que no, até porque podia ser palavras muito similares, mas na pronúncia era totalmente distinto, que isso foi algo bem complexo. A única guia que eu tinha, que me conseguia fazer entender eram os slides porque na escrita é bem mais fácil de entender e isso era uma orientação e além do material de estudo que passavam era mais tranquilo pra mim. No princípio era assim, eu me sentia muito incômodo comigo mesmo, o que me levou a me forçar mais, me motivo, porque eu sentia que tinha uma falência e tinha que melhorar pra melhorar o meu desenvolvimento na vida acadêmica.*”

Se, de um lado, a enunciação escrita lhe oferecia um certo amparo para sua instauração como locutário-leitor, de outro lado, a enunciação falada não lhe colocava na posição ativa de ouvinte que *co-refere* a alocação. Sobre esta dificuldade de estabelecer sentidos nas palavras que ouvia, relacionamos o recorte enunciativo 5 ao que Benveniste (1976, p. 285) afirma que “Para que a palavra assegure a ‘comunicação’, é preciso que esteja habilitada a isso pela linguagem, da qual é apenas a atualização. De fato, é na linguagem que devemos procurar a

condição dessa aptidão”. Deslocando para o caso de José essa afirmação, o aluno não estava habilitado a converter as palavras em sentidos, especialmente as da enunciação falada, ou seja, não estava apto a estabelecer a comunicação, visto que compreendia pouquíssimas palavras que lhe eram dirigidas oralmente, a ele também era impossibilitada a condição de tornar-se sujeito, pois,

**É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito* (...).** [O sujeito] define-se não pelo sentimento que cada um experimenta de ser mesmo (esse sentimento, na medida em que podemos considerá-lo, não é mais que um reflexo) mas como a unidade psíquica que transcende a totalidade das experiências vividas que reúne, e que assegura a permanência da consciência. **Ora, essa "subjetividade",** quer a apresentemos em fenomenologia ou em psicologia, como quisermos, **não é mais que a emergência no ser de uma propriedade fundamental da linguagem** (BENVENISTE, 1976, p. 286).

Dessa forma, por não conseguir estabelecer sentido nos enunciados que a ele eram dirigidos e, conseqüentemente, não estar apto a suscitar uma enunciação de resposta, pela falta de domínio da língua, José não se reconhecia como sujeito de linguagem e não era reconhecido, pelos outros, como tal, não participando, assim, das experiências estabelecidas a partir da linguagem. Percebemos que a falta de domínio linguístico e a conseqüente ausência de comunicação constituem-se como os principais elementos identitários de José, gerando assim, uma identidade de ausência. Tal impossibilidade de interação e de estruturar-se enquanto sujeito na linguagem fez com que José se sentisse incomodado, o que o levou a buscar instrução formal na língua, através de cursos de idiomas, pois *“sentia que tinha uma falência e tinha que melhorar pra melhorar o meu desenvolvimento na vida acadêmica”*.

José prossegue o relato afirmando que a busca pela instrução na língua era algo essencial para o seu desenvolvimento, tanto acadêmico, quanto pessoal, o que o leva a afirmar

(R6) *“Pra mim comunicação sempre foi algo muito importante, não tem como tu te inserir num meio, numa sociedade, sem comunicação.”*

O recorte acima nos leva à percepção da consciência, por parte de José, da imbricação existente entre a língua e a sociedade na qual se insere, fato que vem ao encontro do que aponta Benveniste (2006) quando afirma que:

Nada pode ser compreendido – é preciso se convencer disto- que não tenha sido reduzido à língua. Por conseqüência, a língua é necessariamente o instrumento próprio para descrever, para conceitualizar, para interpretar tanto a natureza quanto a experiência, portanto, este composto de natureza e de experiência que se chama sociedade. [...] A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual (BENVENISTE, 2006, p. 99-100).

Levando isso em consideração, bem como o pressuposto de Benveniste que nos ensina que “a sociedade não é possível a não ser pela língua; e, pela língua, também o indivíduo” (BENVENISTE, 1976, p. 27), a concepção de que indivíduo e sociedade se constroem mutuamente torna-se mais evidente, visto que, assim como aponta Benveniste, José assegura em seu discurso que a inserção em uma sociedade depende da capacidade comunicativa do indivíduo.

Com isso em vista, ao ser questionado acerca do desenvolvimento de suas habilidades linguísticas após três anos inserido no contexto brasileiro, e tendo participado de diversos cursos de língua portuguesa, José afirma deter maior domínio da língua portuguesa. No entanto, conforme o aluno afirma, este domínio

(R7) “*Não [é] perfeito, mas consigo me desenvolver em diferentes âmbitos, né, tenho uma conversação com segurança [segurança], já não preciso tá traduzindo, porque já me sirvo da capacidade de querer dizer uma coisa e se não sabe [se o seu interlocutor não o compreende], procurar outras formas de dizer. Acho que isso é uma capacidade que adquiri. Consigo expressar o que eu senti, já consigo expressar.*”

Apropriar-se da língua portuguesa e ter a habilidade de convertê-la em discurso propicia ao falante inserir-se no discurso e, pelo discurso, na sociedade, na comunidade de fala em que atua. Diferentemente do que afirmara sobre a incapacidade de criar laços de amizade pela falta da instauração da intersubjetividade, que, por sua vez, é construída no discurso, a partir da reversibilidade discursiva, entre locutor e alocutário, no recorte acima percebe-se que José passa a determinar-se enquanto locutor e estabelece diante de si um alocutário. Assim, conforme nos lembra Benveniste, esta *acentuação da relação discursiva com o parceiro* habilita José a reformular o seu dizer conforme o que acredita ser necessário para a compreensão por parte de seu alocutário. Dessa forma, por dispor de *um aparelho de funções*, José passa a influenciar o seu comportamento, bem como de seu alocutário, conforme a sua relação com seu parceiro discursivo.

Da possibilidade de estabelecer-se como locutor e apresentar-se como sujeito na linguagem decorre a constituição e a expressão de sua identidade e, conforme aponta José, a própria expressão pela linguagem do que sente. Fato que nos remete ao que afirma Benveniste (1976, p. 288), pois “não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo. A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor apropriar-se da língua toda designando-se como eu”, e propiciando-lhe a capacidade de atuar no ambiente no qual está inserido. Ainda, o fato de José afirmar que agora

detém a capacidade expressar o que sente nos remete ao discutido em relação à capacidade de interpretância da língua. A língua é, conforme aponta Benveniste,

O instrumento de comunicação que é e deve ser comum a todos os membros da sociedade. Se a língua é um instrumento de comunicação ou da comunicação, é porque ela está investida de propriedades semânticas e porque ela funciona como uma máquina de produzir sentidos, em virtude de sua própria estrutura (BENVENISTE, 2006, p. 99).

Dessa forma, a habilidade de expressão de sentimentos relaciona-se com a capacidade de apropriação do sistema linguístico para tornar-se capaz de produzir sentidos, através dos discursos, no relacionamento intersubjetivo. No entanto, ao passo que adquire o sistema linguístico, José passa a evidenciar-se academicamente, pois, em suas palavras,

*“(R8) Consegui me destacar muito como estudante, ser reconhecido, os professores verem meu interesse né, que foi uma coisa que me levou a continuar a vida acadêmica, ver meu potencial né, acho que foi um diferencial [aprender a língua]”.*

Com base no recorte acima, percebe-se o caráter social da língua enquanto prática humana, visto que, ao apropriar-se da língua, José se vê inserido como participante da sociedade e, mais especificamente, da comunidade acadêmica de falantes de língua portuguesa. Tal fato nos remete a Benveniste, quando relaciona língua e sociedade, ao afirmar que “é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante” (BENVENISTE, 2006, p. 101).

Tendo em vista a possibilidade de instaurar uma nova maneira de se constituir como sujeito de linguagem através do domínio da língua portuguesa, o aluno atesta que suas atuações e vivências, especialmente no âmbito acadêmico, sofreram diversas modificações. Dentre elas, a maneira como era visto por seus colegas de aula e professores, pois, segundo José, por não dominar a língua portuguesa, era visto como uma pessoa tímida, não conseguia destacar-se academicamente e não era possível mostrar seu potencial enquanto aluno de pós-graduação.

Este aspecto, da língua enquanto prática humana e capaz de inserir o falante no meio social, será aprofundado na próxima seção, quando observaremos de que maneira apropriação da língua e sua conversão em discursos reverbera a percepção do indivíduo acerca da construção de sua identidade.

#### **4.2 Ponderações analíticas sobre as macro-mudanças na relação do aluno com a língua, a sociedade e sua construção identitária: o que a produção discursiva revela sobre o falante em contexto de aprendizagem de português como língua adicional?**

Nesta subseção direcionamos nossa análise para uma perspectiva analítica mais específica, na qual focamo-nos à discussão do que passamos a chamar de *macro-mudanças* relatadas pelo aluno no processo de aprendizagem da língua portuguesa como língua adicional. Isso nos conduz à discussão acerca de seus relatos sobre modificações identitárias, tanto em espaços presenciais quanto virtuais, buscando perceber como a apropriação da língua e sua conversão em discursos propiciou-lhe, ou não, a habilidade de atuação nos jogos de poder estabelecidos na linguagem, ou seja, o desenvolvimento da competência simbólica.

Para esta etapa, os recortes enunciativos são expostos não mais seguindo a cronologia do relato do aluno, e sim a cronologia das alterações vivenciadas pelo aluno. Explicamo-nos. Iniciaremos com a apresentação e discussão dos relatos relacionados às alterações oriundas da modificação do espaço de atuação, presencial *versus* virtual. Na sequência, discutimos as modificações provenientes da aquisição da língua portuguesa após a instrução formal e inserção na comunidade de fala. Por fim, discutimos os relatos do aluno acerca das suas alterações enquanto indivíduo que adquiriu outra língua e as alterações que percebeu em seu comportamento enquanto participante da sociedade, discutindo também, de maneira conjunta, a habilidade de mobilização da competência simbólica inerente ao exercício da linguagem.

Quando questionado acerca de sua atuação em um ambiente virtual de comunicação, José afirma ter grande atuação em espaços virtuais e menciona, por exemplo, grupos de *Whatsapp*, *Facebook* e também o *e-mail*. Ao refletir sobre sua atuação nesses espaços, realiza um comparativo entre o meio acadêmico virtual e situações cotidianas exteriores à comunidade acadêmica, afirmando que

(R9) “*Nesses grupos acadêmicos acho que sim, acho que a terminologia já se converteu em algo que eu me adaptei. Já aprendi todos, tipo, as coisas que pra mim eram desconhecidas, eu acho que consegui, tanto tempo acho que três, quatro anos, já consegui aprender esses termos porque a comunicação na vida acadêmica é totalmente diferente ao coloquial, ao cotidiano. Eu acho mais complexo o cotidiano porque cada vez que tô na rua e conheço um amigo novo ou é de outra região, outra parte e utiliza muita gíria, eu acho bem diferente, meu vocabulário então eu acho que é mais limitado e são mais frequentes esses termos que eu consigo entender.*”

Mesmo em um espaço virtual, em que a interação acontece de maneira diversificada, os tópicos discutidos em grupos ligados à universidade não causam grandes desconfortos e dificuldades para compreensão, tendo passado os três anos de inserção na comunidade de fala acadêmica brasileira. Por outro lado, ao realizar o comparativo com situações presenciais, no entanto cotidianas, a exemplo de conhecer diferentes culturas e sotaques, ainda que brasileiros, o aluno percebe uma certa limitação, pois nestas ocorrências o vocabulário é distante daquele ao qual está acostumando em suas relações diárias, na universidade. Dessa forma, ao afirmar que “*a comunicação na vida acadêmica é totalmente diferente ao coloquial, ao cotidiano*” José nos leva a refletir sobre a cultura, de maneira específica, a cultura acadêmica, o que, nas reflexões benvenistianas, nos remete às classes ou grupos específicos. Sobre isso, o autor dos estudos enunciativos pontua que a língua enquanto prática humana “*revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum*” (BENVENISTE, 2006, p. 102). Assim, por compreender a cultura acadêmica e reconhecer os termos desta classe, José já consegue perceber-se como parte desta comunidade, ou seja, já se adaptou ao sistema linguístico e a esta comunidade de fala específica, o que o leva a compreender o meio acadêmico como menos complexo que as relações discursivas cotidianas.

Ainda, o aluno relembra que a utilização do linguajar mais informal nos grupos acadêmicos virtuais lhe causa um desconforto, e que não se sente à vontade para fazer uso de abreviações e gírias, mesmo que em situações virtuais. Em relação a isso, voltamos a Kenski (2003), quando a autora discute a produção e compreensão de mensagens no meio digital, ao afirmar que “*cada vez mais é exigida a manifestação dos sentidos humanos – a audição, a visão, o tato, a emoção, a voz... – no envolvimento e na compreensão das mensagens multimidiáticas, de acordo com o interesse e a sensibilidade dos interlocutores*” (KESNKI, 2003, p. 37). Assim, no meio digital, mesmo que não se sinta desconfortável com o linguajar empregado, José compreende que trata-se de um meio mais informal, quando comparado ao meio acadêmico presencial, e que a opção pela utilização, ou não, de gírias e abreviações, varia de acordo com o interesse do produtor de discursos, assim como a sua compreensão depende de sua habilidade de adaptar-se a esta diferente forma de convir sentidos. Em momentos em que não compreende as mensagens apresentadas, que não é capaz de estabelecer significação a partir dos enunciados de seus interlocutores, José pontua que questiona o sentido de alguns enunciados, especialmente quando há esta utilização de uma “*linguagem da internet*”, assim:

(R10) “Às vezes eu pergunto e eles respondem ‘não é isso...’ [referindo-se aos seus interlocutores que lhe dão explicação sobre o tópico]. *Essas são coisas que eu acho que aprendo a cada dia, é constante, acho que isso não para, porque sempre surgem... surgem MEMES, as tiras, as piadas, sempre pra mim é algo novo. Aí eu vou atrás, pergunto pra pessoa, sou curioso.*”

José enxerga-se como uma pessoa curiosa, que vai em busca do conhecimento, que deseja negociar os significados com seus interlocutores, o que demonstra o seu interesse em fazer parte dos jogos de poder simbólico. O excerto acima nos remete ao exposto por Kramsch (2006) quando a autora afirma que

A competência simbólica não elimina a habilidade de expressar, interpretar e negociar significados em diálogos com os outros, mas os enriquece e os incorpora com a habilidade de produzir e trocar bens simbólicos no contexto global complexo em que vivemos hoje (KRAMSCH, 2006, p. 251, tradução nossa)<sup>34</sup>.

José mostra-se interessado na negociação de significados, o que demonstra a sua perspectiva de constante construção identitária enquanto aprendiz de língua adicional. Isso porque busca inserir-se no contexto global complexo de trocas discursivas e tem o intuito de produzir e trocar bens simbólicos na e pela língua de que está se apropriando.

Ao ser convocado a fazer um contraponto entre suas maneiras de atuação em um ambiente virtual em comparação a uma situação de comunicação presencial, no meio acadêmico, José pontua que

(R11) “*O comportamento muda [de acordo com o meio]. Tem alteração de, sobretudo, agir um pouco mais impetuoso, ou mais, digamos **o jeito de comportamento, é bem diferente, acho que é muito mais formal no acadêmico e minha postura muda também né. Como comunicar, me expressar e acho que no cotidiano [referindo-se às situações presenciais] a gente sempre não pensa muito no que vai dizer, age mais, não pensa muito bem, raciocina, antes de expressar. Acho que isso faz falta, é mais na pressa.***”

O excerto acima nos leva a perceber que, enquanto em situações presenciais o ímpeto de enunciar é mais latente e ocorre sem muita reflexão, no meio virtual os discursos são mais cautelosos, mais medidos, o que acarreta em um maior cuidado no que deseja enunciar, o que diz respeito à cultura na qual se insere. Isso porque, conforme nos ensina Benveniste (1976, p.

---

<sup>34</sup> No original: “Symbolic competence does not do away with the ability to express, interpret, and negotiate meanings in dialogue with others, but enriches it and embeds it into the ability to produce and exchange symbolic goods in the complex global context in which we live today.” (KRAMSCH, 2006, p. 251).

32), ao inserir-se em uma sociedade e, conseqüentemente, em uma cultura, nela estão imbricadas relações de valores, de tradição, de política, de ética, dentre outros, relações estas que são *impregnadas na consciência do homem e dirigirão o seu comportamento em todas as formas de atividades*.

Além disso, a percepção que José tem acerca da cultura e dos modos de produzir discursos em determinadas situações diz respeito à habilidade de atuação nos jogos simbólicos que são estabelecidos na linguagem. A assertiva de José vem ao encontro do apresentado por Kramsch (2016, p. 519), que afirma que o poder simbólico nos encontros *online* é “definido como a capacidade de reformular a interação de uma troca de ideias para demonstrar habilidades linguísticas e vice-versa”<sup>35</sup>. Ou seja, quando José afirma que em situações presenciais *não pensa muito no que vai dizer e age mais*, evidencia o fato de que, em situações de produção discursiva em um ambiente virtual, modifica-se para atender tanto as demandas linguísticas do ambiente quanto as demandas simbólicas, pois está produzindo discursos referentes ao ambiente acadêmico em um espaço no qual a língua, em sua perspectiva, é mais controlada.

O posicionamento de José nos remete ao que afirma Bourdieu (1991, p. 82), quando discute a habilidade da produção discursiva como inseparável do uso linguístico relativo às situações nas quais são produzidos e que, nas palavras do autor, são *socialmente aceitáveis*. Ainda, Bourdieu afirma que “o senso do valor dos próprios produtos linguísticos é uma dimensão fundamental do senso de conhecer o lugar que se ocupa no espaço social” (BOURDIEU, 1991, p. 82, tradução nossa).<sup>36</sup> Assim, por perceber e compreender o local social no qual sua fala será produzida, o aluno entende que deve adaptar o seu modo de dizer de acordo com os produtos linguísticos que estão em voga naquele dado espaço social. Essa habilidade de compreender a situação na qual os discursos são produzidos refere-se ao domínio da competência simbólica que, por sua vez, diz respeito não apenas à competência comunicativa de falantes não-nativos, mas à forma como estes se posicionam no mundo e “encontram um local para si no mercado global de trocas simbólicas” (KRAMSCH, 2006, p. 250, tradução nossa)<sup>37</sup>. Conseqüentemente, essas modificações discursivas voltadas para a habilidade de atuar no espaço social que ocupa dizem respeito às alterações identitárias que José passa com vistas

---

<sup>35</sup> No original: “Symbolic power in these online encounters is thus defined as the ability to reframe the interaction from an exchange of ideas to a display of linguistic competence and vice-versa” (KRAMSCH, 2016, p. 519).

<sup>36</sup> No original: “The sense of the value of one's own linguistic products is a fundamental dimension of the sense of knowing the place which one occupies in the social space” (BOURDIEU, 1991, p. 82).

<sup>37</sup> No original: “What is at stake is not only the communicative competence of nonnative speakers, but how they are to position themselves in the world, that is, find a place for themselves on the global market of symbolic exchanges” (KRAMSCH, 2006, p. 250).

a encontrar um local para si nas trocas simbólicas estabelecidas no discurso. Isto porque, de acordo com Mendes (apud SOUSA SANTOS 2011, p. 506), “as identidades constroem-se no e pelo discurso, em lugares históricos e institucionais específicos, em formações prático-discursivas específicas e por estratégias enunciativas precisas”.

Por fim, ao ser questionado acerca de sua construção enquanto falante de português e falante de espanhol, José afirma que a aquisição da língua portuguesa influenciou diversos aspectos de sua vida, dentre eles a maneira de falar, inclusive a sua língua materna, ou seja, José *reinventa-se a partir da sua historicização na linguagem* (SILVA, 2016), pois, segundo José,

(R12) *“Quando eu volto de férias, na minha casa, meu país, todo mundo acha que eu falo muito diferente. Porque, assim, como levou tanto tempo, acho que eu tenho perdido muitas gírias do meu idioma, e palavras que algumas vezes esqueço, por no saber a forma informal da palavra no meu idioma, eu me restrinjo a falar muito formal e acaba que meu forma de expressar em certos grupos é muito diferente e isso marca. Por exemplo, hoje vou chegar na Colômbia, visitar meus amigos, eu falo de um jeito e eles dizem ‘nossa, tu fala muito diferente’. Mas é mesmo... até mesmo me senti, na primeira semana que eu tô lá, eu sinto que meu sotaque espanhol mudou, minha forma de pronúncia, falar mais calmo, falar com palavras mais formais, umas palavras não tanto do comum, enquanto me adapto novamente no idioma, escutando como é que é. Peguei costume muito do jeito [de falar] do português, porque a língua tem suas expressões, sua forma de falar, sua velocidade, sua forma de dicção, é muito diferente, e isso influencia. Por exemplo, no espanhol, a gente fala muito mais rápido, e isso com o português me ajudou muito a falar de maneira mais devagar, a controlar minha dicção, a forma de expressão, isso influenciou bastante.”*

O excerto acima nos remete à discussão acerca da construção identitária tanto individual quanto coletiva, pois ao declarar que *“quando eu volto de férias, na minha casa, meu país, todo mundo acha que eu falo muito diferente”*, José evidencia as relações de língua enquanto sistema e língua enquanto discurso, discutidas por Oliveira (2019). Sob essa perspectiva, o falar de José evoca, por um lado, a reflexão sobre a língua como sistema linguístico, ou seja, “aquilo que é comum a uma comunidade de falantes”, a partir da qual “ela é uma identidade social” (OLIVEIRA, 2019, p. 101); neste caso, trata-se da língua espanhola enquanto constitutiva do falar da comunidade colombiana. Por outro lado, o relato de José também explicita, nas suas interações em seu país de origem, a língua como discurso, ou seja, as suas produções

linguísticas individuais, “aquilo que define o próprio de cada um”, o que faz gera “uma identidade individual” (OLIVEIRA, 2019, p. 101).

Além disso, ao apontar que percebe alterações, tanto em sua língua materna, quanto na língua adicional, José aponta sua adaptabilidade quanto ao contexto no qual se encontra, pois confronta as duas línguas e coloca-se no entremeio, com sua identidade fluida que se configurou a partir da aquisição das duas línguas, carregando traços de uma língua à outra. O seu modo de falar passa a ser modificado pelas duas línguas, o que constitui a sua identidade, visto que, conforme nos ensina Silva (2000), a identidade

Não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. **Podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.** É instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. **A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas** (SILVA, T. T., 2000, p. 97, grifos nossos).

Ao compreendermos a identidade como relacionada a um ato performativo e ligada a estruturas discursivas e narrativas, percebemos na fala de José – *“na primeira semana que eu tô lá, eu sinto que meu sotaque espanhol mudou, [...] enquanto me adapto novamente no idioma, escutando como é que é”* – que ele busca uma maneira de encontrar seu local social naquela comunidade específica, almejando atuar de maneira competente nos jogos de poder simbólicos. E, fazendo um paralelo com o que apontam os estudos de base benvenistiana, voltamo-nos ao aspecto de *reinventar-se* enquanto produtor de discursos, pois conforme afirma Silva (2016, p. 42), “é vivendo sua experiência na linguagem com outros, na prática social, por meio de atos de enunciação que o homem pode descobrir-se e se reinventar durante toda a vida”.

Ainda, quando o aluno afirma que a sua maneira de falar sua língua materna é influenciada pela aquisição da língua portuguesa, evidenciada no excerto *“no espanhol, a gente fala muito mais rápido, e isso com o português me ajudou muito a falar de maneira mais devagar, a controlar minha dicção, a forma de expressão, isso influenciou bastante”*, tal declaração nos remete às discussões sobre competência simbólica, nas quais percebe-se o aluno de língua, o falante, como não apenas mero produtor de discursos, mas como

Pessoas inteiras com corações, corpos e mentes, com memórias, fantasias, lealdades, identidades. **Formas simbólicas não são apenas itens de vocabulário ou estratégias de comunicação, mas experiências incorporadas, ressonâncias emocionais e imaginações morais** (KRAMSCH, 2006, p. 251, grifo nosso, tradução nossa)<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> No original: “Language learners are not just communicators and problem solvers, but whole persons with hearts, bodies, and minds, with memories, fantasies, loyalties, identities. Symbolic forms are not just items of vocabulary

Ou seja, as experiências de José, na língua adicional, influenciam a maneira como se porta em sua língua materna, visto que as formas simbólicas de ambas as línguas passam a atuar na sua produção discursiva e remetem às suas *experiências incorporadas e ressonâncias emocionais*, oriundas de ambos os contextos linguísticos.

As alterações constatadas pelo aluno ultrapassam os limites da produção linguística nos dois sistemas, o português e o espanhol, e tiveram influência em sua construção tanto sociocultural quanto educacional. Isso porque tópicos abordados no contexto brasileiro até então não eram presentes em seu contexto cultural enquanto colombiano e, nas palavras de José

(R13) “*Acho que vocês [referindo-se aos brasileiros] têm umas discussões que pra mim, quando eu aprendi a língua, minha, tipo, minha mente se abriu muito mais conhecimentos que eu não tinha no meu país, de coisas, de cultura, de coisas de, tanto acadêmica, e de conhecimentos do mundo, de outros países, conhecimento de outros comportamentos, que isso influencia no meu comportamento agora, sou outra pessoa. Quando eu aprendi a língua, não somente aprendi a língua, aprendi outras coisas, outros ambientes, que isso me mudou como pessoa, porque eu digo que estar no Brasil me ensinou ser mais tolerável, ser mais consciente, no falar de cuidar para no ofender outras pessoas, de expressões que eu usava e acabei por mudar também, acho que isso sim tem influência na minha postura, bastante.*”

Assim como se dá o fenômeno de aquisição da linguagem pela criança, conforme algumas indicações de Benveniste (1976), o mesmo acontece quando há a aquisição de uma língua adicional que, por sua vez, acarreta na constituição do sujeito dotado de linguagem e que acaba por inserir-se em uma cultura específica, lidando com signos e símbolos linguísticos característicos daquela comunidade de fala. Dessa forma, a aquisição da língua portuguesa apresentou-lhe uma nova perspectiva sob a qual lida com os acontecimentos e a maneira como atua diante do que vivencia. Ainda, nas palavras de José, “*quando eu aprendi a língua, não somente aprendi a língua, aprendi outras coisas, outros ambientes, que isso me mudou como pessoa*”, o que vem ao encontro do que discute o linguista Rajagopalan (2003), quando pontua que

As línguas não são meros instrumentos de comunicação, como costumam alardear os livros introdutórios. **As línguas são a própria expressão das identidades de quem delas se apropria.** Logo quem transita entre diversos idiomas está redefinindo sua própria identidade. Dito de outra forma, **quem aprende uma língua nova está se redefinindo como pessoa** (RAJAGOPALAN, 2003, p. 69, grifos nossos).

---

or communication strategies, but embodied experiences, emotional resonances, and moral imaginings.” (KRAMSCH, 2006, p. 251).

Dessa forma, ao apropriar-se da língua portuguesa, trazendo-a para as suas vivências e experiências, o aluno percebe que, além do sistema linguístico, questões simbólicas inerentes à língua portuguesa passaram a fazer parte do seu universo enquanto falante da língua, pois, nas palavras do aluno, “*minha mente se abriu muito mais conhecimentos que eu não tinha no meu país, de coisas, de cultura*”. Por apropriar-se do novo sistema linguístico e, com ele, da cultura que lhe é constitutiva, sua identidade passa por modificações, adaptando-se aos novos comportamentos e questões culturais da comunidade na qual se inseriu. Assim, conforme já evidenciamos anteriormente, José passa a ser impregnado de valores éticos e morais inerentes à cultura da qual faz parte e estes valores culturais passam a dirigir o seu comportamento em *todas as formas da sua atividade* (BENVENISTE, 1976, p. 32).

É notório que, diferentemente do processo de aquisição da linguagem na criança, que passa a conhecer os símbolos e também a conhecer-se enquanto falante, quando o *eu adulto* passa a operar a língua com vistas a tornar-se locutor, ele já tem um conhecimento de si, mesmo que sempre provisório, visto que se (re)conhece na condição de falante a cada relação discursiva com os outros, na sociedade e na cultura, passando a configurar, assim, múltiplas faces de falante. Contudo, esta capacidade de reconhecimento de si e de propor-se como sujeito apenas acontecia em sua língua materna. Por outro lado, quando passa a ter a habilidade de apropriar-se da língua adicional e convertê-la em discursos, é capaz de gerar uma nova significação acerca de si mesmo, e passar a dar vida, e voz, ao que vivencia. Isso porque, conforme nos lembra Benveniste,

Assim como cada língua, cada cultura emprega um aparato específico de símbolos pelo qual cada sociedade se identifica. A diversidade das línguas, a diversidade das culturas, as suas mudanças mostram a natureza convencional do simbolismo que as articula. É definitivamente o símbolo que prende esse elo vivo entre o homem, a língua e a cultura (BENVENISTE, 1976, p. 32).

A aquisição de uma nova língua, de uma nova cultura, está intimamente relacionada ao processo de construção identitária, conforme apresentado no recorte da entrevista no qual José afirma ter se tornado “*uma outra pessoa*”. Tal evidência corrobora com nossa perspectiva acerca da construção de identidades, concepção formulada por nós na qual pontuamos que *as identidades são (re)construídas na e pela linguagem e emergem a cada nova instância discursiva, nas relações com os outros em sociedade, nas quais o falante com seu(s) modo(s) de enunciar altera-se de acordo com as necessidades impostas no evento comunicativo, com*

*vistas à inserção em determinada comunidade de fala, buscando participar dos jogos de poder estabelecidos na e pela linguagem.*

José percebe a sua alteração de comportamento em diversas situações em decorrência desta nova língua adquirida, e, com a proficiência na língua, lhe é possibilitado participar de diversos eventos comunicativos em que jogos de poder são estabelecidos. Tais alterações são evidenciadas tanto em situações de produção discursiva face a face, como em meios digitais, pois, conforme relata o aluno, “*o jeito de comportamento, é bem diferente*” quando compara os dois meios ao refletir acerca de sua atuação neles. Em seu relato, José demonstra o desenvolvimento da competência simbólica, uma vez que, ao adquirir a língua portuguesa, passa a atuar e inserir-se na comunidade de fala em diferentes contextos comunicativos e, independente do meio no qual produz discursos, é capaz de expressar seus posicionamentos, pois, retomando os dizeres do aluno, “*consigo expressar o que eu senti*”.

A constituição de sua identidade como falante de língua portuguesa lhe propicia a atuação na comunidade de fala de maneira efetiva, (re)significando os enunciados e (re)definindo-os de acordo com sua realidade, pois, nas palavras do aluno, “*eu digo que estar no Brasil me ensinou ser mais tolerável, ser mais consciente, no falar de cuidar para no ofender outras pessoas, de expressões que eu usava e acabei por mudar também, acho que isso sim tem influência na minha postura*”. Neste excerto ficam evidentes as alterações de José que, além de locutor em sua língua materna, torna-se locutor na língua adicional, porque além do sistema linguístico, apropria-se de todo o aparato cultural e simbólico imanente à língua e passa a atuar conforme as diferentes concepções que adquiriu na língua portuguesa.

Os relatos de José evidenciam a sua construção identitária enquanto indivíduo falante de língua espanhola e de língua portuguesa, capaz de atuar em ambos os contextos linguísticos de maneira eficiente, de acordo com a sua realidade. Tal fato corrobora com o posicionamento benvenistiano de que

**O fundamento da subjetividade está no exercício da língua.** Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que **não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo.** A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como eu. (BENVENISTE, 1976, p. 288, grifo negro nosso).

Ou seja, o testemunho que José dá sobre a apropriação da língua portuguesa e sua conversão em discursos revela as modificações que suas identidades passam de acordo com o meio no qual produz discursos, seja este *online* ou presencial, e a sua habilidade de atuar nestes

distintos espaços, confrontando as situações comunicativas de acordo com suas vivências e redefinindo-as de acordo com sua realidade. Assim, demonstra, em seus relatos, que a apropriação da língua portuguesa interfere em seus posicionamentos e maneiras de expressão, o que acarreta na sua (re)construção identitária com vistas à cultura na qual está inserido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a proposição de um trabalho em perspectiva interdisciplinar, na qual surgiu a possibilidade de estabelecer pontos de contato entre duas áreas de teorização linguísticas distintas, a Linguística da Enunciação e a Linguística Aplicada, soube que a tarefa seria árdua. Porém, ao perceber que, em ambas as perspectivas de análise, a concepção de que a linguagem é o meio pelo qual o indivíduo é capaz de produzir sentidos no meio social e, conseqüentemente, atuar em dada comunidade, fez com que a tarefa se tornasse, de certa maneira, aprazível. Afinal, como professora de idiomas, a percepção de que a produção discursiva efetiva é o elemento pelo qual é propiciado ao indivíduo a interação com outros falantes sempre foi algo acertado para mim.

Nossos questionamentos iniciais sobre a busca pela produção discursiva com vistas à inserção do falante na comunidade e a alteração de sua identidade, de acordo com a sociedade e a cultura em questão, bem como a sua atuação em diferentes sistemas sógnicos, especialmente os digitais, nos levaram a refletir sobre a construção identitária como plural e fluida, em consonância com as situações discursivas e sociais nas quais o falante se insere, o que nos conduziu ao objetivo geral deste estudo. Esses questionamentos e o posicionamento de Émile Benveniste (2006, p. 101) de que “é a inclusão do falante em seu discurso, a condição pragmática que coloca a pessoa na sociedade” estiveram em mente durante todo o percurso de construção deste estudo, que teve por objetivo geral *investigar, por meio dos relatos do falante, a maneira pela qual as identidades deste aprendiz são construídas em diferentes situações de interlocução, inclusive aquelas instanciadas em meios digitais.*

Com este objetivo em vista, discutimos o processo de construção de identidades. Para tanto, primeiro elaboramos um percurso teórico, no qual discutimos concepções oriundas das áreas enunciativa e aplicada, que nos deram suporte para as discussões sobre língua, sempre relacionada à cultura e sociedade, como concernente à construção das identidades dos falantes. Assim, no primeiro capítulo, discutimos, sob a luz da Linguística Aplicada, as concepções de identidade como forjadas no discurso e a atuação discursiva efetiva como necessária para a inserção do falante na comunidade de fala. No segundo capítulo, com base enunciativa benvenistiana, discutimos a constituição do homem como correlata à apropriação do sistema linguístico e todos os aspectos culturais relativos à dada língua.

Ao aproximarmos as discussões enunciativas e aplicadas, chegamos à formulação de que *as identidades são (re)construídas na e pela linguagem e emergem a cada nova instância*

*discursiva, nas relações com os outros em sociedade, nas quais o falante com seu(s) modo(s) de enunciar altera-se de acordo com as necessidades impostas no evento comunicativo, com vistas à inserção em determinada comunidade de fala, buscando participar dos jogos de poder estabelecidos na e pela linguagem.* Ou seja, em uma perspectiva de diálogo entre o campo enunciativo e o campo aplicado, pudemos atingir um posicionamento no qual conceitos de enunciação, ou seja, de apropriação da língua e sua conversão em discurso com vistas à produção de sentidos, bem como da linguística aplicada, mais especificamente o conceito de competência simbólica, ou seja, a participação efetiva nos jogos de poder, puderam de fato entrar em contato e produzir uma nova perspectiva sobre um tema tão atual quanto é a questão das identidades.

Após termos estabelecido o escopo teórico sob os quais nossas discussões se baseariam, passamos a um capítulo metodológico, no qual aproximamos as duas áreas de análise linguística e estabelecemos pontos de aproximação, bem como as categorias analíticas oriundas de cada uma das áreas que seriam utilizadas nas análises dos relatos coletados. Tais categorias dizem respeito ao ato enunciativo, à construção da intersubjetividade, ao tempo-espço enunciativo, à referência, bem como ao desenvolvimento da competência simbólica que, por sua vez, culminaria na análise da construção identitária do falante.

No capítulo analítico, apresentamos os recortes enunciativos coletados na entrevista com o aluno José. Com base nas categorias listadas na parte metodológica deste estudo, discutimos o testemunho que José dava sobre sua atuação na comunidade de fala brasileira, especificamente a acadêmica, tanto em situações presenciais como em meios digitais. Refletimos sobre a constituição identitária de José fazendo paralelos entre seu *eu* locutor na língua materna e o *eu* locutor na língua adicional, buscando perceber de que maneira o indivíduo visualizava alterações ao apropriar-se do sistema linguístico da língua adicional e de que maneira estas modificações influenciavam na sua postura e no seu posicionamento enquanto aluno universitário e como aprendiz de português como língua adicional.

Nesse aspecto, a partir dos relatos coletados e analisados, pudemos perceber que a aquisição da língua portuguesa como língua adicional, de fato, propiciou ao participante de nossa pesquisa a sua inserção na comunidade acadêmica, tanto nos espaços presenciais, quanto nos espaços virtuais. A partir dos relatos de José, percebemos que a apropriação da língua altera sim a maneira como um indivíduo se porta diante dos eventos comunicativos e, de uma maneira geral, diante da sociedade.

Além disso, nos objetivos específicos do trabalho, havíamos listado, inicialmente, o intuito de refletir sobre a construção da identidade amparando-nos em reflexões teóricas enunciativas benvenistianas e sua interlocução com reflexões da área aplicada, o que cumprimos ao chegarmos em pontos de convergência entre as duas teorias para a formulação de um conceito próprio sobre identidade. Além disso, havíamos proposto a análise, por meio do relato coletado em entrevistas semiestruturadas realizadas com estrangeiros inseridos no contexto universitário brasileiro, da forma como o aprendiz significa a construção de sua identidade, tendo por base as reflexões suscitadas em estudos enunciativos benvenistianos e da Linguística Aplicada, objetivo atingido com base nos testemunhos que José deu acerca de sua atuação na comunidade de fala brasileira, testemunhos esses que demonstraram que a apropriação da língua passou a interferir em sua produção discursiva, tanto em língua adicional, como em língua materna, pois os aspectos culturais inerentes à língua passaram a intervir em suas concepções, posicionamentos e ações, fato que acarretou na sua alteração identitária. Como terceiro objetivo específico, havíamos apontado o intuito de depreender a maneira pela qual a aquisição do português como língua adicional possibilita o empoderamento e a inserção dos aprendizes na comunidade linguística em que se encontram inseridos. Com este objetivo em vista, discutimos o desenvolvimento da competência simbólica evidenciada nos relatos de José, que afirma ter se tornado “outra pessoa” e ser capaz de “expressar o que sente” com base nos valores ético e morais da cultura imanente à língua que adquiriu, a língua portuguesa. Tal fato propicia ao indivíduo a sua inserção nos jogos de poder e a ele é propiciada a oportunidade de trocar bens simbólicos nos discursos com os outros, pois, como apresentamos nas análises, José passa a participar de discussões que até então não faziam partes de suas vivências, pois, nas palavras do aluno, *“minha mente se abriu muito mais conhecimentos que eu não tinha no meu país”*. Como objetivo específico final, propusemos buscar perceber se e de que forma a identidade é forjada nas relações sociais, inclusive quando mediadas por recursos tecnológicos. Evidenciamos, em nossas análises, que as identidades alteram-se conforme o evento comunicativo, bem como o meio no qual os discursos são produzidos. Em situações de interlocução mediadas por recursos tecnológicos, percebemos a alteração para a adaptação ao meio linguístico, no qual a escrita é a principal fonte de transmissão e recepção de sentidos, o que fazia com que o informante alterasse a maneira pela qual expunha suas opiniões e, também, o auxiliava, de certa maneira, pela proximidade na forma de escrita entre sua língua materna e a língua adicional, o português. Já em análises acerca de comportamentos na comunidade acadêmica, percebemos, nos relatos de José, que no momento de sua chegada ao país, não lhe

eram possibilitadas as oportunidades de interação pela falta de domínio do sistema linguístico, acarretando, assim, a sua autopercepção de indivíduo falho, pois a interação que tanto almejava não conseguia atingir. Ao passo que, com o desenvolvimento de competências linguístico-discursivas, José pôde passar a participar das interlocuções e, assim, expor seus ideais e posicionamentos nos mais diversos assuntos, adequando-se conforme o contexto no qual inseria-se, configurando, assim, o desenvolvimento da competência simbólica.

Dessa forma, neste estudo buscamos perceber a maneira como o indivíduo significava a construção de sua identidade, e, diante disso, percebemos que o informante sentiu alterações em seu modo de produzir língua, mas também, e principalmente, no seu modo de atuação. Deprendemos, com base nas análises gerais e específicas dos relatos de José, que a aquisição da língua portuguesa possibilitou o seu empoderamento enquanto atuante na sociedade. Afinal, mais do que apenas converter a língua em sentidos, José nos apontou que suas compreensões e visões diante de alguns assuntos fora alterada também e que, com isso, seus posicionamentos diante destes assuntos também passou por modificações. Isso tudo, conforme visto nas análises, para a sua adequação ao meio e ao contexto no qual visava produzir enunciados. Pudemos confirmar que a apropriação do sistema linguístico e sua conversão em discursos em situações de interlocução está, conforme mencionava Benveniste, intimamente relacionada à sociedade na qual estes discursos são construídos. Explicamo-nos. Com a coleta e análise dos relatos do informante, pudemos atestar que, conforme suas vivências, a inserção na comunidade de fala provocou alterações em seus modos de comportamento e na maneira a partir da qual mobilizava a língua nos jogos linguísticos simbólicos. Tais alterações acarretaram, conforme o que nos diz José, alterações em sua identidade.

A partir desses apontamentos, retornamos aos campos teóricos dos quais partimos. Com base no que apontam Flores e Teixeira (2005), quando discutem a área da enunciação de viés benvenistiano, “sendo o campo constitutivamente heterogêneo, sempre é possível a ele acrescentar um certo olhar sobre a enunciação ou uma interface ainda não abordada” (FLORES; TEIXEIRA, 2005 p. 110). Neste estudo, acrescentamos um novo olhar sobre a enunciação, bem como uma nova interface, ao convocarmos para a discussão as áreas enunciativa e aplicada para a discussão da constituição do falante como correlata à apropriação linguística, social e culturalmente conexa.

Pesquisas de caráter interdisciplinar propiciam o avanço da pesquisa científica, visto que o relacionamento entre áreas distintas do conhecimento gera discussões com novos olhares para um fenômeno, acarretando na diminuição das distâncias e das próprias fronteiras do

conhecimento com vistas ao avanço das compreensões sobre o homem e sua constituição. Acreditamos, dessa forma, que este estudo traz contribuições relativas à compreensão da construção identitária de aprendizes de língua adicional, o que possibilita também a reflexão acerca do processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa enquanto língua adicional.

Por fim, pensamos que uma educação linguística com base na construção da competência simbólica na qual há a compreensão e reconhecimento do discurso como um processo de construção do sujeito pode levar profissionais da educação a refletirem acerca de suas atuações quando atuando em ambientes de ensino no qual diversas culturas estejam presentes, propiciando aos alunos um espaço no qual possam construir-se e reconstruir-se enquanto indivíduos falantes de língua adicional e participantes da vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Ângela Sousa. *O ensino de Português como Língua Adicional na WEB: uma análise multimodal*. 2017. 116 f., il. Dissertação (Mestrado em Linguística)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- BAUMANN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*; tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Tradução Maria da Gloria Novak *et al.* São Paulo: Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães *et al.* 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *Outline of a theory of practice*. Cambridge University Press, 1977.
- BOTTENUIT JUNIOR, João Batista; ALBUQUERQUE, Oda Cristiane P.; COUTINHO, Clara Pereira. WHATSAPP e suas Aplicações na Educação: uma revisão sistemática da Literatura. *Revista Educação Online*. Educomunicação, Educação e Novas tecnologias. v. 10, n. 2, 2016.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Tradução: Roneide Venâncio Majer; São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CAVALCANTI, Marilda C. *A propósito de Linguística Aplicada*. Trabalhos em Linguística Aplicada. N. 7, 1986. Recuperado de <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639020>
- CELCE-MURCIA, Marianne. *Rethinking the Role of Communicative Competence in Language Teaching*. *Intercultural Language Use and Language Learning*, 2007, Springer, p. 41-57.
- DIAS, Reinilde. WebQuests: Tecnologias, multiletramentos e a formação do professor de inglês para a era do ciberespaço. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v.12, n.4, p. 851-881; 2012.
- FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo; *et al.* *Por uma linguística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 45-65.
- FURTOSO, Viviane Bagio. Onde estamos? Para onde vamos?: A pesquisa em português para falantes de outras línguas nas Universidades Brasileiras. In: LUCAS, P. P.; RODRIGUES, R. F. L. (org). *Temas e Rumos nas Pesquisas em Linguística (Aplicada): Questões empíricas, éticas e práticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015, p. 153-195.
- FLORES, Valdir N; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir N. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir N. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017a.

FLORES, Valdir N. Atualidade de Benveniste no Brasil: os aspectos antropológicos de uma teoria da enunciação. *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 13, n. 1, p. 9-18. 2017b.

GAROFALO, Simone. *Português como língua estrangeira e tecnologias digitais: uma experiência com o grupo de discussão on-line no contexto do PEC-G*. 315f. Dissertação (Dissertação em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2014.

GIL, Antonio C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). HALL, Stuart; WOODWART, Katrin. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Vozes: São Paulo, 2000.

KAIESKI, Naira; GRINGS, Jacques Andre; FETTER, Shirlei Alexandra. *Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do WhatsApp*. RENOTE. *Revista Novas Tecnologias na Educação*, v. 13, p. 1-10, 2015.

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. Campinas: São Paulo, Papirus Editora, 2003.

KNACK, Carolina. *Por uma dimensão antropológica do discurso: as passagens do aluno nas instâncias de ensino*. 164f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

KNACK, Carolina. A língua como prática humana: desdobramentos das relações entre língua e sociedade. *Revista do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo*, v. 14, n.3, p. 394-403, 2018.

KLEIMAN, ÂNGELA. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: Os significados do letramento. Campinas: São Paulo, Mercado das Letras, 2008.

KRESS, Gunter. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2004.

KRAMSCH, Claire. *From Communicative Competence to Symbolic Competence*. *The Modern Language Journal*, 2006, p. 249-252.

KRAMSCH, Claire. *The symbolic dimensions of the intercultural*. *Language Teaching*, 2011, p. 354-367.

KRAMSCH, Claire. WHITESIDE, Anne. *Language Ecology in Multilingual Settings. Towards a Theory of Symbolic Competence*. Oxford University Press 2008, *Applied Linguistics* 29/4: p. 645–671.

KRAMSCH, Claire. *The multiple face of symbolic power*. Applied Linguistics Review. De Gruyter Mouton 2016; 7(4), p. 517–529.

LEFFA, V.; IRALA, V. O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade: questões conceituais e metodológicas. In: Vilson J. LEFFA; Valesca B. IRALA. (Orgs.). *Uma espiadinha na sala de aula: ensinando línguas adicionais no Brasil*. Pelotas: Educat, 2014.

MOITA LOPES, Luiz Paulo; *et al.* *Por uma linguística aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2011.

NORMAND, Claudine. *Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 12-19, jan./mar. 2009

NORTON, Bonny. *Investment, and language learning*. TESOL Quarterly, Vol. 29, No. 1, 1995. Published by: Teachers of English to Speakers of Other Languages, Inc. (TESOL)

NORTON, Bonny. *Identity and Language Learning: Extending the Conversation*. Bonny Norton. 2<sup>nd</sup> Edition, 2013.

OLIVEIRA, Giovani Fernandes. *Do homem na língua ao sujeito na escrita: bases para um diálogo entre letramento e enunciação*. 144f. Trabalho de conclusão de curso – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2016.

OLIVEIRA, Giovani Fernandes. Enunciação e cidadania: o replanejamento didático na busca pelas culturas negadas e silenciadas em sala de aula. *Signo*. Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 80, p. 98-121, 2019.

PARREIRAS, Vicente Aguiar. Interação reflexiva na sala de aula virtual e o processo de aprendizagem. In: MENEZES, Vera Lúcia. *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. *Interação mediada por computador: a comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional*. 292f. Tese (Doutorado em Informática). Programa de Pós-Graduação em Informática – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RESENDE, Liliane Assis Sade. *Identidade e aprendizagem de inglês sob a ótica do caos e dos sistemas complexos*. 305f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2009.

ROJO, Roxane Helena R. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, Roxanne H. R.; MOURA, Eduardo [orgs.]. *Multiletramentos na escola* -São Paulo: Parábola Editorial, 2012

ROSÁRIO, Heloísa Monteiro. *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua*. 174f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SILVA, Carmem Luci da Costa. Discurso: lugar de constituição da memória e da identidade? p. 25-43. In: AQUINO, Ivana Campigotto *et al* (Org.) *Língua, literatura, cultura e identidade* [recurso eletrônico]: entrelaçando conceitos. Passo Fundo: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). HALL, Stuart; WOODWART, Katrin. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. Editora Vozes, 2000.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. *A globalização e as Ciências Sociais*. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TEIXEIRA, Marlene. Um olhar enunciativo sobre o discurso. In: BORDINI, Maria da Glória di Fanti; BARBISAN, Leci Borges (Orgs.). *Enunciação e discurso: tramas de sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 62-74.

TEIXEIRA, Marlene; MESSA, Rosângela Markmann. Émile Benveniste: uma semântica do homem que fala. *Estudos da Língua(gem)*. Vitória da Conquista, v.13, n.1, p.97-116, jun./dez., 2015.

## ANEXO A: PARECER DE APROVAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA



**CEPAS / FURG**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA ÁREA DA SAÚDE**  
**Universidade Federal do Rio Grande - FURG**  
[www.cepas.furg.br](http://www.cepas.furg.br)

**PARECER Nº 119/2019**

**CEPAS 39/2019**

**Processo:** 23116.002510/2019-38

**Caae:** 10769219.0.0000.5324

**Título Da Pesquisa:** A construção da identidade na aquisição de língua adicional: análise do relato de alunos estrangeiros sobre a atuação em espaços (não) digitais

**Pesquisador Responsável:** Bruna Berres Hartmann

### **PARECER DO CEPAS:**

O Comitê, considerando tratar-se de um trabalho relevante, o que justifica seu desenvolvimento, bem como o atendimento à pendência informada no parecer 71/2019, emitiu o parecer de **APROVADO** para o projeto: "**A construção da identidade na aquisição de língua adicional: análise do relato de alunos estrangeiros sobre a atuação em espaços (não) digitais**".

Segundo normas da CONEP, deve ser enviado relatório final de acompanhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme modelo disponível na página <http://www.cepas.furg.br>.

Data de envio do relatório final: 31/01/2020.

**Após aprovação, os modelos de autorizações e ou solicitações apresentados no projeto devem ser re-enviados ao Comitê de Ética em Pesquisa devidamente assinados.**

Rio Grande, RS, 31 de maio de 2019.

Prof<sup>a</sup>. Eli Sinnott Silva

**Coordenadora do CEPAS/FURG**

## ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS – PPGL  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LINHA DE PESQUISA: LÍNGUA(GEM), DISCURSO E ENSINO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar na pesquisa de campo referente ao projeto de pesquisa intitulado: **A construção da identidade na aquisição de língua adicional: análise do relato de alunos estrangeiros sobre a atuação em espaços (não) digitais**, desenvolvida por Bruna Berres Hartmann, sob a orientação Professora Dr. Carolina Knack, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), tendo acesso direto à pesquisadora responsável, Bruna Berres Hartmann, através do e-mail XXXXX e telefone XXXXX, assim como ao comitê de ética da Universidade Federal de Rio Grande, CEPAS-FURG, através do e-mail cepas@furg.br e do telefone: (53) 3237-4652.

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) das finalidades estritamente acadêmicas do estudo, que, em linhas gerais é vislumbrar, a partir da perspectiva enunciativa benvenistiana, a maneira como os aprendizes de Português como língua adicional constroem-se identitariamente, a partir de seus discursos, quando inseridos em contextos de usos linguísticos.

Fui informado que os objetivos da pesquisa são, de maneira geral, investigar através do relato dos sujeitos, de que forma a identidade do aprendiz de Língua adicional é construída em seus discursos em diferentes situações de interlocução, inclusive aquelas instanciadas em meios digitais.

Ainda, fui informado dos riscos oriundos desta pesquisa e que, ainda que esteja a par das etapas da pesquisa, posso sentir-me desconfortável com alguma pergunta, além de sofrer possíveis alterações de autoestima e de minha visão de mundo ao perceber a possibilidade de minha atuação não ocorrer de maneira efetiva. Os riscos são mínimos e em caso de efetivo desconforto, fui informado que posso recusar-me a responder os questionamentos, assim como me é garantida a possibilidade de abandono da pesquisa a qualquer momento, sem prejudicar-me ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos, de modo que, se essa for minha decisão, os dados coletados serão imediatamente descartados.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS – PPGL  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LINHA DE PESQUISA: LÍNGUA(GEM), DISCURSO E ENSINO

Como benefícios desta pesquisa, fui informado que os relatos por mim apresentados serão utilizados para tecer reflexões acerca da construção identitária de aprendizes de português como língua estrangeira e evidenciará a maneira como a produção de língua, em um contexto de imersão, terá propiciado, ou não, o empoderamento e capacidade reflexiva acerca dos usos linguísticos. Ainda, fui informado que a pesquisa auxiliará na reflexão acerca de processos de ensino de português como língua adicional, sob um enfoque de abordagem linguística-cultural, auxiliando profissionais da área na reflexão acerca de suas ações enquanto professores.

Fui também esclarecido(a) de que minha colaboração se fará de forma anônima, por meio de coleta de dados a partir de uma entrevista semiestruturada, gravada com o auxílio de um aparelho celular e armazenada em arquivos de áudio, mantidas por um período de cinco anos após o término da pesquisa. O acesso e a análise dos dados coletados acontecerão apenas pela pesquisadora e sua orientadora e coordenadores do programa de Mestrado. Quando da divulgação da pesquisa, garante-se o anonimato dos participantes do estudo.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo “A construção da identidade na aquisição de língua adicional: análise do relato de alunos estrangeiros sobre a atuação em espaços (não) digitais”. Discuti com a pesquisadora, Bruna Berres Hartmann, sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordei voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, entregue em duas vias, uma para mim e outra para a pesquisadora responsável.

Assinatura do(a) participante:

Contato: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora responsável:

Rio Grande, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_

